



Loose Id

Out There
in the
Night

Laura Baumbach

SÉRIE OUT THERE

01

LÁ FORA,

NA

NOITE

OUT THERE IN THE NIGHT

LAURA BAUMBACH



Envio: Soryu
Tradução: Ady Miranda
Revisão Inicial: Lelê
Revisão Final: Elena
Formatação: Serenah
Leitura Final: Evanice



Informação da série:
01 – Lá Fora, Na Noite. – Distribuído
02 - Ripples On The Moon – Sem previsão de
lançamento pela autora

Resumo

Qual é a maneira mais prazerosa para se tornar um lobisomem? Ter sexo com um... e sobreviver.

Uma coisa que o Dr. Connor Jacy está prestes a descobrir, depois de passar uma longa e luxuriosa noite cheia de sexo selvagem e sensual com um misterioso caçador nativo americano que o resgatou após um acidente de motoneve na vastidão do Alasca.

Apenas há alguns dias até a lua cheia e uma vez de volta a sua casa, Connor tem certeza que foi tudo um sonho agravado por seu ferimento na cabeça. Infelizmente para ele os spiritwalkers poderosos de uma antiga tribo indígena já decidiram cruzar um homem moderno da ciência médica com uma criatura mítica e guardião da noite.

Prólogo

Península de Kenai, Alaska - 05 de janeiro de 1905.

A noite ártica estava tão escura e fresca que Adam Lowell sentiu que poderia realmente chegar a tocá-la. Os ventos pegaram a neve gelada e rodaram em nuvens de agulhas afiadas, cristais brancos através do ar amargo, quase obscurecendo a pequena clareira que ele tinha escolhido para erguer acampamento.

Adam colocou o manto espesso de pele de urso, firme em torno dos ombros largos e se precaveu junto ao fogo. Com a ajuda do vento forte, o cabelo longo e reto soltou livre do laço de couro, passando dos ombros como uma cascata negra. Rajadas de vento fizeram os fios grossos dançarem em volta do rosto, primeiro destruindo, em seguida, acentuando suas características faciais.

Filho primogênito do caçador alemão Frank Lowell e sua bonita esposa nativa do Alasca, Wenona, Adam era um homem notável. Com mais de um metro e noventa, uns cento e vinte quilos, era a incorporação de um escuro guerreiro Dena'ina¹, do tipo que não se via há várias gerações. A combinação do melhor de ambos os pais, Adam herdou do pai a constituição imponente, a duradoura força e a inteligência rápida. E também possuía de sua mãe a forte ossatura, a boa aparência escura, os instintos de sobrevivência afiados e, como havia descoberto nos últimos meses, a ligação espiritual com seus antepassados.

¹ O Dena'ina (Também Tanaina) é um povo nativo do Alasca, um povo com linhagem de índio americano. O nome significa "O Povo" e está relacionado com o nome preferido para o povo Navajo "Dene".

Desde a primeira Lua cheia do ano, trigésimo quinto ano de vida de Adam, Spiritwalkers² haviam visitado seus sonhos por várias noites. Apesar das tentativas de seu pai para isolá-lo da herança de sua mãe, Adam viu-se incontavelmente atraído por sua cultura indígena. Especialmente em noites como esta, quando os ventos chamavam e a Lua resplandecia, cheia e brilhante. Hoje à noite, a Lua se escondeu atrás de um véu laranja enferrujado. Adam nunca tinha visto nada parecido. Ele se deliciava sob a luz, o brilho obscuro aquecia o seu espírito.

Os ventos acenavam-lhe, mexendo com seu sangue como agitavam os flocos de neves, inquietas agora, rodando em torno de sua cabeça. Eles o tinham atraído a partir do conforto e segurança do estabelecimento de seu pai, cada vez mais longe na noite gélida e os perigos do indomável deserto circundante do seu mundo. Hoje à noite, os ventos disseram que estavam convocando-o para casa, uma casa que Adam nunca tinha visto.

Caçador nato, predador experiente das espécies menos qualificadas e mais fracas que habitam seu território, Adam preferia caçar à noite, perseguindo os perseguidores - o urso, o manhoso gato selvagem, o lobo errante. Muitas das peles premiadas comercializadas na loja do pai foi o resultado das noites passadas à espreita sob o Luar. Nessas noites especiais, Adam estava no topo do jogo. Nada escapava à mira de seu rifle. Ele era o último dos caçadores primitivos, com os ventos no rosto e os sentidos afinados.

Mas esta noite, os ventos cantaram uma música nova em seus ouvidos. Luar laranja iluminando o caminho, levando-o cada vez mais fundo na tundra³ gelada, Adam foi puxado para além dos limites do território familiar, mais do

² Espíritos andarilhos.

³ A tundra ártica surge no sul da região dos gelos polares do Ártico, entre os 60° e os 75° de latitude Norte, e estende-se pela Escandinávia, Sibéria, Alasca, Groelândia e Canadá. Situada próximo do polo norte, recebe pouca luz e pouca chuva, apresentando um clima polar, frio e seco. O solo permanece gelado e coberto de neve durante a maior parte do ano, a vegetação é rasteira, não possui árvores com abundância de musgos e líquens.

que nunca antes percorrido. Hoje à noite, Adam sentiu a chamada dos Spiritwalkers.

Respeitador do mundo espiritual e das exigências dos Anciões, Adam teve o cuidado de escolher uma clareira para o seu repouso. Lá, ele construiu uma pequena fogueira e ficou esperando, aguardado a busca do sonho que ele, instintivamente, sabia que iria descer sobre ele.

Pouco antes da meia-noite, um cansaço pesado nublou sua mente e drenou sua força, normalmente substancial. Ele deixou a letargia insidiosa reclamá-lo e dormiu rapidamente, em seguida. Aconchegado junto ao fogo crepitante, enfiado nas dobras do manto de espessa pele de urso, cercado por quilômetros de campos glaciais desprovidos de vida de outro ser humano, Adam Lowell começou a sonhar.

Em seu sonho, Adam tornou-se seu espírito totem, o lobo cinzento. Um enorme animal revestido de preto, de pernas longas, com olhos laranja enferrujado, a cor da Lua nessa noite. Os únicos vestígios de sua forma humana ainda estavam presentes nas duas faixas de prata trançadas no longo pelo preto no lado esquerdo da cabeça. Ele podia sentir o peso oscilar contra o rosto enquanto atravessava a paisagem congelada, por cima de colinas e nas densas florestas de árvores altas, estimulados pelo conhecimento instintivo de que alguma coisa o seguia de perto.

Eventualmente, tornou-se ciente de vários lobos se juntando a ele na corrida. A matilha veio de trás e descendo as colinas de ambos os lados, formando um semicírculo ao seu redor, mas nunca se distanciando, nem chegando a correr nuca e pescoço com ele. Era o líder da matilha, o macho alfa, o maior e o mais forte.

Depois do que pareceram horas, Adam abrandou e a matilha respondeu à sua liderança, diminuindo com ele, chegando mais perto e reunindo-se a ele, até que ele parou na pequena clareira que o Adam humano havia escolhido. A matilha se submeteu e mordiscou, uivando a aceitação ou indiferentes insultos contra ele, embora ninguém fizesse um gesto

grave para desafiá-lo. Adam, de repente, sentiu um vínculo de parentesco com os animais que o seu espírito mestiço humano nunca experimentou.

Sentindo-se estranhamente satisfeito com a situação surreal, Adam olhou para estudar as patas enormes em frente a ele, impressionado com o tamanho e o poder de sua nova forma canina. O feixe de Luar caiu sobre suas patas dianteiras. Enquanto ele observava, as pernas esticadas cresceram, mudando para uma forma bizarra em algum lugar entre lobo e humano. Ofegante, ele levantou as mãos cobertas de pelo ao rosto para encontrar um atarracado focinho nitidamente inclinado, coberto de curto e grosso cabelo. Ele ostentava orelhas pontudas, uma juba espessa de pesado pelo protetor no pescoço e os dentes que tinham triplicado em tamanho e comprimento. Ele foi se transformando mais uma vez, a partir de lobo primitivo para Spiritwalker antigo.

Um coro súbito de uivos desesperados levantou-se da matilha envolvida. Chocado, o olhar de Adam arremessou-se para testemunhar as transformações ocorrendo ao seu redor com sua matilha de lobos, macho e fêmea da mesma forma, mudando.

Assustado com a realidade, o sangue frio uivando, Adam acordou abalado pela busca do sonho, ofegando arduamente e coberto de suor, aliviado por estar de volta ao mundo real. Mas o alívio durou pouco. Os sonhos eram nebulosos e os olhos lutavam para se concentrar nas sombras dos arredores. Depois, mais claros, eles se instalaram em um par de brilhantes e sujos olhos laranja fixados em um enorme rosto quadrado, coberto de pelos pretos, a menos de um metro de distância do seu. Adam alcançou a pistola no cinto, mas o enorme lobo pulou para frente, rasgando a carne de seus braços, ombros e, finalmente, seu pescoço.

Adam gritou, a dor do ataque de curta duração fora excruciante. Ele caiu no chão em uma pilha sobre o manto de urso, o corpo devastado, a mente nublada com perguntas e sua vida desaparecendo.

Ao redor do fogo, as sombras dançaram nas proximidades e os ventos carregaram o som de flautas e tambores. O fogo deflagrou as chamas, subindo maiores no céu noturno. Adam sentiu seu espírito sair do corpo e subir para o ar com eles. Cânticos juntaram-se à música e uma onda de poder rasgou através do corpo, enfraquecendo Adam. Desenfreada força e autoconfiança substituindo a dor e o medo, um senso de propósito encheu a alma de Adam quando seu espírito voltou para ele.

A última coisa que o ser humano Adam Lowell viu antes de desmaiar foi a criatura destinada a ser uma parte dele para sempre. A besta negra que o atacara era a última da espécie quase extinta do enorme lobo cinza que os cientistas chamam *alces Canis lupus*⁴, mais conhecidos na cultura nativa de Adam como ***Skinwalker***, ou lobisomens.

⁴ Esta subespécie extinta é dito ter tido em torno de 2,10 m de comprimento, medindo até 1,10 m de altura, e pesando cerca de 90 kg, um tamanho que beneficiou a espécie em sua caça para o grande alce que percorria a península. A espécie foi classificada em 1944 como uma das quatro subespécies no Alasca por Edward Goldman. Embora exista uma população de lobos atual na península, a falta de semelhança genética com a espécie original resultou em uma classificação de extinção do original.

Capítulo 1

Península de Kenai, Alaska - 01 de janeiro de 2005

O ártico acabou por ser tudo o que o Dr. Connor Jacy esperava e muito mais. Selvageria crua da terra e da vida simples do povo, ambos os povos nativos do Alasca e colonos, apelavam a uma parte do anseio do jovem médico para uma existência menos complicada.

Connor era um bom médico, muito atencioso e altamente qualificado. Com apenas um metro e setenta e três e setenta e quatro quilos, era pequeno, mas bem musculoso. Ativo em vários esportes de atletismo desde a infância, ele tinha uma resistência que deixava seus colegas menos aptos fisicamente na poeira quando se tratava de lidar com os rigores e exigências de uma prática médica agitada.

Com trinta e dois anos de idade, Connor já tinha se cansado da prática família suburbana que tinha compartilhado com nove outros médicos. Sua carreira escolhida tinha suas recompensas, mas não se mostrou tão satisfatória quanto Connor imaginara.

Durante toda sua vida ele quis ser um médico, mas agora, algo dentro dele ansiava por mais emoção e aventura.

Cheio de uma necessidade indefinível de deixar para trás o ruído e as restrições da vida da cidade para explorar algumas das terras intocadas da natureza, escolheu uma região remota da península do Alasca para sua primeira aventura ao tornar-se membro de uma equipe itinerante de saúde.

Especialistas em assistência médica eram difíceis de encontrar nas povoações remotas e a empresa local recebeu ansiosamente um saudável, jovem e credenciado médico licenciado.

Quando o belo e convincente Dr. Greg Pierce, da Clínica Pierce em Nekenano no Alaska ligou, com seu charme sedutor durante a entrevista de colocação, Connor não conseguia encontrar uma razão para resistir à tentação do deserto gelado do Alasca. Seria o ponto de partida na busca de novas aventuras. Quem sabia que coisas maravilhosas esperavam por ele lá fora?

Magro, com cabelos loiros ondulados e olhos verdes vibrantes, Connor era um homem atraente para a maioria dos padrões, apesar das imperfeições. Uma pequena, mas óbvia cicatriz em forma de lua crescente, acima da face esquerda, era um testemunho duradouro de um incidente bizarro com uma xícara de café quando ele tinha oito anos. Outra cicatriz meia-lua no canto do olho direito, adquirida em um acidente numa escalada, acrescentava uma sutil dobra fora do centro no rosto do rapaz, quando ele sorria. Seus pequenos dentes brancos, pele bronzeada pelo sol e queixo forte acrescentavam exuberância, para completar a aparência saudável.

Connor preferia vestir jeans usados a calças moles e suaves, camisas amassadas de sarja, do que camisas sociais e gravatas restritivas. Ele gostava de roupas confortáveis e resistentes e de ser desafiado pela natureza e pela vida.

Agora, o desafio veio de um tipo diferente de força da natureza, seu atual amante e chefe, Dr. Greg Pierce. Chefe da equipe médica na pequena clínica da cidade, Greg era também o único responsável pela existência do posto médico.

Alto, moreno, ridiculamente rico, bonito e com alguns comportamentos do velho mundo, Greg usou tudo para conseguir o que queria. Ele havia perseguido implacavelmente todos os seus anseios. Hoje, como fazia todos os dias desde o início de seu relacionamento de cinco meses, o Dr. Greg Pierce perseguiu a única coisa que não poderia ter.

-Vamos, amante. Como você sabe que não vai gostar se nunca tentou isso? - Greg traçou a curva da pequena e firme bunda de Connor e suavemente massageou a base da espinha, desviando em direção ao seu alvo.

Connor apertou a bunda e rolou para longe do carinho sedutor, bem ciente de onde os dedos em questão se dirigiam. Era muito cedo da manhã para isso.

-Eu não preciso ter uma estaca de barraca enfiada na bunda para saber que não vou gostar. A mesma coisa vale para o seu pênis, Greg. Não estou interessado. - Ele puxou um canto da cobertura de flanela sobre os quadris e chegou para sacudir a ereção ansiosa de Greg. Ele estava muito cansado para discutir sobre aquele velho argumento. Era mais fácil desviar a atenção do homem.

Em uma manobra realizada somente por causa da rija rapidez, Connor se lançou para cima e sujeitou o parceiro mais alto na cama pelos quadris. Sorrindo agora, entre as pernas esticadas de Greg, explodiu um fluxo de ar quente sobre as bolas dele e viu como elas se apertaram em resposta. O sorriso de Connor aumentou quando Greg sugou ao respirar, contorcendo a bunda contra o colchão.

-Além disso, amante, há lugares mais interessantes para colocar o seu pênis. Uma bunda é apenas um buraco seco, mas a boca... - Ele chupou a ponta escura e cheia do pênis de Greg dentro dos lábios e rodou a língua sob a borda sensível, então estalou para fora, fazendo um som molhado de sucção. -Uma boca é um buraco quente, bastante molhado - Lambeu até um lado do eixo curvo. Do outro. Então para baixo. Ativo.

-Talvez. - disse Greg, - Mas nada se compara a um apertado e quente ânus, Connor. Confie em mim. - Ao contrário de suas palavras, Greg se arqueou para cima, a voz tensa e sem fôlego. Assobiando, ele se abaixou e enfiou as mãos pelos cabelos longos e loiros de Connor.

-E, confie em mim, Greg, minha bunda não pode fazer isso.

Connor passou os lábios para baixo no eixo espesso, tocando cada veia e saliência. Quando ele chegou à base, lambeu o saco enrugado, sugando primeiro uma bola, depois a outra. Puxando o saco completamente

umedecido para um lado, ele serpenteou a língua mais para trás, provocando o pulsar da raiz do pênis de seu amante, onde se juntava ao osso pélvico. O som ofegante, pesado e o controle firme da cabeça, mostrou que Greg fora adequadamente distraído.

Trabalhando o caminho de volta para a ponta que vazava, lambeu a gota branca de esperma da fenda, esfaqueando a abertura com a ponta da língua endurecida. Ele lentamente sugou a cabeça de novo, correndo a ponta da língua sob a borda sensível. Quando Greg gemeu e começou a empurrar os quadris, Connor balançou a boca cheia de saliva que fluía da boca, banhando apenas a cabeça com o fluido corporal quente.

-Jesus, Connor. Chupe-me! - Greg empinou, deslizando o pênis para o fundo da garganta de Connor. -É isso aí. Faça isso!

Apertando firmemente o cabelo enrolado em torno dos dedos, Greg balançou a cabeça de Connor para cima e para baixo, facilitando mais do seu eixo na garganta dele.

Engasgando ligeiramente, Connor desajeitadamente se levantou sobre os joelhos e engoliu o pênis de Greg. A ponta redonda cutucou o fundo de seu palato mole. Ele mudou o ângulo do pescoço para deixá-lo deslizar mais para baixo da garganta. O cheiro do caro hidratante para o corpo de Greg se misturou com o cheiro de suor, fazendo cócegas em seu nariz quando se enterrou no cabelo encaracolado da virilha do outro homem. Esvaziando as bochechas, Connor chupou forte e trabalhou os músculos da garganta.

Greg grunhiu e puxou os joelhos para os lados. Connor olhou para cima, o olhar semicerrado dos olhos cor de avelã, entorpecido pela luxúria, vorazmente, levando-se em cada movimento seu.

-Cristo, você é bom. - Greg lambeu os lábios secos, a ponta da língua pressionada contra a borda externa do lábio superior. Seu rosto estava vermelho e contorcido num esgar de necessidade não satisfeita.

Com a mão livre, Connor imediatamente pegou a própria ereção completa, acariciando-a no mesmo ritmo dos impulsos bruscos de Greg. Ele sentiu a pulsação do eixo entre os lábios úmidos e apressou-se a segurá-lo com ambas as mãos. Deslizou uma mão suada do topo para a base do pênis carnudo e seguiu imediatamente com a outra mão úmida, repetindo o movimento suave mais e mais, enquanto chupava a cabeça. Ele sabia, por experiência própria, que isso era como afundar num túnel sem fim, apertado e quente. Celestial.

-Foda, foda, foda, FODA!

Greg, obviamente, sentiu o mesmo. Antes de Connor poder se preparar, um fluxo espesso de sêmen quente, ligeiramente amargo, atingiu o céu de sua boca e escorreu para a garganta. Ele continuou a sucção, degustando do spray, tentando respirar e manter o ritmo ao mesmo tempo.

Depois de alguns golpes mais firmes, o controle sobre seu cabelo lentamente diminuiu e a ereção de Greg deslizou por entre os lábios de Connor com um ligeiro som de sugar. O eixo flácido caiu para frente, batendo em uma coxa peluda. Greg saltou com o impacto.

-Fácil!

Liberando a cabeça de Connor ele carinhosamente passou as mãos para baixo de cada lado do rosto dele.

-Te digo, ninguém faz isso da maneira que você faz.

Sorrindo como um gato Cheshire⁵, Connor se deitou na cama ao lado do amante saciado à espera de Greg para retornar o favor.

-Disse para você. Não importa o quanto queira minha bunda, nunca vai encontrar uma língua lá. - Ele agarrou o próprio pênis e começou a acariciá-lo para aliviar a dor por trás das bolas. Sorrindo, ele empurrou os quadris sugestivamente e acrescentou: - A menos que seja a sua.

⁵ O Gato de Cheshire é um gato fictício, personagem do livro Alice no País das Maravilhas de Lewis Carrol.

Greg se deslocou para a beira da cama e se sentou, com os olhos no alarme do relógio na mesa de cabeceira.

- Ainda quero o seu rabo. - Ele bateu na perna de Connor com um tom de falsa solicitude na voz. - Mas qualquer discussão a mais sobre isso vai ter que esperar. Tenho uma reunião em dez minutos.

Greg saltou da cama e começou a recolher as roupas que tinha deixado espalhadas pela sala. Estava com pressa para subir na cama com um Connor sonolento, esperando para pegar o homem em um clima mais receptivo ao seu argumento persuasivo. E mais uma vez, falhou. Puxou a calça e agarrou a camisa e o suéter nos braços. Seu olhar continuava a percorrer a sala, procurando algo mais.

Espantado, Connor apontou seu pênis ainda duro.

-O quê? Espere! Um de nós ainda não acabou, aqui!

Greg pegou as botas e procurou as meias no chão, sem olhar na direção de Connor.

-Desculpe, amante. Você sabe que nós estamos com falta de pessoal desde que Tom teve o ataque de coração que o mandou de volta para Jersey. Seu substituto chega esta manhã. Ele está provavelmente lá embaixo agora. - Greg viu uma meia debaixo da cama. Caiu sobre um joelho para recuperá-la, chegando diretamente na linha do pênis de Connor ainda duro.

Empurrando seu eixo em direção ao rosto de Greg, Connor franziu a testa quando o convite foi ignorado e ele se levantou.

-Eu não lhe disse que tinha um compromisso? - Greg recuou e continuou andando até que seus quadris fizeram contato com a porta do quarto.

Chateado e frustrado, Connor jogou um braço sobre os olhos para bloquear a visão do leve sorriso do outro homem.

-Não, Greg, você não mencionou isso. - Ele deu um suspiro longo de sofrimento. - Se tivesse, teria chutado você para sair daqui no momento em

que apareceu esta manhã. - Sentindo-se usado, acrescentou: - Se você não tem tempo para fazê-lo direito, não comece.

-Connor, não fique irritado. Não pode ser sempre sobre você. - A falsa mágoa em sua voz acrescentou apenas a ponta do que precisava para endurecer o coração de Connor.

-Desde quando foi sobre mim? - Ele não precisava tirar o braço do rosto para saber que havia um brilho nos olhos de Greg. Ele podia ouvir em sua voz. Este era o seu jeitinho de fazer Connor pagar por se recusar novamente. -Você é um idiota egoísta às vezes, Greg.

-Eu sei. - Greg suspirou dramaticamente. -É uma maldição. Mas eu aprendi a viver com ela. Você também precisa aprender.

O tom doce e trocista ralou os nervos de Connor, mas ele se recusou a dar ao homem a satisfação de mostrar irritação mais do que já tinha.

-Se você não vai ajudar aqui, saia. - Ele se abaixou e começou a acariciar o pênis, o dedo circundando a cabeça em uma forma de lazer que não sentia. - Tenho coisas para fazer.

Ele estava quase se divertindo quando um grito triunfante da porta o fez empurrar para baixo o braço e levantar a cabeça do travesseiro.

-Ah ha! Peguei você!

Greg pulou do outro lado da sala e se inclinou sobre Connor, um braço suportando o peso, enquanto colocava o outro sobre a cabeça de Connor. O brim áspero do jeans de Greg esfregou contra a ereção de Connor, fazendo-o saltar e chiar.

Por um breve momento pensou que Greg havia reconsiderado, até que pegou um cachecol verde escuro e desceu da cabeceira da cama. Devia ter caído ali mais cedo, no frenesi para se despir. O cachecol era feito da mais suave caxemira e era o favorito de Greg. Ele o usava em todos os lugares, mesmo no interior.

Ele estava tão perto que Connor podia ver o brilho de divertimento nos olhos de Greg, os flocos de ouro na avelã pálido mais pronunciado do que o habitual. O cheiro de esperma e aftershave⁶ preenchendo seus sentidos e o pênis dele sacudiu impacientemente em sua mão.

Sorrindo sedutoramente, Greg lentamente recuou com um olhar divertido fixo em Connor. Ele puxou o lenço por sobre o peito de Connor e pelo estômago abaixo, provocando mais sua virilha e deixando-o acariciar a ponta de sua ereção tensa.

Greg acenou para o pênis que tremia entre eles e com sua voz num sussurro suave e sensual de promessa, disse:

-É melhor tomar um minuto extra, um minuto e meio no chuveiro e fazer algo sobre isso, garotão. Não quero assustar o novo ajudante.

Com um puxão final no lenço, Greg chicoteou o pênis de Connor e correu para a porta. Ela se fechou justo quando o travesseiro atingiu o batente.

-Bastardo vingativo!

A voz de Connor soou oca e vazia. Perguntou-se sobre a possibilidade de Greg nem ter reparado, então silenciosamente repreendeu a si mesmo por dar crédito ao *playboy* porque estava muito sensível. Greg era um bom amigo e um cirurgião fantástico, mas era um amante podre. Pelo menos, um amante podre para ele. Doeu que tivesse saído.

Ele queria mais do que Greg podia lhe dar. Queria compromisso, uma espécie de conexão espiritual com o homem que iria finalmente decidir se estabelecer. E Connor tinha um plano para se estabelecer. Assuntos casuais e camaradas de foda o deixavam frio e solitário. Ele não conseguia ver sua vida passar como Greg, pulando de cama em cama.

No final do corredor, ouviu Greg bater a porta da sala. Ele soltou um suspiro profundo e se sentou. Balançando as pernas para fora da cama, se

⁶ Líquido usado depois de se barbear.

levantou cuidadoso com a ereção ainda dolorosamente cheia. Foi para o chuveiro e preparou a água em jato cheio, deixando o poderoso chuveiro pulsante sobre o rosto e o peito antes de dirigir a pulverização deliciosamente quente sobre a virilha.

Apesar de tudo, Greg tinha seus pontos positivos. O homem podia ser um espinho total, mas era um médico atencioso e generoso com seu dinheiro, embora possuísse hábitos e complexos divinos como todos os cirurgiões, especialmente os realmente bons. Greg era um médico excelente e seu ego combinava com sua habilidade.

Agarrando a esponja favorita e um sabonete na prateleira no canto do banheiro, se ensaboou e agressivamente lavou os restos do clímax de Greg do seu corpo. Por um tempo a frustração e raiva desapareceram, a pele brilhava com um vermelho resplandecente. Ele aliviou a pressão passando a esponja molhada e escorregadia mais para baixo, arrastando a espuma lentamente em cada vinco da virilha, ignorando deliberadamente o pênis que vazava. Após várias passagens, ele trabalhou em volta e sob o saco, sentindo as bolas apertarem e puxarem para cima com a atenção há muito aguardada.

Mudando a direção da água do chuveiro sobre os mamilos e escorrendo pelo corpo, Connor mudou o jato forte para uma névoa fina para acalmar a carne aquecida. Relaxando, fechou os olhos e deixou a fantasia de seu amante habitual se juntar a ele. Usual desde que chegara ao Alasca.

Desde a primeira noite no assentamento isolado há cinco meses, seus sonhos molhados e fantasias tinham apresentado um homem que Connor sabia nunca ter encontrado antes. O homem escuro com o corpo tonificado tinha ombros largos e bem definidos, com peitorais protuberantes e o abdômen duro. Abaixo dos quadris fortemente desenvolvidos se encontrava um par de coxas grossas e cônicas e panturrilhas sólidas, todas as características de um fisiculturista ou de um corredor sério.

Ele nunca conseguia ver o rosto do homem, mas o véu de cabelos negros balançando e passando dos ombros era amarrado com tiras de couro cru, conforme o costume tradicional nativo do território do norte. Quem seu subconsciente havia criado era nativo americano, musculoso e muito, muito sensual.

Sensações e fantasia assumiram, Connor podia realmente sentir as mãos do homem se mover na esponja com textura áspera sobre as bolas e até o pênis. Ele ofegava e gemia com a espuma escorregadia e lutava com a áspera superfície porosa para ver qual deles poderia dominar seus sentidos. Uma mão grande e forte segurava seu eixo por inteiro, trabalhando a esponja para cima e para baixo em firmes movimentos de prazer.

Tenso, Connor caiu de costas contra a parede do chuveiro com a mão rude, outros dedos empurraram o peito, os dedos persistentes comprimiam e provocavam um mamilo. Quando a protuberância cresceu, inchada e ereta, a mão foi para o outro, torcendo e puxando até Connor mal poder tolerar a atenção.

O afago em seu pênis aumentou de ritmo, o declive molhado da mão e a esponja girando em torno da cabeça do seu eixo no curso ascendente e, em seguida, escorregando para baixo, para acariciar o saco apertado até embaixo.

Em sua mente podia ver o peito bronzeado pingando se aproximar, as mãos implacáveis trabalhando mais rápidas, o longo e macio cabelo zibelina balançando levemente para baixo, passando pelo ombro, a pele chiando em cada ponto de contato. O homem era esculpido no peito sem pelos, aproximando-se o suficiente para que Connor quisesse percorrer com a língua e provar a carne cor de canela. As bolas se apertaram mais e o clímax agitou a base da espinha, então o pênis gritou pela libertação da tortura deliciosa. Um toque a mais rodando sobre a cabeça do pênis e Connor corcoveou em torno do punho, com a bunda fortemente apertada, o pênis pulsando um fluxo de esperma branco e espesso.

A força do orgasmo enviou luzes brancas e quentes, como se fossem fogos de artifício explodindo atrás dos olhos, fazendo a fantasia do amante de Connor vacilar e borrar. A pele lisa e os músculos ondulado se transformaram em uma pele de pelo preto e grosso e as mãos sensuais encurtando até virarem patas de animal. Um rosnado gutural rolou pela mente de Connor e o clímax se intensificou, até as convulsões das bolas doerem.

Assustado com a nova reviravolta em sua fantasia perfeita, Connor perdeu o equilíbrio e escorregou, batendo contra a borda das prateleiras embutidas e derrubando um frasco de xampu no chão.

-Merda! Que *diabos* foi isso? - Apesar de assustado, uma onda de luxúria rolou por ele. Não se lembrava de ter ficado tão ligado. Olhos arregalados e mente cambaleando, rapidamente enxaguou os restos da espuma e os copiosos respingos de sêmen.

Ao sair do chuveiro com pernas instáveis, Connor pegou a toalha e cambaleou para fora do banheiro para se vestir, ansioso por examinar seriamente aquela atração súbita por um parceiro decididamente selvagem.

Capítulo 2

Vinte minutos depois, confortavelmente vestido e extremamente satisfeito, sentindo o ego menos machucado, Connor caminhou até a escadaria do alojamento e foi até a cozinha. Pegou uma xícara de café de uma cafeteira fumegante e atravessou a enorme e confortável sala de estar até o corredor de ligação que ia do alojamento para a clínica.

Greg tinha gasto livremente seu dinheiro remodelando o antigo alojamento. A metade frontal tinha sido transformada em uma moderna clínica cirúrgica, enquanto a traseira era agora um alojamento rústico e acolhedor com uma encantadora sala de estar central, uma lareira e uma sala de jantar enormes e uma espaçosa cozinha. O segundo andar tinha quartos suficientes para abrigar confortavelmente até cinco membros da equipe. Os quartos eram acolhedores e espaçosos. Cada um tinha o seu próprio e bem equipado banheiro privativo.

Um outdoorsman⁷ entusiasmado com uma vida de privilégios e riquezas, o mimado homem hedonista trouxe com ele muitos dos pequenos luxos da vida como a fortuna da família e um plano de Bush que poderia mandá-lo para um assentamento remoto no Alasca.

A pousada era luxuosa de uma forma rústica, charmosa, mas Connor nunca entendeu por que Greg ficou. Viver nesta terra remota longe dos holofotes realmente desviava da personalidade do *playboy* que Greg apresentava ao mundo.

Connor suspeitava que algo grande acontecera, para fazê-lo isolar-se aqui. Também suspeitava que Greg nunca se sentiria confortável contando a ele sobre isso, pois sabia em seu coração que eles eram apenas amantes físicos,

⁷ Indivíduo que passa muito tempo ao ar livre; pessoa que gosta de esportes praticados ao ar livre (caça, pesca, etc.)

não almas gêmeas. Tudo o que Connor sabia ao certo sobre o lugar era que Greg tinha montado a clínica depois de visitar a região em uma viagem de caça há três anos e nunca mais a deixara.

Bebendo da xícara com o rico café-gourmet na mão, Connor lembrou-se que realmente não devia reclamar. Todo mundo na pequena cidade tinha se beneficiado da autoindulgência de Greg, especialmente a equipe médica e os trabalhadores locais que ajudavam a manter a clínica funcionando. A vida na remota cidade de Nekenano era a melhor desde Greg Pierce chegara.

Quando seu contrato expirou em um mês, Connor não sabia se ia ficar. Não tinha certeza se ele e Greg iriam ficar juntos como amantes. Nunca gostou de ficar sozinho. As pessoas aqui não tinham preconceito com gays, no entanto parece não haver mais nenhum outro gay além de Greg e ele mesmo. Ele não achava que poderia ficar em um relacionamento apenas por sexo, mas não queria ficar em um lugar onde não havia esperança de ter um relacionamento íntimo, de qualquer forma.

Suspirando, Connor bebeu outro gole do satisfatório líquido quente e empurrou a pesada porta da clínica para a sala de espera. A grande sala era forrada com firmes e confortáveis cadeiras e vários sofás pequenos. Havia abajures de mesa e lâmpadas de assoalho em lugares discretos, lançando um brilho suave nos cantos da sala funcional, mas elegante.

Na outra extremidade, uma área aberta emoldurada por meias paredes definiam o posto de enfermagem e a área do escritório. Ao longo dos grossos e toscos troncos, cartazes coloridos de cada assunto imaginável cobriam as paredes, fazendo um interessante e eclético papel de parede. A lareira levantava um fogo alegre atrás de uma grade de ferro de proteção.

Do outro lado da sala, Greg se encostou à bancada revestida com lona cinza ordenadamente pressionada e perfeitamente coordenada, com uma camada de carvão para isolar o som, que deixou manchas de prata em seus olhos cor de avelã. Connor observou enquanto Greg tomava um gole de café,

vendo o escuro cabelo de seu amante com cachos despenteados ainda descuidadamente úmidos do chuveiro. O Dr. Greg Pierce era definitivamente de impressionar.

Connor considerou arrastar o homem para a cama, mas a visão do lenço verde em volta do pescoço de Greg fez com que ele imediatamente mudasse de ideia. Ao invés, passou a mão pelo próprio cabelo molhado, fracassou ao querer manter a franja excessivamente longa fora dos olhos e tentou suavizar as rugas da camisa favorita de flanela azul. Dando a Greg um breve aceno de cabeça, virou-se para cumprimentar o outro homem.

-Bom dia, Mitch. - Connor ergueu a caneca, gesticulando em direção à cozinha na parte de trás da casa. -Há café fresco na cozinha.

-Obrigado, Doutor. Já tomei. Essa é a segunda caneca. O primeiro que bebi era puro.

Bonito em um corpo robusto, de forma resistente, com longos cabelos negros e pontudos, aspecto honesto, Mitch Red Elk era um dos dois guias nativos americanos empregados da clínica. O outro guia, Dark Eaglehawk, ficava geralmente com Mitch no período da manhã. Connor acenou para o velho guia e foi cumprimentar o novo médico na pista.

A principal função dos guias era ajudar quando os médicos tivessem que atender chamadas de casa ou necessitassem de transporte para locais remotos de caça para atender emergências. Os dois passavam uma boa parte do tempo fazendo pequenos reparos em volta da pousada e em levar recados para os médicos e pessoal.

- Olha só. Você e Dark são sempre os primeiros. Vocês dois parecem nunca dormir.

Connor arqueou as costas até que ouviu o estalido satisfatório do encaixe da vértebra.

- Eu não sei como fazê-lo.

Mitch sorriu, um brilho travesso iluminando os olhos negros.

-Nós dormimos. - Seu seco humor habitual veio à tona. -Fazemos isso só. Torna muito mais fácil de levantar na hora certa.

Sentindo o fluxo de sangue indo para as faces, Connor grunhiu e mergulhou a cabeça, fingindo tomar um gole de café, até que o silêncio se tornou desconfortável. Ele olhou para cima e viu o canto dos lábios de Greg se contraírem com o esforço óbvio de conter um sorriso. Connor fez uma careta, sentindo a mágoa que queimou mais cedo pelas brasas do que estava se tornando rapidamente os restos de seu relacionamento.

Olhando diretamente para os olhos risonhos de Greg, Connor disse calmamente:

- É um bom conselho, Mitch. Acho que vou fazer isso daqui por diante.

A faísca de diversão esmaeceu nos olhos de Greg, deixando-o de boca aberta e sem palavras.

Connor virou as costas e afastou-se para olhar as grandes janelas de vidro que revestiam a frente da sala de espera. Ao passar pelo guia de ombros largos, Connor deu um suspiro de alívio ao ver de volta a neutra expressão usual de Mitch. Ele passou por um momento bastante difícil ao lidar com Greg zombando dele no início da manhã, então não precisava de mais alguém fazendo o mesmo.

O som de pés ligeiros no tapete grosso disse-lhe que um dos dois homens o seguira. Ele tinha certeza quem era quando mãos familiares, de dedos longos, agarraram seus ombros e começaram a massagear os músculos tensos de uma maneira decididamente sedutora.

-Vamos, Connor, não faça isso. - Greg baixou a voz para um sussurro rouco, provocando arrepios na espinha de Connor. -Eu *realmente* precisava sair. - Sua voz assumiu um tom de pleiteada sinceridade.

-O avião já pousou. Dark estará aqui com o novo homem a qualquer minuto.

A tosse lembrou-lhes que Mitch ainda estava no perto. Connor se inclinou um pouco longe da restrição das mãos de Greg, que não parecia registrar o som, ignorando-o, como geralmente ignorava na maioria das vezes o que Mitch dizia ou fazia.

Um murmúrio discreto flutuou por eles quando Mitch saiu da sala.

-Acho que vou começar com uma xícara de café, depois de tudo. - A porta entre a clínica e a cabana clicou ao ser firmemente fechada.

Greg se aproximou por trás de Connor e soprou em seu ouvido.

-Você sabe o quanto eu gosto de fazer amor com você, amado. - Molhou a ponta da língua no exterior da concha, umedecendo-a e respirou pesadamente sobre ele, fazendo Connor tremer quando o ar quente atingiu a pele molhada. -Sugando-o. - Greg sussurrou com boca no lóbulo da orelha pequena. -Esfregando nossos pênis inchados juntos, então, - mordiscou-lhe a orelha. -Puxando-o para cima de mim.

O calor do corpo de Greg irradiada através das camadas de roupas e deixou Connor escaldando de novo. O cheiro fresco de sabonete e perfume caro encheu sua cabeça, trazendo de volta lembranças de tempos mais felizes, com mais conteúdo.

Connor suspirou e relaxou no calor familiar do alto e amplo corpo de Greg, que continuou mordiscando e mudou, beijando a pele sensível atrás da orelha, um ponto fraco dele, e um par de braços o encerraram possessivamente em torno da cintura.

Greg o virou em seus braços e começou a chover macios e castos beijos sobre o rosto.

-Sinto muito. Eu não quero brigar, ok?

Antes que ele pudesse responder, Greg beijou-o forte e profundamente, explorando cada centímetro de sua boca e chupando sua língua até que seu pênis começou a endurecer dentro do jeans. Isso fez com que Connor se lembrasse do por que se envolvera com aquele homem, em primeiro lugar.

Um metro e oitenta e oito de sexo quente e líquido associado a uma boca que era como um vácuo. Ele sentiu as emoções jorrarem de raiva, meramente descontente por ser tão receptivo e tolerante durante o tempo que Greg levou para completar a análise aprofundada de sua boca, aberta e disposta.

Quando ele gemeu Greg se separou, em seguida, beijou o caminho em torno da linha da mandíbula de Connor e começou a descer pelo pescoço.

Connor deixou-se afundar nas sensações, desfrutando o momento apesar das circunstâncias. Estavam na clínica, na frente de uma parede de vidro grande e, ali, não era a coisa mais profissional que podiam fazer. A cidade inteira sabia que eles eram amantes, mas os momentos em que Greg era explícito em público eram raros. Connor iria saborear o presente enquanto podia. Além disso, talvez fazer sexo fosse mais satisfatório.

Greg beijou de novo, difícil e exigente.

Connor o apertou em um abraço quente, urgente e sua imaginação assumiu. De repente, ele estava envolvido nos braços de um grande amante, sendo devorado por um conjunto desconhecido de plenos e insistentes lábios. Seus quadris foram esmagados contra uma virilha rígida. Ele podia sentir um eixo de grande espessura pressionado contra o seu, pulsando com entusiasmo e necessidade. Seu desejo sexual aumentou e ele sentiu que ia explodir quando, de repente, um animal rosnou profundamente, como quando ouvira no chuveiro, o som retumbou em seu ouvido.

Assustado ele pulou para trás, saiu dos braços de Greg e ficou olhando para ele, ofegante, olhos arregalados e agitado pela intensidade da fantasia.

Greg olhou para ele, uma expressão confusa no rosto corado. Lambeu os lábios, braços abertos e vazios.

-O quê? Eu disse que estava arrependido! O que há de errado com você?

Ele se aproximou, os olhos procurando o rosto de Connor. O olhar ferido desapareceu do rosto de Greg para ser substituído por uma

preocupação genuína. Ele se abaixou, olhando o amante diretamente nos olhos e pegou seus braços para firmá-lo.

-Você está bem, Connor?

-Sim, sim, eu estou bem. Só tive um pouco... - Ele agarrou os braços de Greg e puxou várias respirações profundas. Quando o sangue pulsando nas veias diminuiu para um rugido surdo, ele balançou a cabeça. -Não sei o que aconteceu, exatamente.

Ele não estava prestes a revelar quaisquer pormenores sobre a estranha experiência. Ele duvidava que Greg gostasse de ser substituído nos seus pensamentos enquanto o beijava.

- Deve ter sido falta de ar. Eu só tive uma tontura. Agora já estou bem, realmente.

Manchas dançavam na frente de seus olhos e ele tropeçou um pouco quando Greg começou a guiá-lo em direção a uma cadeira. De repente, outras mãos, mais fortes e mais amplas, passaram por sua cintura e guiaram-no até o assento. Mitch reaparecera rapidamente, antes da porta clicar ao fechar ele já estava ao lado de Connor.

-Mantenha a cabeça para baixo. - Mitch se agachou na frente de Connor, olhando-o, acalmando, os olhos negros cheios de preocupação. - Você vai ficar bem, confie em mim. Vai passar.

O tom de voz de Mitch, rico e profundo, tinha uma nota de confiança e, sem uma boa razão, Connor se sentiu melhor. Recostado na cadeira ele acenou com a cabeça em agradecimento. Outro tremor sacudiu seu corpo inteiro. Um cobertor quente o engolfou quando Greg se agachou ao lado de Mitch para puxá-lo firmemente em torno dele. Com uma carranca preocupada nos lábios, Greg descansou as mãos sobre o joelho de Connor.

-Tem certeza de que está tudo bem? Quero dizer, você não está doente, está? - Sua mão voou para a testa de Connor, que estendeu a mão e puxou-a suavemente para longe.

-Eu estou bem. Só estou com a cabeça leve. *Alguém* - Ele olhou para Greg. -Acordou-me muito cedo e eu não tomei bastante café ainda. Estou bem.

-Você tem certeza? Porque posso atender o cara novo sozinho, Connor. Você pode aparecer na base mais tarde. Vá deitar-se durante algum tempo. - Ele levou a mão até a sua cabeça de novo, mas Connor a interceptou e empurrou-a para longe.

-Pare de brincar de médico, Greg, eu estou bem.

Com olhos travessos, Mitch riu baixinho.

-Se você me perguntar, "brincar de médico" é o que causou isso, Doutor.

-Muito engraçado. - Connor fez uma careta. Ele parecia cansado, mas tolerante.

Greg afastou Mitch e puxou o cobertor sobre os ombros de Connor e fungou.

-Eu não me lembro de qualquer um de nós te perguntar, Mitch. - Ele franziu a testa, lançando um olhar raivoso no homem. -Você não devia ir ajudar Dark a trazer de volta o cara novo e verificar os fornecimentos que chegaram?

-Não precisa. - Mitch sorriu.

Greg empurrou o grande volume que era Mitch para um lado. Mitch em silêncio, seguiu todos os movimentos de Greg.

Sem se virar para olhar para o guia, Greg bufou e sem palavras, puxou a cabeça de Connor perto da luz para verificar as pupilas.

-Bem, *talvez* você deva fazê-lo, de qualquer maneira.

Levantando-se em um movimento fluido, Mitch deu um tapinha no ombro de Connor e caminhou para a porta da frente da clínica.

-Não precisa, eles já estão aqui.

Lá fora, a temperatura estava pouco acima de zero, criando um anel de gelo em torno da janela inteira da clínica, desafiando até mesmo a camada térmica de duas lâminas de vidro do alojamento. Ainda estava completamente escuro e nevando ligeiramente, mascarando algo mais do que quatro metros da janela. Logo, o som de uma máquina de neve encheu a sala, seguido pelo barulho de um caminhão velho. Os dois veículos pararam na frente.

Os três homens observaram as duas pessoas que saíram da cabine do caminhão e se apressaram em direção à clínica. Mais duas pessoas da máquina de neve seguiam em um ritmo mais vagaroso. Todos vestiam roupas árticas, faces e corpos perdidos nas camadas grossas e dobras de tecido e pele.

Mitch abriu a porta e conduziu-os dentro. Ele balançou a cabeça a guisa de saudação para um homem alto e magro usando um boné de beisebol e mastigando um charuto, apagado e mutilado. Ele olhou silenciosamente para as pessoas no grupo, em seguida, virou-se para o último homem através da porta. Pequeno, mas magro, o homem de aproximadamente cinquenta anos, usando um short, com cabelo grisalho e preto e o rosto curtido, era o segundo guia da clínica.

-Você fez de novo. O Doutor Pierce está começando a se preocupar com você. - Mitch bateu no ombro do homem.

O homem grunhiu.

-E você não deve dizer mentiras. Faz o cabelo cair.

O guia dos recém-chegados atendia pelo simples nome de Dark, alegando que a mãe chamou-o assim depois que a médica predisse seu futuro logo após seu nascimento. Estranhamente, Connor nunca conseguiu encontrar nada nem remotamente sombrio sobre o homem. Ele era quieto, mas alegre, simpático e reconfortante de se estar ao redor. Connor gostava de sua companhia e de ouvir incessantemente as histórias e lendas que o homem mais velho contava para ele.

Seu olhar caiu sobre Connor, ainda debruçado sobre a cadeira, com Greg solícito ao seu lado, o rosto de Dark com uma careta interessada.

-O que há de errado com o jovem?

Mitch inclinou a cabeça e deu de ombro, baixando tanto a voz que Connor teve que se esforçar para ouvir.

-Uma visão, eu acho. Assustou-o.

Suspirando pesadamente, Dark balançou a cabeça, o olhar ainda dirigido para Connor.

-Seu espírito é forte, mas os antigos puxam por ele e eu acho que ainda não está pronto. - Seu rosto escureceu e as linhas pesadas ao redor da boca ficaram mais pronunciadas. -Aceitar o caminho que os espíritos escolheram para ele vai ser difícil, especialmente sendo um homem branco moderno da medicina.

-Ele é um espírito de dois. Ele foi marcado no início da vida. A lua reivindicou-o como filho. Não há como voltar atrás. - Mitch respirou fundo e assentiu com a cabeça, parecendo avaliar Connor, em seguida, acrescentou: - Ele é forte o suficiente. - Ele sorriu e bateu no dorso, sacudindo-o. -E você vai estar com ele. Conte-lhe as histórias dos antigos novamente. Ajude-o a entender. Antes que seja muito tarde.

O guia mais antigo balançou a cabeça e caminhou até ficar discretamente ao lado de Connor. Por um tácito pacto, Dark tinha sido nomeado para guiar Connor, enquanto Mitch sempre emparelhava com Greg. Depois de apenas algumas semanas, Connor olhava para Dark como uma espécie de figura paterna.

Três anos depois, Greg ainda não parecia pensar em Mitch. Ele simplesmente aceitou a presença do homem ao seu lado. O guia não se queixou.

Mitch desapareceu na direção da cozinha e voltou com quatro canecas de café soltando vapor. Ele bebia puro e foi assim que ele serviu para todos, gostassem eles dessa forma ou não.

Os três restantes na sala ficaram encolhidos na frente da lareira, despojando lentamente camada após camada de roupa. John Trumble, o piloto nativo que atendia a área com voos regulares dentro e fora de Nekenano para abastecimento, transporte e emergência ocasional, terminou primeiro.

Passando a aba do boné de beisebol para trás, Trumble puxou o charuto bem mastigado da boca e usou-o para pontuar as frases enquanto falava. Ele caminhou até os homens que estavam perto da cadeira de Connor e pegou uma xícara de Mitch, que passava perto.

- E aí, Doutores. O que está acontecendo? - Ele olhou para Connor e Greg. -Algo errado? O rapaz está doente? - Seu olhar correu até questionar Dark, então saltou para baixo e olhou para Greg. -Trouxe o substituto de Tom bem na hora, então, hein?

Greg olhou para o homem.

-Oi, John. Bem-vindo de volta. - Connor viu que Greg lançou um rápido olhar para as duas pessoas, obviamente curioso sobre elas. Nada poderia ser distinguido com exceção das diversas figuras na contraluz das brilhantes chamas amarelas. O olhar de Greg correu de volta para Connor.

-Acho que ele não está doente, apenas cansado.

-Eu não estou doente nem cansado, ou qualquer outra coisa. - Connor ignorou o cobertor e se ergueu. -Eu estou bem.

Ele alisou a camisa amarrotada e suavizou as rugas, tentando voltar ao normal. Ele ainda se sentia vagamente desligado até o presente momento, mas não tonto ou com medo.

-Quero que todos simplesmente me deixem ir.

Greg se levantou também.

-Você tem certeza? Quero dizer, você parece melhor. As pupilas parecem normais, mas ainda está um pouco vermelho.

Connor sentiu os afiados olhos clínicos de Greg observando tudo sobre ele. Greg franziu os lábios e deu um olhar amargo.

- Acho que o rubor pode ser explicado, Greg. - Ele olhou significativamente para o pênis do outro homem ainda semirígido, claramente delineado pela calça confortável.

Após olhar Connor, Greg olhou para sua virilha e sorriu.

-Bem. - Ele pigarreou. -Ok. Isso parece lógico. - O sorriso soltou. - Aceitável, mesmo.

Bufando levemente, Connor deu-lhe um pequeno sorriso de volta.

-Realmente, eu estou bem. Pare de se preocupar. - Ele recuou, procurando ficar longe do círculo fechado daquelas expressões preocupadas e foi para perto de Mitch, que estava a meio caminho entre os dois grupos de pessoas, fazendo a ponte entre o velho e o novo. Connor roubou uma xícara de café da mão do guia e tomou um gole, deixando que a cafeína reavivasse sua energia.

Satisfeito por Connor estar totalmente recuperado, Greg virou-se para os recém-chegados. Uma das formas sem gênero tinha se transformado em uma mulher. Gabe Walker estava embaixo, na garagem, e avisara que a irmã viria visitá-lo em breve. Ela devia ter sido uma parte do transporte que John trouxe para a cidade.

Ela tinha cabelo castanho claro marrom em um corte curto e características simples. De média altura, ela era normal, exceto pelos frescos olhos azuis penetrantes que gritavam de inteligência. A torção leve nos lábios finos falava de uma natureza exigente. Mesmo agora ela mantinha a cabeça erguida e o queixo pontudo estendido mais longe do que os seios quase ausentes. Ela ignorou o olhar enquanto os dedos de Greg penteavam o cabelo, em seguida, virou-se para esquentar as mãos no fogo.

Gabe tinha descrito sua irmã como parte dragão e parte mula. Ao observá-la, teve de concordar com a avaliação.

Decidindo que ela era problema de Gabe, voltou a atenção para o último recém-chegado justo quando o homem tirou o chapéu e os protetores auriculares. Greg prendeu a respiração e chegou mais perto para ter uma visão melhor.

Lindo. Espesso, o cabelo loiro mel enquadrava uma aparência impecável. Os altos ossos das faces eram separados por um nariz longo e esculpido e encimado por um par de intensos olhos cinzentos. Seus lábios rosado-escuros eram cheios e ele parecia ter o hábito de lambê-los com frequência para mantê-los úmidos e brilhantes. A parka grossa e volumosa escorregou de seus ombros, revelando um corpo atlético. Greg quase engasgou em voz alta quando o homem se virou e chamou sua atenção, dando-lhe um sorriso caloroso, o olhar meio sensual.

Connor estava observando toda a cena de um canto da sala, enquanto John conversava com Dark e Mitch.

Ainda se sentindo desconectado de todos na sala, ele ficou surpreso ao descobrir que seus sentimentos estavam apenas levemente feridos pelo flagrante interesse de Greg pelo outro homem. Uma dor pequena indescritível floresceu sob o seu peito.

As coisas estavam rastejando lentamente para o fim entre Greg e ele. Eles não estavam bem como casal, nem para outra coisa senão sexo quente. Mas Greg seria sempre seu amigo.

E agora, Greg estava à espreita. Connor apenas desejava que ele não ficasse preso ali, assistindo ao *show*.

Empurrando-se da parede em que estava encostado, ele partiu para a porta do alojamento, decidido a se desculpar para ir se deitar. Ele se forçaria a ser agradável com o perfeito Dr. Ashton Webb depois, quando tivesse um pouco de tempo para chegar a alguma distância emocional da situação. A ida

para o quarto foi interrompida quando o representante local, Joss Crow, atravessou correndo a porta da rua, sem fôlego e com o rosto vermelho.

-Ei, doutor Pierce! - Joss esperou até que Greg lhe lançou um olhar meio interessado. -Abe recebeu uma chamada pelo rádio sobre a nova mulher de Justin Loken, a menina de dezesseis anos que está esperando bebê.

Aquilo chamou a atenção de todos. Greg virou-se para o rosto de Joss, com foco em cada palavra.

-Ela devia parir em duas semanas. Justin supunha que iria trazê-la para a cidade em poucos dias para que ela pudesse estar aqui para ter o bebê.

Joss jogou as mãos no ar.

-Bem, isso não mais vai acontecer. Ele passou um rádio para dizer que ela entrou em trabalho de parto ontem à noite e as coisas estão muito difíceis para ela. Ele quer saber se um dos doutores pode ir até lá, agora.

Dark terminou a conversa com o piloto.

- Mas fica pelo menos a quatro horas de distância daqui. - Ele olhou para Mitch e eles trocaram um olhar ansioso.

- É para cima do norte em Raven Gully.

Puxando uma mochila de pré-embalados de um amplo armário embutido do posto de enfermagem, Greg começou a verificar o que tinha para fazer o abastecimento.

-Você sabe *exatamente* onde fica?

Mitch se juntou a ele e, em segundos, estavam com o equipamento e suprimentos necessários esperando a seus pés. Dark assentiu, mas franziu a testa.

-Sim, mas não é fácil de chegar.

Greg olhou com incerteza de Connor para o novo homem.

Deixando de lado a xícara de café, Connor entrou e facilitou a decisão para ele. Ele queria ficar longe por um tempo, de qualquer maneira.

-Eu vou. Está resolvido, o Dr. Webb começa com você aqui. - Não conseguiu evitar uma ponta de amargura na voz e acrescentou. -Mostre-lhe todas as comodidades pessoais e o que a clínica tem para oferecer.

Ele passou por Greg e pegou seu casaco forrado de pele do gancho na parede atrás do balcão.

Dark pegou os dois pacotes e saiu, chamando Connor por cima do ombro.

-Vou carregar a máquina, doutor.

-Connor, espere. - Greg bloqueou sua saída. Agarrando seus braços ele baixou a voz para um sussurro suplicante. -Não seja assim. Estou apenas fazendo meu trabalho aqui. Fazendo o cara se sentir bem-vindo. - Ele olhou ainda sorrindo malicioso e Webb corou ligeiramente. -Você não tem nada para se preocupar. Honestamente. Eu ainda estarei aqui quando você voltar.

Connor lentamente soltou-se das mãos de Greg e recuou.

-Eu não estou preocupado, Greg. A questão é, será que eu quero ficar aqui quando voltar? - Ele bateu no peito de Greg e tocou o cachecol de caxemira macio jogado casualmente no pescoço. O súbito impulso o feriu e ele puxou o lenço do pescoço do amante. Sorrindo suavemente, ele passou o material macio em torno do próprio pescoço.

Greg estendeu a mão, os dedos se mexendo, tentando agarrar o ar.

-Ei! O que você está fazendo?

Connor amarrou o lenço apertado e enfiou as pontas dentro do casaco.

- Ele vai lhe dar uma boa razão para olhar para frente até a minha volta.
- Os cantos dos lábios esboçaram um sorriso apertado e recuaram uma fração.
-E pode ser a única razão para eu sair deste relacionamento.

Ele rapidamente pegou o pacote restante, então saiu, tão logo Dark começou a subir a máquina de neve no meio-fio.

Greg seguiu Connor até a porta e viu-o partir. Ele devolveu o mesmo e curto olhar sem brilho que Connor deu-lhe e se afastou do meio-fio.

Suspirando, ele se virou para trás e viu uma sala cheia de olhares expectantes. Greg focou no novo homem e caminhou em direção a ele, a mão estendida para acolher e ofereceu um sorriso amigável.

-Dr. Webb? Eu sou Greg Pierce. Bem-vindo ao Nekenano e à Clínica Pierce. – O sorriso de Greg vacilou quando a expressão do homem tornou-se confusa.

O homem estendeu a mão e apertou calorosamente a de Greg, mas seu olhar correu para a mulher que ainda estava de pé perto da lareira.

-Acho que houve um engano.

- Engano? – O sorriso de Greg congelou e caiu um pouco. Ele varreu os olhos de Webb até a mulher e para trás. Atrás dele, Trumble riu e depois tossiu contra a camisa. Greg franziu a testa. -Que tipo de engano?

O sorriso do homem ficou quente e sedutoramente convidativo, mas o sangue de Greg gelou às suas palavras.

-Meu nome é Roger Seaton. Eu sou o novo copiloto de John. Vou visitar as pistas de fornecimento mensais, mas não sou seu novo doutor. - O homem apontou para a Lady Dragon pacientemente à espera, de braços cruzados e expressão impressionada. –É ela.

Ofegando uma risada sem alegria, Greg virou-se e apertou a mão da mulher, tateando as palavras pela segunda vez naquela manhã.

A mulher sorriu e olhou-o da cabeça aos pés.

-Quando o entrevistador perguntou se eu era gay, pensei que você queria saber se eu era uma pessoa feliz. - Ela sorriu e girou um fio de cabelo. - Então, é claro que eu disse que sim.

A tosse estrangulada na outra extremidade da sala aumentou. Greg fez uma careta e atirou a Mitch e John um olhar condenatório depois sorriu cavernoso para Webb.

-Claro. E eu estou feliz que você esteja feliz. Todos nós somos uma grande família feliz aqui. Mitch vai mostrar onde você pode colocar suas coisas.

Webb voltou a exibir um sorriso falso e Greg saiu com o guia, apontando para a nova médica para segui-lo até o alojamento.

Olhando pela janela para as pistas onde Connor desaparecera na neve, Greg empalideceu e se perguntou o quanto ele ia fazê-lo pagar, antes que voltasse às boas graças com ele. De alguma forma sentia que a perda do amado lenço ia ser um pequeno sacrifício perante a relação deles, pois estava tudo acabado.



Connor se tornara médico devido, em parte, à sua fascinação pela Mãe Natureza, seus poderes restauradores e a impressionante e maravilhosa capacidade do corpo para se curar e se adaptar às mudanças. Quanto o corpo e o espírito humano podiam suportar ainda o deixava constantemente espantado. Ele alimentou sua vocação para a medicina com o desejo ardente de compreender seus segredos eternos.

Agora ele estava em um isolado vale coberto de neve, a milhares de quilômetros e tudo o que sabia e centenas de quilômetros de qualquer companhia considerável de pessoas.

Do lado de fora da cabana rústica no cimo de uma colina congelada entre uma pequena quantidade de árvores, Connor cuidadosamente respirou o gelo do ar ártico e observou a deriva da geada enquanto exalava. O agulhão do frio deixou seus pulmões com uma sensação de formigamento, e os pelos das narinas imediatamente congelaram. Amassando o nariz para libertar os

pelos, ele passou a abrir a boca enquanto respirava, forçando o ar a entrar através das camadas de tecido enroladas ao redor da boca e do rosto.

Os ventos chutavam para cima e ele empurrou os óculos de proteção para o topo da cabeça. Depois de passar cinco horas difíceis ajudando o jovem casal na pequena e fria cabine atrás dele, trouxera o primeiro filho deles ao mundo. Cansado e com frio, ele estava pronto para voltar à cidade e ao conforto e aconchego de sua cama, para aconchegar-se debaixo do cobertor felpudo.

O parto tinha sido difícil naquelas condições primitivas e a estrutura óssea da mãe era pequena, mas o evento fora estimulante, ao mesmo tempo. Ele amava ajudar a trazer um bebê ao mundo. Ele sempre se sentiu com um pouco de conteúdo e como a mão direita de Deus.

O estalar de uma porta rígida sendo fechada atrás dele alertou-o para a presença de Dark. Ele se virou e mostrou para o homem mais velho o polegar para cima, indicando que estava pronto para partir. O guia devolveu o gesto com um breve aceno de cabeça e, lentamente, caminhou para a máquina de neve, os olhos escuros sob o capuz, olhando em torno ansioso, sem descanso, em ondas irregulares, analisando a tundra.

Nervoso pelas ações incomuns do guia, o olhar de Connor piscou involuntariamente para o deserto buscando a mesma sombra, nada vendo que já não estivesse lá quando chegaram. A súbita sensação de ansiedade formigava em sua nuca e aprofundava-se sob o seu troféu de caxemira. Tudo em Dark naquela viagem, desde suas respostas silenciosas à linguagem corporal tensa, abrupta, o deixava nervoso, no limite. Connor encolheu os ombros e enterrou o queixo nas dobras do casaco forrado de pele.

Durante os meses em Nekenano, Connor ficara fascinado pelas histórias locais que Dark contava sobre o assentamento original indígena e da antiga Dena'ina, tribo guerreira que tinha feito do deserto desolado e congelado a sua casa há centenas de anos. Atraído pelas lendas e mitos, a

curiosidade de Connor tinha explodido com a necessidade de explorar a misteriosa e antiga cultura.

Agora, de pé no crepúsculo crescente, com o vento uivando assustadoramente e mordendo suas faces, ele já não estava tão ansioso para explorar nada mais, exceto os cantos quentes da antiga cabana, na cidade.

Dark deu partida na máquina de neve, fazendo o uivo do motor um ronco alto de energia inventada pelo homem. Ele ligou o motor duas vezes, o escuro olhar ainda procurando entre as árvores que cercavam o crepúsculo, a pequena habitação parecendo uma mortalha.

Ambos, Connor e Dark, ouviram quando um longo uivo, baixo e distante respondeu à barulhenta máquina. O estranho som ecoou nas colinas e provocou um formigamento na espinha, enviando um arrepio até a boca do estômago de Connor. Outro uivo, muito mais perto, soou à sua esquerda. Ele lançou um olhar ansioso para Dark.

-O que foi isso? Lobos?

Sem tirar o olhar da encosta que escurecia, o guia lentamente acenou com a cabeça e depois, com impaciência, sacudiu a cabeça para um lado, indicando o assento atrás dele.

-Vamos, filho. Os *Spiritwalkers* parecem estar com pressa. Por ser filho de dois espíritos você deve ser muito poderoso para que te queiram tanto.

-Huh? - Um uivo lúgubre parecia mais perto de sua posição.

Confuso, mas mais ansioso do que curioso, Connor não esperou por resposta. Ele não perdeu tempo para montar na máquina de neve, os braços enlaçados de forma segura ao redor da cintura do outro homem. Ele era tão aventureiro quanto o outro homem, mas não era tolo o suficiente para querer encontrar uma matilha de lobos à caça, mesmo com o rifle que ele sabia que Dark carregava.

Assim que ele estava a bordo, Dark puxou o afogador da máquina de novo e saiu em direção a casa, o acelerador bem aberto.

As árvores turvas faziam sombra em Connor quando viraram na frente da cabana. Ele avistou o rosto de Justin na porta aberta, e seu coração pulou uma batida. Um suor frio espalhou-se por todo o corpo. Connor continuou esperando por Dark, olhando para a cabana, quando Justin desapareceu no crepúsculo. Repreendendo-se sobre a explosão de medo irracional, disse a si mesmo que era apenas um truque da luz ártica que esmaecia. Cinco quilômetros depois, ele ainda não conseguia livrar-se da lembrança dos olhos de Justin que ficaram amarelo-brilhantes.

A imagem aterradora ainda enchia a mente de Connor quando Dark, inesperadamente inclinou o corpo para frente no banco, voltando-se para gritar algo que foi perdido por Connor, as palavras chicotearam para longe, levadas pelos golpes do vento. A visão assustadora dos brilhantes olhos amarelos foi transferida de dentro da cabeça de Connor, para frente de seu rosto, quando algo pesado bateu nele. Ele foi jogado da máquina de neve, a parte traseira da cabeça batendo no concreto de gelo rígido quando ele atingiu o chão.

A luz da noite foi desvanecendo, esmaecida e desfocada em torno de Connor, o som do ronco duro e artificial da máquina de neve soou longe, então, misteriosamente, desapareceu completamente. A infiltração e o calor úmido cobriram seu rosto e deslizaram para baixo pela parte de trás do pescoço, então tudo sumiu, escoltada por uma dor cegante da pancada na parte de trás da cabeça.

Capítulo 3

O aroma o atraiu. O odor inconfundivelmente masculino de suor e testosterona misturado a uma grande dose de medo. O cheiro do medo o atraiu em primeiro lugar, mas o rico odor agridoce de suor do homem manteve-o no rastro do ser humano. O odor afiado fez suas narinas sensíveis se abrirem e os bigodes do focinho formigarem, ficando eretos pelo entusiasmo. Seu pênis reagiu com a mesma resposta, crescendo pesado e inchado, a ponta brilhante emergindo da capa protetora de cerdas e carne duras.

As patas enormes batiam sobre a neve profunda, deslizando no chão gelado com a agilidade graciosa de um animal selvagem, estreitando à distância entre predador e presa com rápida determinação. Ele diminuiu quando chegou dentro do alcance visual de sua presa e ficou corajosamente em pé, iluminado pela luz da lua azul e branca, o casaco escuro gritante contra a circundante área coberta de neve e terra.

O cheiro de sangue flutuou espesso no ar, rodopiando e mergulhando através da noite, empurrado pelos ventos uivantes, a cada rajada chamando-o para a presa, até aquele ponto. Tinha se passado cem anos desde que ele estivera fisicamente naquele lugar, que visitou muitas vezes em sonhos. Este era o lugar dos *Spiritwalkers*. Ser chamado para voltar em tempo real na forma física significava que sua vida estava prestes a mudar. Mais uma vez.

Ele vagava sobre um afloramento de rochas, observando a pequena figura ainda à distância, farejando o ar, certificando-se que aquele era o único significado para ele e só para ele. Uma rajada de vento forte, pleno do cheiro do ser humano, agrediu seu nariz enquanto ele olhava muito longe. Uma nova onda de eletricidade se abateu sobre ele e a luxúria agrediu seus sentidos e seu

pênis. Ele começou a ofegar e a empinar, ansioso para ter mais contato, mais estímulo, mais satisfação.

Trabalhando à sua maneira em torno do perímetro onde o ser humano estava, ele marcou o território em todos os poucos metros. Esfregando o traseiro no chão ou em uma árvore estimulou as glândulas localizadas na base da cauda, fazendo vaziar um óleo perfumado, garantindo que seu prêmio estava claramente marcado como seu para reivindicar. O restante da matilha ficou para trás há vários quilômetros, mantendo uma distância respeitosa, levando em conta a intenção do feroz macho alfa naquela caça particular.

A máquina irritante que os humanos estavam montando finalmente ficou em silêncio e a vários metros de distância do macho humano esparramado no chão duro e gelado. A sua voz áspera gritando não mais ecoava nas encostas, destruindo a paz da noite. Ao lado da máquina, outro ser humano estava amontoado, os membros tortos em ângulos estranhos.

Um jovem lobo de olhos amarelos andava nas bordas exteriores de um pequeno círculo que o lobo negro tinha marcado. O jovem gemia e se humilhava, mostrando a adequada postura submissa ao sombrio alfa. Reconhecido por um resumido rugido profundo e um estreitamento de olhos do lobo negro, o jovem afastou-se na escuridão, assumindo uma posição de sentinela no topo da colina mais próxima. O alfa ignorou quando os *Spiritwalkers* chegaram, dançando com os ventos pelo prazer de terem chegado.

Descarado como só o primeiro predador na cadeia alimentar poderia ser, postou-se diretamente ao lado do pequeno humano. Cheirando a poça de sangue coagulado sob a cabeça do homem, ele se aninhou ao lado das camadas de tecido que protegiam o rosto humano do vento. Suas narinas se encheram com o cheiro desagradável de outro homem que não era nem este ser humano nem o seu companheiro. Mesmo o cheiro delicioso de sangue endurecido ao longo do amarelo dos cabelos, onde tinha uma profunda ferida

irregular na testa, não conseguia dissipar o indesejável desafio do perfume do acasalamento sexual que tinha nele.

Enfurecido pelo odor que afirmava como seu próprio, ele rasgou violentamente a faixa de pano macio que estava ao redor do pescoço do pequeno homem, até que o pano ficou livre, tirou usando as garras vermelhas brilhantes e os dentes marcados. Aproveitando o lenço livre entre as patas dianteiras e mandíbulas poderosas, ele rasgou-o até não restar nada mais do que pequenos quadrados de farrapos verdes, que foram levados para longe pelos crescentes ventos árticos.

Finalmente satisfeito, ele cheirou o ar para ter certeza de que todos os vestígios do rival foram erradicados. Mais uma vez, as narinas sensíveis ficaram impressionadas com o aroma rico e inebriante da sua presa original.

O cheiro natural do corpo do homem, misturado ao cheiro amargo do sangue e persistente pânico e medo, provocou um arrepio de desejo primal através da sua coluna de potentes músculos. Suas narinas queimavam, bem como as sensíveis terminações nervosas. Lambeu a pele exposta do rosto sem pelos do homem, lambendo o sangue de seu queixo.

Atormentado pelo sabor e riqueza do sangue, ele se curvou sobre o corpo inerte, cobrindo-o protetoramente com o seu próprio, corajosamente lambendo os lábios entreabertos do homem. Ele provou a umidade ligeira deixada para trás a cada sopro quente de ar exalado pelo homem, o sabor provocativo renovado outra vez. Sua longa língua deslizou contra o céu da boca do homem, acariciando e girando contra o tecido sensível até que o homem inconsciente gemeu um som baixo, triste, mas sensível.

Encorajado, ele colocou a maior parte do tronco coberto de pelo sobre o homem, mantendo parte do peso nas fortes pernas dianteiras. Emocionado pela forma como os quadris magros se encaixavam perfeitamente entre as pernas estendidas do homem, ele aninhou seu pênis, vários centímetros já retraídos para dentro da bainha protetora, ao longo do bojo crescente da

virilha do homem. Ele resmungou e choramingou, instintivamente pousou seu traseiro contra a forma esbelta presa embaixo dele. O homem gemeu e se mexeu inquieto com o contato íntimo. Ele pegou no ar o cheiro fraco de hormônios liberados.

A luxúria e a emoção o prenderam, e a exploração da boca do homem deixou-o frenético, juntamente com os rítmicos e fluídos movimentos de seus quadris. Golpes longos de sua língua deslizaram na garganta do homem, e os próprios lábios finos e de pelo curto roçaram as cerdas sobre os lábios suaves e quentes do homem. Ele rosnou e vasculhou a roupa que representava uma barreira entre ele e seu companheiro pretendido, rasgando as grossas camadas protetoras com facilidade impressionante.

Pouco antes de ele expor a pele sensível aos efeitos do cortante e frio vento ártico, uma dura advertência de um uivo e um rosnado chamou sua atenção.

Ele girou o pescoço e viu um velho lobo cinzento à margem das poucas árvores que cercavam o barranco. O lobo cinzento baixou a cabeça e se curvou em sinal tradicional de submissão, mas ele continuou rosnando e latindo, em seguida, uivou, sem tirar o olhar do lobo maior.

O ritmo, uma estranha cantilena de uivo, acalmou o líder alfa. Ele lentamente levantou seu corpo e deu a boca de seu companheiro, agora murmurando, uma última exploração, longa e profunda.

Levantando-se sobre os pés para ficar bem mais alto do que um metro e oitenta de altura, o lobo negro agora se assemelhava a um homem com um antigo cocar de índio e vestindo a pele de um animal selvagem. Ele balançou a cabeça, empurrou as duas faixas de prata adornadas com várias penas trançadas na pele ao lado da cabeça. De peito largo, com ondulações de seus músculos e energia primitiva, ele freou sua luxúria. Dando um rosnado insatisfeito, assentiu para o velho lobo cinzento, cujo uivar lentamente desapareceu com os ventos crescentes.

O lobo negro caminhou até o corpo do segundo homem e olhou para o rosto meio encapuzado do guia, viu que os olhos estavam vidrados e ouviu os batimentos cardíacos irregulares do homem. Ciente, o velho índio provavelmente não sobreviveria aos muitos ferimentos, ele deu então um uivo curto para lamentar sua próxima viagem ao mundo dos espíritos. Um lampejo breve de reconhecimento atordoado nos olhos do guia foi reconhecido com uma inclinação da cabeça do lobo negro, antes que ele se virasse para recuperar seu companheiro, o objetivo final daquela caça particular.

O lobo negro, agora totalmente transformado na forma mais poderosa de lobisomem, cuidadosamente pegou o Dr. Connor Jacy do solo congelado e enterrou a face exposta do homem contra a pelagem espessa e externa da pele do peito.

Com a face voltada cegamente para o vento, cheia de neve, o lobisomem preto cheirou o ar, seus lábios curvados para trás em uma paródia de sorriso humano. A matilha estava perto, o seu companheiro estava garantido, não havia outros seres humanos hostis em seu território, salvo o guia que estava morrendo, e o cheiro fraco de sua excitação ainda permanecia no vento. Era como os *Spiritwalkers* tinham dito. Era uma noite de muitas bênçãos.

Satisfeito, ele apontou o focinho para onde sabia que a lua brilhava no céu encoberto de nuvens e soltou um uivo triunfante de tal magnitude que sacudiu uma camada de neve dos galhos das árvores vizinhas.

O uivo ecoou pelas paredes do barranco e Connor respondeu, movendo-se sem descanso contra o peito espesso. Seus olhos turvos e entorpecidos pela dor, se abriram e viram o olhar laranja-enferrujado de um animal selvagem. Seus olhos se arregalaram com incredulidade, piscando rapidamente para dissipar o que tinha de ser mais um truque da luz desvanecendo-se e muitas lendas nativas contadas recentemente. A dor fazia com que a batalha para se concentrar fosse muito difícil, e ele deixou os olhos

piscarem e fechou-os novamente. Cedendo à atração da inconsciência, ele aprofundou no calor da pele grossa do corpo que o protegia.

O lobisomem rosou no fundo do peito com a visão inesperada dos olhos de cristal verde de seu cônjuge. Esse companheiro era tão precioso quanto os *Spiritwalkers* haviam predito. Cabelo como o sol e olhos da cor das gramíneas na primavera, aqueles dois espíritos trariam a luz do dia com ele ao mundo envolto na noite do lobisomem.

A secular espera solitária por um companheiro de vida chegara ao fim, e Adam Lowell pressionou seu coração com mais um desejo verdadeiro e pulou para fora da clareira, flanqueada a uma distância respeitosa pelo lobo cinzento.

Capítulo 4

O enorme *Skinwalker* preto entrou na sala de uma pequena cabana chamada casa com sua metade humana, ainda segurando o corpo relaxado de Connor firmemente contra o peito. O uivo dos ventos sacudiam os vidros da janela da cabana simples e a neve transbordou o limite antes que ele pudesse chutar para fechar a porta com a enorme pata. Passando por uma grande lareira de pedra cheia de brasas acesa recentemente, ele galopou até uma mesa retangular de madeira e depositou Connor suavemente sobre ela, apoiando cautelosamente a cabeça do homem ferido.

Connor permanecia inconsciente e imóvel. Satisfeito, Adam fechou os olhos e se transformou em forma humana. Nu, ele foi até a lareira e acrescentou várias toras de madeira às brasas, abanando o fogo de volta à vida. Quando ouviu um rugido saudável crepitando na lareira, ele pendurou uma chaleira cheia de água sobre o fogo. O cheiro de vidoeiro pairava no ar, enquanto gavinhas finas de fumaça escapavam pela chaminé e derivaram para o quarto. A temperatura fria diminuiu rapidamente na pequena e robusta cabana.

Adam tirou uma grande faca Bowie da bainha de um manto sobre as pedras e começou a cortar a roupa de Connor, pedaço por pedaço. Ele salvou a parka, as botas e as meias grossas, mas o resto foi tudo cortado e descartado. Manchada de sangue e cheirando vagamente como o lenço destruído, as roupas foram lançadas ao fogo para queimar.

Quando Connor ficou completamente nu, Adam passou as mãos calejadas suavemente sobre cada centímetro quadrado do corpo pálido suave em busca de ossos quebrados e procurando sentir se tinha tecidos danificados. Encontrando vários hematomas e escoriações no lado esquerdo, Adam tirou a

chaleira de água quente da lareira e começou a limpar as feridas superficiais. Assim que terminou, a porta da frente se abriu e o velho lobo cinzento entrou, fechando a porta atrás dele.

Adam deu-lhe um rápido olhar de reconhecimento. O lobo passou e adquiriu forma humana, transformando-se em uma versão mais antiga de Adam, alto, largo e escuro. Ele carregava a marca de muitas temporadas nas rugas do rosto e nas mãos retorcidas, mas seus olhos eram claros e cheios de sabedoria. Em torno do pescoço ele usava uma gargantilha da sua cultura nativa, com amuletos e encantos, mostrando que era um remédio poderoso para um homem. Em respeito ao novo companheiro do macho alfa, o velho xamã tirou uma túnica de um gancho ao lado da porta e a colocou, então se juntou a Adam na mesa.

-São ferimentos de importância? - A voz do homem mais velho era profunda e áspera, desgastada pela passagem dos muitos anos que se passaram antes que ele fosse abençoado pelos espíritos com o dom de ser um *Skinwalker*.

Adam balançou a cabeça sem tirar o olhar de Connor, cautelosamente tateando a massa de cabelo ouro manchado de sangue.

- O corpo é um todo, Dyami, mas a cabeça está dividida em duas, a parte de trás e a da frente. Os ferimentos são leves, mas o dano pode ser grave.

O velho levantou as pálpebras de Connor e viu os olhos verdes, grunhiu e então puxou uma bolsa de pele de alce debaixo da mesa. Sem dizer nada ele começou a tirar os itens da sacola e organizá-los perto.

Cantando baixinho, o velho xamã colocou quatro potes pequenos nos cantos da sala, encheu cada um com um pedaço de alguma coisa que tirou da bolsa e acendeu-os com um graveto, que havia pegado do fogo. Um odor denso e doce flutuou pelo ar.

A sala continuava a ficar mais quente e o aumento da temperatura tirou o frio do corpo de Connor, aquecendo sua carne e seu sangue, permitindo que fluísse mais livremente. Uma pequena poça de sangue havia se acumulado debaixo da cabeça, saído da ferida escondida e um fio fino de sangue escorria do ferimento na testa.

Adam passou uma esponja úmida para limpar o sangue do rosto de Connor e gentilmente inspecionou a laceração profunda no lado esquerdo, bem abaixo da linha do cabelo. O ferimento era irregular, com várias lacerações curtas desdobrando-se em torno dela. Assim que ele limpou o sangue, Adam apertou um pano limpo sobre a ferida. Ele então apontou para o outro homem para ajudar a virar o corpo inerte de Connor.

Cuidadosamente Adam puxou o homem contra o próprio peito e com ternura virou a cabeça de Connor para a esquerda, colocando pressão sobre a ferida facial.

Assim que o posicionou cuidadosamente, Adam começou limpando o sangue seco do cabelo e do couro cabeludo de seu companheiro, trabalhando em direção à ferida que ainda sangrava, onde a cabeça de Connor atingiu o gelo duro como pedra. Tateando a carne encontrou um inchaço de uns dez centímetros de diâmetro com uma abertura grosseira onde a pele de Connor fora dividida com o impacto.

Com a boca marcada por uma linha sombria, Adam olhou para o homem santo, afastando o emaranhado de cabelos de Connor para mostrarlhe a ferida.

Adam falou em voz baixa, o tom sem condenação, uma nota de renúncia infeliz nas palavras.

-O jovem que os impediu de sair da ravina foi um pouco enérgico em seus esforços. Meu companheiro tem sofrido mais do que o esperado.

O xamã que tinha continuado o suave cantar enquanto Adam fazia seu trabalho, fez uma pausa.

-Não mais do que os espíritos desejavam. Tudo tem um propósito, Adam. Confie nisso, também. Seu companheiro é forte. Durante este tempo de cura, você vai cuidar dele e terá a oportunidade de conhecê-lo. Use o tempo sabiamente.

O estranho e monótono canto começou de novo, aumentando de volume, o tom de urgência ordenando, chamando o mundo espiritual. Logo as sombras na sala avançaram mais para perto, movendo-se ao mesmo tempo em que os cânticos, pretos tentáculos longos tecendo caminho em torno dos três homens.

Mechas finas de fumaça rendilhavam sombras guiadas para o lado de Adam enquanto ele meticulosamente costurava a pequena ferida com categut⁸ e agulha. Mais mechas giravam em torno de Connor, direcionando baforadas de fumaça com ervas para seus pulmões, diminuindo a dor enquanto a testa se enrugava com o toque pungente de cada ponto.

Quando terminaram de suturar em torno da cabeça, os dois homens rolaram o paciente mais uma vez. Adam cobriu Connor com um cobertor da cama de casal, que ficava aninhada no canto da sala contra uma parede.

Cuidadosamente puxou o corte irregular na testa, juntando e selando as bordas com pequenos pontos de sutura. O suor brilhava em seu corpo maciçamente musculoso. Riachos escorriam dos ombros e do rosto angular sobre o peito de Connor, reunindo-se sobre o esterno e coletados pelo oco da garganta, cada gota marcando seu território, plantando seu cheiro.

Adam trabalhou com precisão, sem pressa. Tendo concluído, ele aparou o fio com a faca e permitiu que o xamã aplicasse sobre a ferida uma camada de pomada que ele tirou de um vaso de argila.

O fogo crepitava alto, as chamas aumentaram e as sombras saltaram mais alto com elas. Vários lobos uivavam ali perto, e os ventos sopravam

⁸ **Catgut** é o nome que se dá a uma fibra natural de grande elasticidade e tenacidade, preparada com uma parte dos intestinos de animais, normalmente bovinos, caprinos, suínos ou ovinos.

vociferantes por baixo da porta, apenas para serem forçados a voltar pelo calor da sala e as sombras dançantes.

Retirando o cobertor, Adam pegou Connor e levantou-o da mesa, dobrou o corpo e flexionou com a facilidade e a graça de um animal selvagem, todo o poder contido na inimaginável força. Ao ritmo do canto do xamã, tufos de sombra negra circundando-o, incentivando, orientando e liderando o caminho, de uma só vez. Ele embalou Connor contra o peito como se fizesse um filho dormir, apoiando cautelosamente a cabeça sobre um ombro e levando-o para a cama que o esperava.

Puxou para trás os cobertores bem usados, mas útil, então abaixou seu companheiro nu sobre o colchão. Colocando-o sobre o lado direito, Adam virou a cabeça de Connor para que nenhuma pressão fosse exercida sobre as feridas.

Puxou as cobertas até a cintura de Connor, então se sentou na cama ao lado dele, o olhar sem se desviar do seu rosto. Ele se inclinou para acariciar sua mandíbula, cheirando e esfregando levemente o rosto sobre a pele fina atrás da orelha de Connor e lambeu ali, provando-o.

O canto recuou, em seguida, desapareceu completamente. As sombras lentamente se retiraram em torno do casal quando o antigo chamado morreu. O silêncio caiu de repente, quebrado apenas pelo silvo fraco dos ventos lá fora e o estalido ocasional da madeira na lareira.

O xamã voltou a guardar os medicamentos na bolsa e colocou-a debaixo da mesa de novo, para um fácil acesso.

-Ele precisa de descanso e calor. Alimente o jovem, tanto o corpo quanto o espírito. Mesmo enquanto dormem os espíritos confusos buscam segurança. Tenha certeza que você é a pessoa que ele vai encontrar. - Dyami tirou o manto de seus ombros e colocou-o no gancho.

Adam balançou a cabeça em silêncio, ainda hipnotizado pelo homem na cama.

Na porta, o xamã viu a brilhante aura cor de safira que cercava o par recém-acasalado, e que só ele podia ver, envolvendo os homens com seu brilho. Seu rosto antigo, e fortemente ofuscado pela luz do fogo ficou vincado quando ele sorriu, mostrando um clarão branco.

-Os espíritos escolheram sabiamente. Agora que o nosso líder alfa finalmente encontrou seu companheiro e está em paz, os *Spiritwalkers* vão descansar e a matilha vai ficar inteira novamente. Eu vou agradecer aos espíritos e deixar que o resto da matilha se alegre com as bênçãos do dia. Hoje à noite, os nossos montes estarão vivos com canções de lobo.

Mudando para a forma de lobisomem, o xamã antigo escapuliu tão silenciosamente quanto tinha entrado.

Com a atenção voltada para Connor, Adam filtrou todas as distrações no ambiente. Cantando baixinho, ele chamou seu próprio espírito totem para guiá-lo. A força de seu espírito animal, o lobo que havia criado, percorreu seu corpo já poderoso, acalmando-o e permitindo-lhe ver a alma de Connor.

Empolgado pelos espíritos gêmeos que sentiu no jovem médico, Adam carinhosamente alisou os fios de cabelo do rosto de Connor, maravilhado com a textura macia em suas mãos ásperas, mas sensíveis. Ele segurou uma mecha de cabelo, contra a luz do fogo, observando a forma como os fios mudavam de amarelo para branco prateado e ouro. Ele soltou os fios e enfiou a mão na espessura felpuda.

Arrastando os dedos pelo cabelo de Connor, Adam deixou seu rastro passando a mão pelo rosto do homem, mapeando a curva do rosto pálido e o ângulo suave do queixo, em seguida, traçou a plenitude dos lábios entreabertos.

Ele deixou a mão sobre a boca de Connor, deixando os sopros de luz da respiração dele boiar sobre a ponta dos dedos, aquecendo-os. Ao mesmo tempo, Adam levou a outra mão à frente para descansar no peito de Connor, sentindo o bater do coração pulsando contra a caixa torácica em muda

garantia. Adam se deleitava com as sensações em suas mãos, sentindo a força da vida do parceiro escolhido.

Com os olhos fechados e respirando profundamente, ele começou a explorar o corpo de Connor, sentindo a suavidade que definia a forma do pescoço e ombro, tocando o oco na garganta, onde seu próprio suor tinha se juntado e secado, a fina musculatura, peito e tronco magro e o formato cônico da cintura pequena. Ele percorreu apenas o conteúdo da parte de cima do cobertor, por hora bastava para familiarizar-se com a sensação da pele de Connor e seu odor característico.

Lentamente deslizou a mão pelo braço flexível e levou a mão de Connor até a boca. Ele a esfregou, beijou os dedos levemente curvados e abertos, em seguida, lambeu a palma da mão, saboreando o gosto, permitindo que o sabor de Connor se imprimisse nele, sempre enraizando a visão, cheiro, gosto e sentindo no coração e nos sentidos.

Enlaçando os dedos das mãos, os olhos ainda fechados, Adam sentou-se perfeitamente na cama, deixando os *Spiritwalkers* voltarem para ele. Eles se regozijaram com sua felicidade encontrando o seu pretendido companheiro, e por um momento ele foi transportado ao seu mundo, os espíritos subindo e a alma renovada.

Um tremor nas costas da mão trouxe Adam abruptamente de volta ao mundo real da pequena cabana. Ele abriu os olhos para ser saudado por um par de confusos olhos verdes que se esforçavam para se concentrar nele sob as pálpebras pesadas.

Capítulo 5

Pesadas nuvens pairavam no céu cinzento, as grossas ondas escuras bloqueando a maior parte da ofuscante luz da manhã, ali na ravina pouco abrigado. Além da fronteira de árvores, os ventos tempestuosos uivavam uma canção triste que pareciam clamar aos céus. Eles varreram a camada superior de neve do chão, girando pelo ar só para depositá-la sobre novas rochas e galhos de árvores, outra vez.

Na pequena clareira debaixo de um monte de neve recém-depositada estava exposta a estrutura de uma máquina de neve, o guidão curvado sob seu peso, pois estava de lado, meio enterrado e em silêncio.

Com um estouro explosivo de força, de repente, os ventos mudaram de direção para baixo na estreita faixa da ravina limpando, tirando tudo de seu caminho.

Dando chicotadas em todo o baixo ventre da máquina morta, os ventos arrastaram camada após camada de neve até que a máquina ficou quase que toda exposta, revelando o corpo humano encolhido sob a moldura de proteção. Os ventos puxaram o casaco de pele de foca congelado, até que finalmente agitou-se por conta própria.

Com os membros duros e pesados, Dark rolou lentamente de costas, o movimento lembrando-o da localização de cada osso quebrado e músculos congelados e machucados. A dor teria sido angustiante se não fosse à temperatura de congelamento que anesthesiava, deixando um maçante ardor apenas quente, o suficiente para mantê-lo consciente.

O braço esquerdo estava quebrado em dois lugares, a sensação de ossos afiados rasgando a pele acima do cotovelo fazia-o cerrar os dentes, enquanto o maçante pulsar entorpecendo seu pulso deixava a mão essencialmente inútil.

As costelas ao longo da lateral esquerda estavam trincadas e algumas quebradas, uma dor aguda deixava-o consciente de cada respiração que forçava para os pulmões.

O joelho esquerdo estava apertado e impossível de dobrar, mas a dor era menor do que no braço e no peito. A perna queimava e ele não conseguia tolerar qualquer peso sobre ela. O sangue tinha congelado no rosto, nos vincos e linhas da pele curtida e em uma cicatriz profunda entre os olhos, que ia da testa até o fim do nariz.

Lentamente, puxou um joelho centímetro por agonizantes centímetros e agarrou-se à máquina de neve para se apoiar e se proteger dos ventos que o golpeavam, tentando jogá-lo para baixo. Assim que conseguiu ficar estável, ele usou a força do vento como coadjuvante enquanto balançava a máquina de neve, tentando endireitar o aparelho ligeiramente atingido.

Uma e outra vez Dark abalroou o assento acolchoado com a maior parte do corpo, o lado esquerdo virou-se para o frio entorpecedor dos ventos fortes. Ele era forçado a parar periodicamente para recuperar o fôlego e limpar a tontura que borrava sua visão, mas a determinação o estimulava. Ele sabia que seu destino não incluía morrer naquele barranco congelado. Ele fazia parte de um destino maior. Uma vida dependia dele, a qual tinha jurado guiar e proteger.

Connor fora marcado pela lua, seu destino para sempre ligado à besta que o caçara e levava. Mas Dark sabia que Connor não estava pronto. Os espíritos o transformaram muito cedo. Ele não tinha feito bem seu trabalho o suficiente ainda.

Dark tinha protelado seus ensinamentos, deveria ter aproveitado a companhia do jovem, mas havia contado apenas o suficiente para despertar-lhe o interesse, mas não o bastante para dar ao homem a verdadeira compreensão. Ele tinha medo que o médico, jovem e inteligente iria perceber rapidamente o verdadeiro significado de seus contos e teria partido em busca

do seu destino antes que os espíritos estivessem prontos. Mas foi ele que calculou mal e agiu lento demais. O jovem médico iria reivindicar e tomar, transformar-se e ficar preso para sempre a um mundo para o qual não estava preparado.

Dark perdera Connor uma vez, ele não o deixaria de novo. A distante lua cheia estava clara como o dia. Se ele pudesse alertar os outros e resgatar o médico, apenas por alguns dias, poderia fazê-lo entender seu papel no caminho escolhido para ele décadas atrás. Sem entendimento, o jovem estaria perdido, oprimido e resistente à nova vida.

Renovando os esforços, Dark empurrou mais forte, deixando toda a ansiedade e preocupação reprimidas alimentar seus esforços. A máquina balançava e oscilava ao sabor de uma espessa banda de rodagem de borracha, em seguida, bateu a neve, de pé e se contorcendo ligeiramente.

Inclinando-se sobre o assento, Dark se dobrou e se aconchegou atrás do abrigo da máquina e teve tempo para recuperar a força, ofegante pelo ar frio, cada fôlego era uma agonia para sua caixa torácica ferida. Uma névoa gelada agarrou-se às sobancelhas e aos pelos que espetavam o capuz do casaco. Exausto e com dores, ele ficou imóvel por quase meia hora antes que os ventos amargos o forçassem à ação novamente.

Fixando o braço esquerdo, agora inútil, contra o peito, Dark agarrou o guidão e soltou seu joelho direito, fazendo uma careta quando o peso salientou a carne inchada da perna. Ele sentia dor no pé e na perna, mas fez.

Ele chegou até o assento deslizando, uma lentidão estranha pelos membros rígidos e roupas congelando. Arranhando o painel de instrumentos com os dedos dormentes apesar das luvas, ficou aliviado ao encontrar a chave ainda na ignição.

A máquina era nova, modelo topo de linha do ártico que Greg insistira em comprar. Era muito espessa, extragrande, com um tanque extra de combustível e motor pesado, a bateria tolerava bem as temperaturas abaixo de

zero. Dark pensara que aquelas máquinas eram muito extravagantes quando Greg insistiu em comprá-las, mas agora fez uma oração de agradecimento aos espíritos que orientaram o homem.

Ao rodar a chave, ele murmurou outro tipo de oração e pediu ao motor frio que ligasse. Três agonizantes tentativas depois, o motor soltou um protesto fraco e moderado. Um estrondo de vida mecânico quebrou a calma da ravina e fez o espírito de Dark se animar. Até os ventos responderam, puxando sua corcunda, diminuindo o ritmo já lento.

Apertando a alavanca de combustível para frente com o polegar direito, ele manobrou com uma mão, soltou o freio do lado esquerdo e passou para uma velocidade moderada, já que poderia controlar com a alimentação de gás.

A trilha era desigual e difícil de ver sob a luz fraca e pela neve. Dark precisou parar de tempos em tempos novamente para verificar o desempenho da máquina ou para descansar. Os músculos do pescoço e dos ombros, aquecidos pelo esforço físico de manter a máquina de neve na pista com apenas um braço, reclamaram seu desagrado com cólicas e espasmos, debruçado contra o frio e o vento.

À noite, Dark parou e atirou-se sobre o assento largo, exausto. Ele deixou o motor ocioso, em repouso, detestava desperdiçar gás, mas tinha mais medo de desligar o motor e correr o risco de não conseguir fazê-lo pegar de novo. O frio tinha aumentado e o gelo ficou pendurado dos lados da máquina e pela sua roupa. Um fogo queimava-lhe os ombros e ia até embaixo nos pulmões, a mordida do ar frio finalmente cobrando pedágio sobre a sua minguada resistência.

Ele viajara o dia todo, aproximando-se cada vez mais da cidade, cobrindo milha após milha em um passo de lesma. Ele lutou com o terreno acidentado, contra a força e a estepe com apenas uma mão no volante. A energia drenava do seu corpo ao mesmo tempo em que a temperatura caía. À

distância, ele conseguiu ver as luzes de Nekenano a menos de dois quilômetros de distância. Duas longas e inatingíveis milhas⁹ de distância.

Finalmente, em choque, Dark fechou os olhos. Ele abraçou o assento almofadado de lado para apoiar o braço agora sem vida, vagamente consciente do arrepio que o invadia sugando-lhe a vida do corpo.

O horizonte desapareceu de vista antes que os faróis de duas máquinas de neve iluminassem sua silhueta arqueada contra o céu.

⁹ **Milhas** – cada milha corresponde a aproximadamente 1.609 metros.

Capítulo 6

-Será que ele vai sobreviver, Doutor? - Mitch mantinha distância da cabeceira de Dark, enquanto Pierce e Webb entraram na sala para examinar o homem maltratado.

-Ele retornou por conta própria, e sobreviveu a quatro horas de cirurgia, ele vai sobreviver o resto do caminho. Ele é forte. - Desligando a lanterna de bolso, Greg soltou a pálpebra de Dark e recostou-se, o corpo apoiado na beira da cama do hospital elegante. O rosto estava rígido e a carranca estava de volta entre as sobrancelhas, franzindo a testa.

Webb estava sobre o ombro de Greg, os olhos avaliando clinicamente o homem inconsciente deitado na cama, enquanto falava.

-Forte o suficiente para viver, com cinco costelas fraturadas, um pulmão perfurado, duas fraturas expostas no braço, um joelho quebrado e uma concussão?

A voz anasalada e irregular de Webb fizeram os dentes de Greg rilharem de dor. Parecia que ela tinha pólipos¹⁰ do tamanho de ervilhas nas cordas vocais. Ele adivinhou que o maço e meio de cigarros que ela fumava diariamente desde que chegara, provavelmente tinha algo a ver com isso.

Mitch permaneceu na porta aberta para a enfermaria de seis camas, observando o trabalho de Greg. Greg olhou para Mitch, em seguida, brilhou uma careta de desaprovação para Webb antes de olhar para Dark.

-Você não o conhece. Uma das primeiras coisas que você aprende durante sua estadia, Dr^a. Webb, é que as pessoas daqui têm uma força interior e uma coragem que você e eu só podemos tentar imaginar. - Sua voz tinha um

¹⁰ **Pólipo** – designação genérica dada a qualquer formação tumoral (benigna ou maligna). Formam-se, geralmente, nas cavidades revestidas de membranas mucosas (bexiga, canal auditivo, fossas nasais, intestino, útero, reto, laringe, etc.).

tom de admiração quando continuou. -Eu mesmo não conseguiria sobreviver a essas lesões lá fora, na noite de trinta e seis horas, muito menos fazer o caminho de volta à cidade nessas condições. Você conseguiria?

-Sobreviver? Provavelmente não. Mas nem ele conseguiu, ainda.

-Não tem fé na minha habilidade cirúrgica, doutora? - Greg deixou o sarcasmo na voz o suficiente para que ela soubesse que a opinião dela não ia conseguir nada, de uma forma ou de outra.

-Pelo contrário, pelo que vi na sala de cirurgia há algumas horas, você é um cirurgião incrível. - Ela fez um gesto vago em direção a Dark. -Estou apenas sendo realista, Doutor.

-Bem, não acho. Ele vai conseguir. - Greg se afastou da cama e arqueou as costas, sentindo satisfação a cada piscar de olhos e o estalar das vértebras. De pé na cirurgia por horas, reparando, consertando ossos quebrados e um pulmão perfurado, gastara muita energia.

- Creio que podemos deixar as formalidades de lado, também. - Greg olhou para a nova colega e forçou um sorriso, resignando-se à presença de Webb pelos próximos seis meses. Ele iria precisar de alguém para administrar a clínica, enquanto procuravam por Connor, e ela era a única médica na cidade. -Afinal, nós passamos horas suando juntos em uma situação de vida e morte. - Ele deu-lhe um de seus sorrisos mais encantadores. -Você pode me chamar de Greg.

O sorriso de resposta de Webb foi irônico, mas ele podia dizer que ela estava influenciada por seu charme e apelo físico.

-Não penso que a sala de operações conte como condições do campo de batalha, mas tudo bem. - Sua espinha relaxou uma fração, e a voz perdeu um pouco daquela lamentação que Greg achava que ralava. -Pode me chamar de Ash.

-Bom. - Ele segurou seu olhar por mais um momento. -Você fez um ótimo trabalho na cirurgia. Eu sei que não terá nenhum problema cuidando das coisas para o dia seguinte ou algo assim por conta própria.

Ele arrumou uma das linhas da intravenosa e enfiou o cobertor em torno do corpo de Dark.

- Durante o dia temos enfermeiras, Emily e Rose, que podem lhe dar uma mão para se organizar e encontrar as coisas. Elas estão conosco desde que abrimos.

Erguendo seus braços, Webb franziu a testa e gesticulou em direção ao corredor externo da clínica e para além da ala.

-Ei, espere um minuto. Eu acabei de chegar aqui. Onde você está indo?

Greg mal olhou para ela.

-Vou sair nas primeiras horas para procurar Connor.

Caminhando em torno da cama, Webb se plantou na frente dos fios e tubos, achando que Greg estava exagerando, forçando-o a olhar para ela.

-Você é médico. - ela disse. -Não há grupos de busca, policiais, para esse tipo de coisa?

Greg sacudiu a cabeça em direção a Dark.

-Dê uma olhada no homem na cama, Ash. Connor estava com ele. Como você acha que ele vai estar quando o encontrarmos?

Webb fez uma careta e suspirou, mas olhou Greg nos olhos, desafiando-o a dizer que ela estava errada.

-E o que você vai poder fazer por ele na tundra congelada, a quilômetros de cuidados médicos?

Sem desviar o olhar fixo, Greg murmurou:

-Mais do que fiz da última vez.

-O que tem a última vez? - Webb franziu a testa, os cantos dos olhos enrugando em confusão. -Do que você está falando?

-Não se preocupe. – A voz soou demasiado severa e Greg desviou o olhar, os olhos dardejando primeiro a face neutra, mas sempre atenta de Mitch, então de volta para Webb. Ele suspirou e suavizou o tom. -É uma longa história com final ruim. E não, eu não vou falar sobre isso algum dia.

Um gemido baixo e o farfalhar de lençóis chamou sua atenção de volta para a cama. Greg avançou e inclinou-se sobre Dark, observando atentamente como o homem se contorcia e rolava a cabeça. Os olhos escuros do guia se abriram lentamente para encarar Greg.

-Dark? Você pode me ouvir? É Greg, o Dr. Pierce.

Reconhecendo o olhar sem brilho vitrificado causado pelos efeitos secundários da anestesia, Greg deu tempo para o homem se orientar. Quando os olhos escuros faiscaram com o afiado brilho habitual, ele estendeu a mão e apertou o braço de Dark, para que soubesse que ele era real e não uma alucinação induzida pelo choque.

-Você está em casa, de volta à clínica. Nós, a Dra. Webb e eu, operamos você. Você vai ficar bem. – O som macio e familiar de gastas botas almofadadas lhe disse que o outro guia se aproximava. -Mitch está aqui, também.

Dark hesitou e cuidadosamente virou a cabeça enquanto olhava para as camas vazias em torno dele.

-Onde está o rapaz? - Seus lábios mal se moviam e as palavras rasgavam dolorosamente a garganta seca.

Greg sentiu os músculos debaixo da mão tensa.

-Você quer dizer Connor?

Dark assentiu com a cabeça, depois fez uma careta, a dor gravada nas linhas profundas ao redor da boca e dos olhos.

-Nós não sabemos onde ele está, Dark. - Greg ficou surpreso ao ouvir a voz tremer. Ele respirou fundo e esperou um momento antes de continuar, a emoção parecia mais no controle quando falou de novo. – Encontrei Mark e

Beth Peters fora da cidade perto do pôr do sol. - Ele deu uma palmadinha no braço bom do homem. -Você passou as últimas duas horas de cirurgia. - Ele apertou ainda mais, e o guia abriu os olhos novamente para se concentrar nele. -O que aconteceu lá? Você consegue se lembrar de alguma coisa?

Olhando para fora, para um ponto em algum lugar acima do ombro de Greg, o olhar de Dark cresceu desfocado e distante. Após alguns segundos, os olhos clarearam e ele voltou o olhar para Greg, uma combinação de remorso e pavor no rosto.

-Um *Skinwalker*... O pegou. - Dark fez uma pausa, respirando pesadamente. -Um lobo... Bateu no nosso trenó... E... E outro lobo maior levou-o embora.

-Um o quê? - Greg balançou a cabeça e bufou um som afiado, indignado. -O que quer dizer com levou-o? Um lobo não pode levar um homem adulto para longe.

A cabeça do homem ferido voltou a afundar no travesseiro, o rosto mais pálido do que antes.

Greg sacudiu levemente o ombro de Dark.

-Um *Skinwalker*? Você está falando de um espírito? Um espírito levou Connor?

- Sobre o que ele está falando? O que é um *Skinwalker*? - Webb olhou para Greg e, quando ele a ignorou, ela virou-se para Mitch esperando uma resposta.

Silenciosamente, Mitch deu um passo adiante.

- Um *Skinwalker* é uma antiga crença do nosso povo, um guardião da noite, uma cria da lua. Se ele vem na forma de lobo, na sua língua ele seria chamado de... Lobisomem.

-Você não está falando sério. - Webb bufou e cruzou os braços sobre o peito enquanto dava um passo para longe da cama. O olhar saltou de um homem para outro.

Com o cenho franzido, Greg sentou-se e soltou Dark.

-Claro que ele não falou sério. - Ele apontou para os curativos pesados em volta da cabeça de Dark. -O homem está com uma concussão, pelo amor de Cristo. Ele provavelmente teve alucinações nos últimos dois dias. - Então, um pouco mais incerto, acrescentou. -Ele está apenas confuso.

Abrindo os olhos novamente, Dark visivelmente se esforçou para manter-se acordado.

-Mas meus olhos ainda funcionam, Dr. Pierce. - Sua confiança tranquila enviou um arrepio por Greg. -Um *Skinwalker* o levou, levou-o para o mundo espiritual. - Os olhos de Dark tremeram fechados, e ele parecia ter caído no sono novamente.

A médica ficou em silêncio. Webb passou as mãos para cima e para baixo nos braços como se quisesse aquecê-los e se aproximou da porta.

Greg e Mitch trocaram olhares até que Mitch quebrou o silêncio.

-Eu encontrei tufos de pelo no guidão da máquina de neve, quando olhei. Tinha um lobo lá.

Esta informação levou para longe o argumento de Greg de que o homem estava alucinando, pelo menos, sobre o ataque de lobos.

-Isso ainda não faz sentido. - disse Greg. -Você sabe tão bem quanto eu que lobos não chegariam perto de uma máquina de neve funcionando. É muito grande.

-Por que não? Eles correm atrás de alces e estes são maiores do que um trenó.

Com voz preocupada, Greg levantou-se.

-Pelo amor de Deus, Mitch, alces não fazem o tipo de ruído de uma daquelas malditas máquinas. - A voz elevada mexeu com o homem na cama.

Dark reuniu forças e pegou o punho fechado de Greg.

-É a verdade. O rapaz está com o *Skinwalker* dele. - Ele balançou a cabeça e uma única lágrima deslizou para o lado da face resistente. A voz

tornou-se fraca e atrapalhada. -Muito em breve, muito em breve. Eu não lhe disse o suficiente. Ele não vai entender o caminho que está destinado a trilhar.

Greg segurou os dedos de pele escura enrolados em seu pulso, tentando tranquilizar o perturbado homem.

-Vai ficar tudo bem, você está apenas um pouco confuso com tudo o que aconteceu.

Os olhos Dark vibraram e se fecharam com má vontade.

-Descanse. - Greg olhou para Dark tentando imaginar o que o homem podia ter visto lá fora que lhe teria dado a impressão de que era um lobisomem, mas o pensamento racional teimou em se intrometer.

-Ele deve ter visto alguém lá fora.

-Quem poderia estar lá fora, no meio do nada? - Tremendo visivelmente, Webb agarrou um cobertor de um carrinho de roupa ali perto e colocou sobre o peito de Dark. Ela pegou outro e envolveu-o em torno dos próprios ombros, cobrindo as mangas curtas da fina túnica.

-Há uma possibilidade, Doutor. - Mitch foi até o pé da cama e viu o amigo cair no sono, pondo fim a quaisquer respostas mais que pudessem ter dele. -Há uma pequena tribo que vive ao norte de Raven Gully, um grupo de Dena'ina isolado. Eles são conhecidos por evitar os outros fora de sua tribo. Se eles se depararam com o acidente, teriam levado o Dr. Jacy para lá.

-Sério? - Greg levantou-se e escorregou lentamente a mão agora relaxada de Dark. Ele virou a cara para Mitch, feliz por ter algo para tratar. - Eu não sabia que havia um grupo desse porte. - Ele franziu a testa, o sulco marcando a testa lisa em relevo. -Mas isso é bom. Pelo menos há a possibilidade de Connor ter obtido ajuda. Que ele não está lá fora congelado até a morte, ou usado como refeição para os predadores. - Greg levantou-se ereto, a boca pressionada em uma linha firme. -Ele não está morto se alguém o levou embora.

-Por que deixar Dark para trás? - Webb perguntou.

-Talvez pensassem que ele estava morto. - Mitch olhou para o colega. O peito de Dark subia e descia em um ritmo superficial e ele gemia baixinho no sono.

Webb olhou para o rosto ainda pálido do homem, coberto de gesso e curativos e com um tubo no peito correndo do lado esquerdo para um recipiente no chão.

-Bem, certamente ele *parecia* morto quando chegou aqui.

-Talvez. Mas não faz sentido. - Greg olhou para Dark, em seguida, começou a andar no estreito espaço entre as camas, o ritmo crescente a cada palavra que falava. -Não importa agora. Ele está aqui e se recuperando. E agora temos uma ideia de onde procurar Connor. Isso é o que importa. Só precisamos encontrá-lo e nos certificar que está tudo bem.

Mitch foi em direção à porta com a mesma energia e propósito que Greg assumira.

-Vou me certificar que a equipe de procura esteja pronta.

-Sim. - Greg apontou o dedo para Mitch e começou assinalando itens na ponta dos dedos. -Dois médicos e todas as drogas portáteis, incluindo material para transfusões. Cobertores extras, e diga a Emily para garantir que nenhum medicamento com sulfas¹¹ estejam no kit. Connor é alérgico a elas. Quero sair logo e leve o suficiente para poder seguir o rastro, Mitch. Nem um minuto depois. Ainda não sabemos o quanto ele está machucado.

Mitch balançou a cabeça e desapareceu pelo corredor. Webb seguiu-o, dizendo:

-Eu vou verificar as embalagens de medicamentos para você.

Sentindo uma perda súbita e inexplicável quando Mitch deixou a sala, Greg tentou acompanhar os passos do homem, mas o guia já tinha sumido de vista. De repente ele percebeu o quanto dependia de Mitch, contava com ele como guia e como amigo. Ele nunca pensara em Mitch dessa maneira antes.

¹¹ **Sulfas/sulfonamidas** – é um grupo de antibióticos sintéticos usados no tratamento de doenças infecciosas devidas a micro-organismos.

Na verdade, ele não costumava pensar em Mitch muitas vezes. Nunca precisou porque o homem estava sempre lá.

Greg olhou para Dark na cama e se permitiu um momento de satisfação. Ele e Webb tinham salvado a vida de Dark hoje. O homem mais velho seria capaz de voltar às atividades normais em pouco tempo. E agora eles precisavam de tempo para encontrar a outra vítima do acidente.

Seus pensamentos se voltaram imediatamente para Connor, dominado pelo medo, o jovem estaria pior do que no escuro. Greg fungou e limpou os olhos, forçando o terror de volta ao lugar escuro onde sempre manteve, acorrentado sob uma fachada de casual indiferença.

Olhando para a noite negra através da grande janela em uma ponta da sala, Greg falou sozinho em voz alta, desafiando qualquer coisa que pudesse ouvi-lo.

-Eu não vou perder este também.

Capítulo 7

Às seis horas da manhã seguinte, Mitch juntou seis voluntários locais, dois policiais e Greg para a busca.

O pacote médico que Greg embalara estava tão pesado que Mitch teve problemas para levantá-lo sobre a maca do trenó e rebocar atrás da máquina de neve.

Mitch observou que a conversa entre os homens era quase inexistente, o humor do grupo estava sombrio. A conversação tinha sido sobre a gravidade dos ferimentos de Dark. A possibilidade de que iriam encontrar o jovem médico da mesma forma, ou em estado pior, nunca saiu de seu pensamento.

Quando os primeiros raios de sol sem brilho surgiram no céu cheio de nuvens aliviaram a sobrecarga do manto de neve e os dez homens subiram a bordo das máquinas e partiram. O rastreador mais experiente do grupo, Mitch, naturalmente assumiu a liderança.

Mudando o habitual papel de líder nato para seguidor, Greg ficou ao lado de Mitch, calmo e sem queixas.

Dando um olhar furtivo para o doutor Greg que parou ao lado dele, Mitch deu um aceno rápido, olhou silenciosamente, reconhecendo a mudança de papéis. Ele aproveitou o momento para, inesperadamente, piscar para o médico, assustando-o. Quando Greg conseguiu piscar de volta, olhos arregalados de surpresa, os lábios de Mitch se contorceram em um pequeno sorriso coquete e ele rugiu o acelerador, o resto da equipe seguindo de perto.



A cabeça de Connor latejava e ecoava em seu estômago. Atrás dos olhos, luzes brilhantes esfaqueavam seu cérebro como mil fragmentos minúsculos de vidro quebrado. Sentia os membros como se fossem de chumbo. O corpo pesado e imóvel provocou uma onda de pânico e ele sentiu a garganta se contrair.

Ele cerrou os punhos para conseguir rolar para o lado e inesperadamente agarrou a carne quente de uma mão sob os dedos. Os músculos se contraíram e percebeu que alguém estava segurando a mão dele e ele forçou as pálpebras de chumbo a se abrirem. Esperando ver Greg, seu coração trovejou no peito quando os olhos embaçados só viram uma grande forma escura e sombria debruçada sobre ele, segurando-o. Era demasiado grande para ser Greg.

Lembranças desconexas passaram pela sua mente em alta velocidade. A última coisa que viu antes de desmaiar foram os olhos brilhantes e a pele escura de um animal enorme, selvagem. Na cintilação da luz fraca do fogo que ardia na lareira na parede oposta, o desmedido corpo sentado ao lado dele parecia assumir vagamente as mesmas características. A mente estava acelerada e o corpo continuava resistindo a todos os seus esforços para se acalmar, então Connor se soltou e vomitou, sentindo o terror correr através dele. A sala girava em torno dele a uma velocidade vertiginosa. O ar parecia que evaporava dos pulmões. Ele cerrou os olhos fechados em uma vã tentativa de parar o movimento de giro. O sangue latejou em sua cabeça que doía e a boca ficou seca. Espasmo após espasmo torcia-lhe o estômago que se rebelou violentamente esvaziando todo o seu conteúdo.

O quarto girou novamente, desta vez em uma direção diferente e Connor se esqueceu da criatura ao lado dele. Ele não conseguia manter os olhos abertos. As luzes por trás deles o cegavam, mesmo sem a iluminação extra e vibrante do fogo. Ele engasgou, em seguida, moveu-se de supetão para

vomitaram, incapaz de respirar entre as convulsões estomacais. Ele sentiu como se o seu corpo estivesse tentando eliminar cada um dos seus órgãos vitais através da boca. Ele pensou que aquilo jamais terminaria.

Lágrimas escorriam pelo rosto e o nariz também escorria. Sentiu a ruptura de alguns pequenos vasos sanguíneos do rosto pela tensão contínua. O cheiro e o gosto do alimento parcialmente digerido e ácido do estômago encheram as narinas e a boca. O mau cheiro fez sua garganta queimar e era forte o suficiente para mascarar o cheiro da fumaça de madeira queimada na sala quente. Connor se sentiu completamente desligado e fora de sincronia com o mundo.

Depois do que pareceram horas, os espasmos no estômago abrandaram até ficar somente uma náusea. De repente, ciente da superfície macia onde estava deitado, Connor começou a relaxar os rígidos e doloridos músculos. Ofegando ligeiramente, aliviado por poder respirar mais fácil, lentamente começou a rolar sobre suas costas. Ele encontrou uma pressão pesada e quente no meio da sua espinha empurrando-o de volta, forçando-o delicadamente a permanecer deitado de lado. Exausto demais para lutar, cedeu e acalmou os movimentos, encontrando-se relaxado e dócil em um emaranhado de membros que não respondiam.

A mente de Connor estava à deriva, os pensamentos desordenados fora de sequência, todos misturados a visões do pesadelo de gelo, lobos e grandes animais em pé. O pensamento em Dark passou brevemente pela sua mente, e ele sabia que devia prestar mais atenção, mas não conseguiu manter o foco.

Um gemido escapou-lhe e ele imediatamente o cortou, o ácido forte queimando demais a garganta para tolerar. O som alertou quem estava com ele e um pano limpo gentilmente enxugou-lhe o rosto suado e coberto de baba. Cautelosamente deu um tapinha no cabelo para tirá-lo da testa, alguns fios puxaram dolorosamente, emaranhado à pele por algum motivo.

A sensação do puxão era menor, mas a explosão de dor que provocou ao tirar era terrível. A sensação de náusea rolando disparou desde a ferida até as profundezas do estômago de novo e um gosto amargo provocou dor na mandíbula, um aviso familiar de que estava prestes a vomitar. Ele começou a ser amparado e ficou absurdamente grato por ainda estar ao lado do outro. Uma olhada rápida através dos olhos embaçados e cheio de lágrimas mostrou que um balde de metal estava levantado e mantido no lugar por uma grande mão cor de canela.

Em algum lugar entre a décima e a vigésima vez que vomitou, Connor arriscou inclinar a face para cima e lançou um olhar para o seu anjo da guarda em silêncio, firme. Por três segundos sua visão turva registrou a espécie, olhos escuros em um bonito e esculpido rosto de um nativo americano, peito musculoso e nu antes que uma nova onda de vômito começasse, tirando sua atenção.

Quando passou o último espasmo, Connor caiu sobre a cama, com a cabeça pendurada na borda, exausto demais para abrir os olhos. Como se em um sonho distante, ele podia sentir seu corpo sendo reposicionado. Ele estava nu e coberto de suor. O cheiro de sangue velho perto do nariz fez o seu estômago embrulhar. Seu rosto estava rígido em alguns lugares, como se um xarope de panqueca tivesse secado em sua pele. As pálpebras pareciam muito pesadas para mexê-las, cada cílio minúsculo transformado em um peso de chumbo.

Sentindo-se pior do que já havia se sentido em toda a sua vida, Connor perdeu todo o desejo de fazer outra coisa senão cair no sono. A preocupação súbita e lancinante de que não acordaria se fosse deixado sozinho apoderou-se dele. Mexeu-se sem descanso na cama e um pequeno gemido escapou dos lábios secos e rachados. Uma mão apertava e abria, torcendo o cobertor que cobria seu corpo corado, enquanto a outra procurava a superfície à procura de algo substancial para tocar. Sua mão esbarrou em uma massa de calor sólido.

Dedos robustos agarraram seu pulso, parando o movimento inquieto, então o prendeu entre os próprios dedos, segurando-o firmemente.

Connor suspirou de alívio. As dolorosas visões que rodavam em sua cabeça desapareceram, as cores e sons suaves recuando, de repente, para o fundo da mente.

Ele entreteve um desejo febril que se o lobo que vira antes ia devorá-lo, o animal iria fazê-lo rapidamente e em breve. Muito em breve.

Seus pensamentos haviam caído para zero quando uma densa nuvem de letargia desceu e o sono o invadiu, a mão ainda fortemente entrelaçada como uma presença protetora ao seu lado.



Acordar na segunda vez foi melhor, mas não muito. O ar cheirava levemente a sangue velho, suor e madeira queimada, todas elas censuráveis para a garganta doída de Connor e o estômago dolorido. Sem abrir os olhos ele reconheceu os sons dos ventos ferozes de inverno chacoalhando as vidraças.

Connor despertou apenas porque seu corpo exigia. A boca estava tão seca quanto à língua que estava pregada ao céu da boca. Seus lábios racharam e se separaram quando ele tentou lambê-los. A garganta estava inchada e crua, fazendo-o imaginar que seria como se experimentasse ácido de bateria. A náusea que agitava suas entranhas finalmente passou a ser um mal-estar contínuo. Mas o mais leve movimento de cabeça parecia agitar o conteúdo do estômago e desencadear uma queima de fogos de dor na parte traseira do crânio.

As pálpebras pesadas e ainda com a crosta do sono, Connor forçou-a a abrir a meio mastro, sem mesmo se preocupar em tentar se concentrar em nada. Ele apertou experimentalmente um lado, uma memória enevoada de calor embalando-o preso na mente, mas ele só encontrou tecido macio sob a palma da mão. Ele virou a cabeça ligeiramente em direção ao brilho intenso de luz na sala e as náuseas explodiram em angustiante dor.

Engasgando e sem poder se mexer, Connor teve a visão de uma sombra grande e escura descendo sobre ele. Braços fortes ergueram a parte superior do tronco, embalando-o, enquanto uma parede sólida e quente de carne sentou-se atrás dele, apoiando-o.

-Oh, Deus, pare! - Connor gritou quando os movimentos rápidos intensificaram sua angústia, mas a pessoa que o segurava não prestou atenção, segurando firmemente a cabeça para um lado enquanto ele vomitava.

Depois do que pareceu uma eternidade, um pano fresco enxugou seu rosto. O canto do pano molhado foi pressionado contra os lábios secos e então a borda escorregou em sua boca e foi espremida. Um filete de água fria driblou sua língua. Connor se apegou a ele e debilmente sugou-o, saboreando cada gota de umidade. Seu estômago embrulhou em protesto, mas a boca estava tão seca que foi tudo absorvido antes que ele pudesse engolir um pouco. O pano foi molhado várias vezes até que a náusea finalmente cresceu até a intolerância, e Connor relutantemente deu ouvidos à advertência.

Relaxado mais plenamente contra o apoio às suas costas, Connor virou a cabeça para um lado e seu rosto encontrou carne. Ele lentamente percebeu que suas costas nuas estavam grudadas na pele, também nua, do homem que estava segurando-o firmemente. Ofegando com o esforço, ele forçou os olhos a se abrirem um pouco mais e soltou a cabeça para trás.

Com a visão embaçada pelas lágrimas pela visão dupla e vômito que ele sabia que era efeito colateral da dor de cabeça cegante que sentia, Connor

recostou-se no homem e virou o rosto para cima. Ele forçou os olhos a se concentrarem no que estava acima dele.

O que chamou sua atenção em primeiro lugar foram os olhos do homem. Eram tão negros e tão profundos quanto uma noite sem estrelas. O homem inclinou a cabeça para um lado, aparentemente para dar a Connor uma visão melhor. Por um breve instante, Connor achou que os olhos escuros brilhavam como uma laranja enferrujada. Assustado, piscou e olhou e então xingou, envergonhado. Imaginou os próprios olhos verdes iluminados estranhamente pela mesma luz amarela e laranja da lareira acesa.

Hipnotizado pela mudança de cor, Connor olhou mais profundamente os orbes escuros. Sua expressão suave, quase cheia de reverência deu-lhe uma sensação instantânea de segurança e de pertença. Quem era esse homem cuidando dele, tão terno e suave de uma maneira que contradizia a desmedida constituição física e as grandes mãos ásperas que Connor sentia agora massageando cautelosamente os músculos do estômago revirado, em um esforço para relaxá-los?

O cabelo preto e longo enquadrando a face escura do homem e um brilho de prata meio oculto nos cabelos dançavam na penumbra quando se mexeu.

Enquanto ele olhava para o homem, uma palma áspera deslizou pelo peito e pescoço de Connor para descansar na têmpora. Os dedos do homem tiravam delicadamente seu cabelo do rosto, em seguida mudou e começou traçar o contorno da face. Connor sentiu o movimento suave e repetitivo, tanto calmante quanto de distração, quase de amor. Ele percebeu que era um toque familiar, um toque que ele conhecia de seus sonhos frequentes.

Connor lambeu os lábios ressecados observando os tecidos sensíveis revestidos com uma fina camada de algo espesso e gorduroso, embora não fosse desagradável. Sua voz era pouco mais do que um coaxar suave através das cordas vocais roucas.

-Onde estou?

-Salvo.

A resposta foi simples, dita com uma voz rica e profunda que fez o seu coração falhar uma batida.

Connor chegou até a tocar no ponto doloroso em sua testa, os dedos examinando desajeitadamente a linha áspera da sutura.

-O que aconteceu?

-Você bateu a cabeça.

O coração de Connor saltou de novo com o som.

Uma mão forte e suave impediu que os dedos tocassem na ferida. Connor olhou para cima para dar uma olhada melhor no homem.

- Será que eu... Conheço você?

A cabeça escura assentiu. A prata brilhou à luz do fogo, criando fitas de luar nas paredes.

A voz suave e profunda suavemente sussurrou em seu ouvido.

-Sim, Adada. Eu moro aqui - O homem tocou o lado esquerdo do peito de Connor. – No seu coração.

Convencido de que era tudo um sonho, Connor se atrapalhou com uma mão para cima da cama e tocou o musculoso braço apoiado em seu estômago, arrastando os dedos ao longo da largura até o pulso, grosso e forte. Ele segurou o pulso com a mão, achando impossível envolver mais do que a metade com os dedos. Sem soltar o controle, ele fechou os olhos e recostou-se sobre o peito duro.

-Eu devo ter... Um grande coração... Maior do que eu pensava.

Um riso profundo ressoou das profundezas do peito do homem e ecoou de volta em Connor, vibrando em sua espinha.

-Muito grande, Adada, muito grande.

Connor apertou a bunda para parar o fluxo de uma sensação elétrica chiando por ele antes de desembarcar em sua virilha e despertou uma necessidade que ele não estava preparado para atender nem remotamente.

Piscando forte para limpar a visão a fim de dar uma boa olhada, por último, em seu anjo da guarda, Connor foi atingido por dois pensamentos. O primeiro... Deitado nos braços deste homem parecia tudo muito certo, que ele nascera para estar ali. A segunda... De todos os possíveis salvadores que sua mente confusa e febril poderia ter produzido, ele estava feliz por ter escolhido o amante, a beleza exótica de suas fantasias mais recentes.

Com o conteúdo do sonho, ele virou o rosto na curva do pescoço musculoso do homem, então suspirou e deixou a atração pesada do sono reclamá-lo novamente.

Capítulo 8

Connor despertou com o açoitar e gorgolejo de água corrente quente por entre o cabelo, que reviveu seus sentidos e o deixou completamente desperto. A água escorria pela parte traseira do pescoço, enquanto dedos massageavam o corte no couro cabeludo, lavando o cheiro de suor e sangue seco.

Ele tentou mexer os braços e viu que estavam presos para os lados, todo o seu corpo enrolado em um cobertor fino. Connor estremeceu quando a água mais quente caiu em cascata sobre os cabelos e para baixo em torno das orelhas, fazendo cócegas na pele sensível atrás delas.

Ele ficou parado, mil perguntas tomando forma em sua mente que clareava lentamente. Ele abriu a boca tentando umedecer os lábios e libertar a língua seca. Antes que pudesse formar uma palavra coerente, um pedaço de alguma coisa sólida e fria do tamanho de uma moeda de um centavo foi enfiado sem palavras entre os lábios entreabertos.

Pela consistência granulada ele percebeu que era neve. A umidade e o frio eram uma dádiva de Deus para o seu corpo desidratado. Quando o estômago aceitou as primeiras porções sem se rebelar imediatamente, Connor chupou avidamente o pedaço congelado se esquecendo de todo o resto. Um segundo pedaço seguiu o primeiro.

Sentindo-se parcialmente revivido, ele abriu os olhos em pequenas fendas e olhou para a sala de sua posição de cabeça para baixo. Seu homem de fantasia ainda estava por perto. Enquanto o homem trabalhava, o corpo irradiava um calor suave, as pontas dos longos cabelos longos roçavam provocadoramente os ombros nus de Connor.

-Está acordado de novo, Adada.

Connor olhou para cima e viu os olhos escuros e um leve sorriso no rosto do homem. O estranho ainda era uma visão incrível... alto, belo e bem constituído... como em seus sonhos. O peito impressionante ainda estava nu, mas a metade inferior estava vestida com calças de camurça macia.

As mãos dele eram sólidas, e o tom suave da voz do homem, parecia vibrar através de seus dedos no corpo de Connor. Talvez não fosse um sonho, depois de tudo. A maçante dor de cabeça parecia muito real.

Connor lambeu os lábios e limpou a garganta duas vezes antes de fazer qualquer som.

-Você continua me chamando assim, Adada. Meu nome é Connor, Connor Jacy. - Ele fez uma pausa para respirar, limpando a garganta novamente. Mesmo assim, ela estava rouca e quase inaudível. -Eu sou médico da clínica na... Nekenano.

-Adada significa 'querido' na minha língua. Você é um curador, um homem de medicina, e um dos dois espíritos. Você é muito querido.

-O que é um... Dois espíritos? - A voz de Connor desapareceu na última sílaba.

O homem continuou a lavar o cabelo de Connor enquanto explicava.

-Dentro de sua alma habita tanto um espírito masculino quanto um espírito feminino. Dá-lhe o dobro da força e permite que você veja as pessoas de forma diferente dos outros. - Ele parou e olhou para o rosto de Connor. - O espírito feminino dentro de você permite que você atraia os homens. Homens como eu.

Connor suspirou e desviou o olhar, mas os olhos o traíram e rapidamente piscaram de volta para o olhar de Adam, escuro e intenso.

A expressão de Adam tornou-se solene, mas os olhos brilharam com um novo sentimento de admiração por eles.

-Um grande número de espíritos veio à minha casa para conceder uma bênção adequada.

As pontas dos dedos de uma mão fantasma sobre a têmpora de Connor foi um toque reverente. O homem prendeu o olhar de Connor e disse:

- Meu nome é Adam.

Ele falou baixo e sensualmente, apresentando o seu nome como um presente. Com o som da voz, um arrepio deslizou através da coluna de Connor. Ele sentiu como se uma parte da alma de Adam fora dada a ele. Aquilo era animador e ele ficou emocionado, com uma sensação elétrica agitando profundamente o peito e a virilha. A garganta apertou com emoção inesperada e ele manteve o olhar fixo nos olhos escuros de Adam.

-Adam. Gostei. Encaixa-se em você.

Sentado ao lado de Connor na cama, Adam trabalhou os dedos pelos fios loiros do médico pela última vez, espremendo o excesso de água. Ele teve grande cuidado com a parte de trás da cabeça de Connor, mas este ainda estava ofegante e ficou rígido quando a base do crânio foi tocada. A dor provocou lembranças e lampejos do acidente voltaram correndo. Isto não era um sonho. Em pânico, ele olhou para Adam buscando tranquilidade e respostas.

-O que aconteceu? Como eu vim parar aqui? Onde está Dark?

A dor era real, Adam era real e Connor não tinha ideia de como ou porque estava naquela cabana, isolado, ferido e sozinho com aquele estranho. A ansiedade se derramou sobre ele, e começou a suar frio. Sua visão ficou turva e ele examinou a cabana minúscula, olhando para o guia.

-Onde está Dark? Onde está o meu guia, o homem que estava comigo?

- Connor lutou com o cobertor enrolado em torno dele, mas uma mão forte o impediu de tirá-lo.

-Você estava inconsciente no chão, ao lado da máquina de neve. Você sofreu dois golpes na cabeça, sendo um aqui - Ele tocou a testa de Connor e o médico se encolheu. -E um aqui. - Adam moveu seus dedos para tocar a borda da área onde estava o doloroso inchaço na parte de trás do crânio de

Connor, onde ele havia atingido o gelo. -O velho que estava com você ficou muito mal, ferido. O mundo espiritual o chamou.

Connor se acalmou e olhou para o rosto de Adam, deixando que as palavras solenes afundassem no nevoeiro do cérebro. A voz saiu como um sussurro quando ele encontrou energia para falar.

-Ele está morto? Dark está morto?

Balançando a cabeça, Adam apertou o braço de Connor.

-A perda entristece.

-Ele era um... Um amigo, um bom amigo. - Connor sentia um súbito vazio no peito, uma dor que de novo foi acrescentada à crescente lista de desconfortos. Lágrimas queimaram na parte de trás dos olhos. -Eu vou... Vou sentir falta dele.

Adam estendeu a mão e levantou o queixo de Connor de modo que seus olhos se encontraram.

-Ele vai viver, então, em seu coração, Adada. - Adam bateu no próprio peito do lado esquerdo. -Os espíritos vão guiá-lo em seu novo caminho. Ele não estará sozinho. É o jeito do nosso povo.

Adam mudou de posição e a grande mão protetora postou-se em concha na nuca de Connor logo abaixo da área dolorosa.

Connor engasgou e enrijeceu um pouco quando Adam sem esforço levantou-o e reposicionou-o na cama, a cabeça úmida suavemente embalada e depois abaixada até um travesseiro macio. Ele teve dificuldade em manter os olhos longe do rosto de Adam, forte, cinzelado, um pouco nervoso com o poder e a graça do homem.

-Eu bati a cabeça? Foi só isso? - Connor fez um balanço das dores no corpo. Ele começou a verificar clinicamente fazendo uma lista mental de possíveis problemas pelas pistas que seu corpo ia lhe dando, mas seu cérebro prejudicado ainda não estava à altura do desafio. Os pensamentos de Connor rodaram e a garganta apertou. Lágrimas de frustração e incerteza brotaram e

ele teve de engolir várias vezes para desfazer o nó que se formou na garganta. Tossiu, sufocando com as lágrimas, decidido a ficar no controle de si mesmo.

Sentado na cama ao seu lado, Adam disse-lhe baixinho:

-Você tem um ferimento na cabeça. Você vomitou muito e dormiu durante um dia inteiro. As feridas não foram profundas, mas os golpes que as causaram foram fortes.

Connor fez uma careta.

-Um lobo... Um lobo correndo em nossa direção, bateu no nosso trenó. Dark perdeu o controle e... E...

Uma expressão perdida caiu no rosto de Connor, e ele piscou várias vezes em um esforço para limpar a névoa de incerteza que nublava sua memória.

-Eu não sei o que aconteceu depois disso. Eu tenho sonhado e visto coisas e... E nada parece real para mim agora.

-Eu sou real, Connor. - Adam acariciou delicadamente o lado do rosto de Connor. O toque quente o acalmou e ancorou-o no aqui e agora, mais reconfortante do que meras palavras pudessem fazer.

Adam começou a desembrulhar o cobertor em torno do corpo de Connor. Ele levou seu tempo, banhando uma parte de cada vez suavemente. Suas mãos eram ásperas, mas Connor encontrou calma no toque constante.

Muito cansado e fraco para objetar, resignou-se a deixar Adam fazer o trabalho, ansioso para se livrar do cheiro de sangue velho e odor corporal obsoleto. Ele relaxou às deliciosas sensações da água quente, sabão escorregadio e sólido em movimentos firmes sobre sua pele. Inesperadamente, ele sentiu sua virilha apertar e seu pênis endurecer um pouco pela atenção sensual.

Lançando distraidamente um olhar de objeto para objeto em torno do quarto, Connor tentou concentrar-se primeiro na lareira e, em seguida, nos móveis esparsos, mas seu olhar terminou no reservado Adam.

Connor primeiro notou a maneira como Adam adornara partes do cabelo longo e preto. Duas pequenas tranças caíam do lado esquerdo, enquanto outra no lado direito estava apenas envolta com fitas de couro. Duas bandas largas eram gravadas com prata e enlaçadas no couro, presas à espessura do cabelo.

Fascinado pelos enfeites nativos, Connor estendeu a mão e tocou-os levemente.

- São lindos. Acho que os conheço, os padrões, quero dizer. - Depois de um momento, sorriu com o reconhecimento. - Há um totem fora da clínica com esses mesmos enfeites. Greg... Um amigo meu, disse que o polo era novo, erguido bem antes de eu vir para a clínica. - Foi uma grande honra para a clínica receber a grande escultura de madeira da comunidade indígena da cidade e Connor sabia que Greg estava muito orgulhoso dela.

Connor deixou as bandas escorregarem por entre os dedos, saboreando a frieza do metal contra a mão febril.

-Dark, - Connor teve que engolir em seco antes que conseguisse continuar. -Dark disse que os padrões representavam espíritos antigos, alguns eram guardiões lendários da noite. Outros eram espíritos de cura, nutrem as criaturas da terra, como os médicos. Ele me disse que era uma combinação incomum em um totem, mas acho que eles ficam bem juntos.

As bandas de prata captaram o brilho do fogo, a superfície polida e as arestas de corte iluminados por um brilho suave e branco. O olhar de Connor foi imediatamente atraído de volta para eles, e a partir daí, seu olhar cintilou ao ver a boca de Adam.

O lábio inferior de Adam era rosa escuro e roliço e o superior um pouco mais fino, com picos definidos que se alinhavam sob as narinas. Enquanto o homem continuava a lavá-lo, ocasionalmente sugava o lábio inferior e o umedecia com a língua. Entre o quente deslizar do pano com sabão e a presença altamente sedutora de Adam, Connor estava tendo

problemas para manter os pensamentos e as reações do corpo sob controle para que não se transformasse em algo sexual. Ele estava ferido, a centenas de quilômetros da cidade e de luto por um amigo perdido, mas a atração por aquele homem quieto e poderoso era quase irresistível.

Adam terminou de lavá-lo da cintura para cima e Connor pensou no que ele ia fazer até que calmamente dobrou o cobertor para trás, revelando o resto do seu corpo nu.

Connor engasgou com a rapidez que seu pênis semirrígido expandiu um pouco mais. Era impossível de esconder, e ele não teve a energia ou o desejo de dar uma desculpa pela excitação. Ele lançou um olhar preocupado para Adam, incerto se o homem ficou ofendido pela óbvia atração por ele.

Os cantos da boca de Adam se contorceram, mas ele continuou a lavar sobre o estômago de Connor e para baixo até as pernas, evitando a área do problema.

Enquanto as mãos trabalhavam, o olhar de Adam vagou ao encontro de Connor. Adam sorriu.

-O resto do seu corpo parece estar funcionando muito bem.

Adam descartou o pano. Ao invés, ele usou as mãos quentes e ensaboadas para massagear a parte de trás dos joelhos de Connor, em seguida, acariciou gentilmente as coxas.

-Eu... Acho você muito... atraente. Obviamente. - Connor falou com uma voz tensa e rouca, excitado pelo sensível e provocante toque.

Sorrindo, transformando-se em um sedutor e feliz, Adam pegou a toalha de volta, o fresco calor do sabão, a superfície de tecido áspero acrescentando uma mistura tentadora de sensação à virilha de Connor.

A voz de Adam era baixa, rica e suave, fluindo sobre Connor como mel quente.

-Os espíritos nos abençoaram, então. Eu o desejo muito, também.

Ofegante, Connor conseguiu um pequeno:

-Oh.

O pano subiu mais, deslizando e puxando ao longo e em torno da dura ereção. Connor fechou os olhos e agarrou o pulso de Adam para detê-lo.

-Eu... Eu realmente não estou... Para qualquer coisa agora. Eu... Quero dizer... Bem, quero dizer que eu não conseguiria... Você não iria conseguir nada de...

-Quieto. - Adam suavemente tirou os dedos de Connor em torno de seu pulso e colocou sobre o colchão. -Agora é para você, Adada. Mais tarde, quando estiver melhor, haverá tempo para nós. Vou ter tudo que preciso com o seu prazer.

Adam substituiu o pano pelas mãos grandes e escorregadias, os dedos firmemente encerrando o comprimento do pênis duro de Connor. Ele virou lentamente uma das mãos em uma direção e a outra para o lado oposto, bombeando e torcendo para cima e para baixo o eixo.

Connor arqueou as costas e deixou a carícia áspera em seu pênis consumi-lo com o prazer sensual que lhe formigava a espinha. Algumas bombeadas curtas e sua pele parecia que estava pegando fogo. A dor surda na cabeça recuou para o fundo e até mesmo a náusea se tornou uma vibração pálida. Ele não iria aguentar muito, estava próximo do orgasmo.

-Oh, Jesus... Quero dizer... Adam... Eu não posso acreditar... Acho que vou gozar. - A excitação do homem misterioso, belo e exótico era demais para Connor segurar sua resposta.

Adam manteve os movimentos rítmicos e firmes, deslizando o dedo calejado em torno da borda da cabeça do pênis inchado de Connor, provocando o lado sensível a cada passagem para cima. Quando Connor mordeu o lábio inferior em tensa frustração, Adam rapidamente se inclinou para frente e selou a boca sobre um dos seus mamilos. Ele usou os dentes para ancorar firmemente o bico inchado no local, em seguida, apontou e

acariciou-o com a língua, mordendo o suficiente para fazer Connor suspirar e gemer.

-Ugh! Ah! Augh! - Connor grunhiu com a forte ardência no mamilo, arqueando o peito contra a boca de Adam. O movimento puxou o mamilo hipersensível contra as bordas afiadas dos dentes que o seguraram. Estrias de fogo chiaram disparando desde o cerne da carne diretamente para sua virilha. Por causa do corpo desidratado, o pênis de Connor explodiu com um fraco esguicho de esperma.

Connor quase apagou com a descarga. Ele estava fraco e exausto mentalmente, flutuando em um cobertor grosso de sombras em volta. O pulso fraco, a percussão rítmica parecia jogar nos cantos de sua mente, uma batida antiga, primal e ritualizada.

Na mente de Connor, as sombras do quarto flutuaram para mais perto, suas formas indistintas vagamente lembrando guerreiros nativos de um tempo passado. Quando as batidas aumentaram de volume, os guerreiros se tornaram mais claros. Seus rostos pintados e roupas elaboradas apareceram gritantes contra a pele quente de canela e os rostos estavam solenes. Assim que os guerreiros começaram a cantar, um esguicho de água fria correu sobre o eixo de Connor e sobre a virilha, chacoalhando-o de sua visão. Assustado, abriu os olhos e viu que Adam passava ternamente uma esponja pelo seu corpo limpando os fluídos de sua pele.

Quando ele terminou, levantou-se e ergueu Connor da cama. Pego de surpresa, ele agarrou os ombros largos de Adam, maravilhado com a sensação da carne suave e quente que cobria os músculos sólidos, com a espessura do corpo impressionante do homem.

Os grandes olhos verdes se fixaram nos insondáveis olhos negros e Connor cobriu os poucos centímetros entre eles, beijando timidamente os lábios quentes e carnudos de Adam. Um beijo carinhoso, modesto e pouco exigente.

Recuando, Connor deu a Adam um sorriso tímido, mas saciado e murmurou:

- Obrigado. Eu... - Ele baixou o olhar por um segundo, depois olhou para cima, disposto a liberar os intensos olhos escuros dos seus. -Só... Muito obrigado. Por tudo, não só... Por agora.

Adam devolveu o sorriso com uma sedutora inclinação de cabeça e um aperto notável de força sobre o corpo nu de Connor. Sem nunca desviar os olhos, sua voz ficou rouca e profunda.

-Dar prazer ao seu corpo alimenta seu espírito e o meu. - Seu sorriso cresceu um pouco mais aquecido. -E, sabe, o prazer foi meu também.

Seu sorriso se ampliou e Connor relaxou nos braços fortes de Adam. Uma onda de pesada exaustão se abateu sobre ele. De repente, o barulho dos ventos fora da cabana ficou mais alto e o brilho do fogo ardente machucou seus olhos. Connor fez uma careta, obviamente chegando ao final de sua força que estava em declínio novamente.

Adam rapidamente puxou o cobertor úmido para fora da cama, então colocou-o no novo lençol com cuidado para apoiar e proteger a cabeça ferida o tempo todo. Seu olhar permaneceu no corpo de Connor, depois ele começou a se afastar. Connor pôs a mão em seu braço e o deteve.

-Você sabia antes de começar a me dar banho que eu estava atraído por você, não é? - Connor mal conseguia manter os olhos abertos. -Como você sabia que eu ficaria bem com um homem me tocando?

Adam ficou em silêncio estudando o rosto de Connor, delineando as cicatrizes antigas e as novas que ele teria quando a ferida atual se curasse.

-Senti o cheiro de outro homem em você. - Seu pronunciamento foi plano e factual, a voz sem julgamento, mas seu tom de voz tinha uma nota definitiva de desagrado. -Não é só o cheiro do corpo dele. O cheiro do seu amor.

As pálpebras pesadas de Connor piscaram e se abriram, e sua voz levantou-se a cada palavra.

-Você *o cheirou*?

Adam encolheu os ombros.

-Melhor perseguidor do território. - Adam bateu na lateral de sua têmpora, no nariz reto e bronzeado e respirou fundo. -O bom senso do olfato. – Adam deu de ombros casualmente de novo. Abandonando o assunto, ele caminhou até a lareira e começou a alimentar o fogo para a noite.

Dando uma pequena risada de surpresa, Connor fechou os olhos cansados, então abriu um de reserva para estudar o companheiro.

-Foi essa a verdadeira razão para o banho? Para se livrar do cheiro de outro homem?

Adam removeu os poucos itens do banho enquanto falava, então voltou para a cama com um copo de metal cheio de água da neve derretida recentemente. Sentado na cama, ele puxou Connor para que se sentasse.

Muito agradecido, aceitou o copo. Ele deixou Adam ajudá-lo a beber e esperou por uma resposta.

O sorriso sedutor no rosto de Adam se transformou em um pequeno sorriso.

-Lavar fora o passado é um ritual honrado pelo tempo. O banho de limpeza é início de um novo começo.

Colocando o copo vazio sobre a mesa, ele se levantou e puxou os laços na cintura, deixando cair às calças de camurça para o chão, então graciosamente saiu delas.

Os olhos de Connor se abriram mais ainda com a visão do pênis flácido, mas enorme, do homem.

Ignorando a reação às palavras de Connor, Adam caminhou até a cama e deslizou sob as cobertas.

-Além disso, você sentiu. - Ele rolou de lado para Connor e jogou um braço sobre o magro estômago do outro. -E se partilhei minha cama com você, é porque você precisava para se sentir melhor. - Adam fechou os olhos e puxou o cobertor para cobrir ambos.

Surpreendido pelo comportamento casualmente dominante do homem, Connor permaneceu em silêncio enquanto Adam se ajeitava em torno dele. Dentro de instantes, sentiu as respirações regulares do outro fluando em seu peito nu. O braço forte em seu corpo era quente e surpreendentemente confortável, reconfortante e protetor de uma forma que ninguém nunca tinha o feito sentir.

Esse homem, esse controlador nativo corpulento, seu heroico salvador, cuidador de primeira e futuro possível amante era um mistério, complexo e emocionante de uma forma que balançou o coração de Connor e sacudiu seus sentidos. Se ele não tivesse acabado de conhecer o homem, suspeitaria que estivesse se apaixonando.

Os ventos uivantes lá fora ficaram mais altos. O som crescente invadiu os pensamentos de Connor e embalou sua mente nebulosa para o sono. Assim que ele caiu no sono, o braço em volta da cintura apertou uma fração, enquanto os ventos sopravam em um ritmo regular, em uma batida que soava vagamente como tambores nativos.

Capítulo 9

A tempestade de neve caiu sobre a equipe de busca apenas algumas horas depois de terem deixado a segurança da cidade. Os fortes ventos uivantes e a neve obrigaram os homens a procurar abrigo.

Um caçador experiente conhece bem a área e Mitch os levou até uma pequena caverna esculpida em uma encosta não muito longe da pista. Ele a usou como abrigo antes, e uma fonte razoável de madeira seca e gravetos ainda estavam lá.

Assim que os homens conseguiram acender uma fogueira, e juntaram madeira extra, suficiente para mantê-los relativamente quentes durante a noite, eles se instalaram para uma refeição de carne seca, biscoitos frios, e café quente.

Depois de emparelhar-se em equipes de dois, os homens definiram turnos de duas horas para manter o fogo e certificar-se que animais selvagens não se aproximassem deles em seu retiro acolhedor. Mitch emparelhou com Greg, como de hábito. Greg estava muito tenso e inquieto para dormir, então Mitch sugeriu que fizessem o primeiro turno.

O resto do grupo de busca arrumaram as camas para a noite. O fogo estava perto da boca da oca da caverna por causa da ventilação, os ventos desenhando a fumaça espessa durante a noite e longe dos limites do pequeno abrigo. A maioria dos homens tinha desenrolado os sacos de dormir perto da parte traseira, onde o calor do fogo ficava preso.

Sentados em minúsculos banquinhos dobráveis de camping perto do fogo, Greg e Mitch compartilharam seu habitual silêncio. Eles haviam, com o

passar dos anos, se sentindo confortáveis em passar longo tempo juntos, sem precisar de palavras entre eles. Greg olhou para a cortina de renda branca do lado de fora da boca da caverna. Nevava forte e o vento soprava mais forte ainda, empilhando os flocos brancos em uma camada espessa contra a encosta.

Greg abriu a boca quando Mitch deu voz ao mesmo pensamento que ele estava prestes a falar.

-Vamos ter que gastar uma hora para cavar em volta das máquinas de neve quando a nevasca parar.

E parecia estar acontecendo muito ultimamente. Ou ele estava ficando muito previsível ou Mitch estava aprendendo a lê-lo melhor do que ninguém jamais o fez. Isso não era problema, mas estava ficando difícil de esconder as coisas do homem. Algumas emoções e sentimentos Greg não confiava a ninguém, nem mesmo a Connor.

Greg acenou com a cabeça e procurou na tempestade por qualquer sinal das máquinas estacionadas na entrada da caverna e não conseguiu ver um único contorno sequer.

- Realmente, são rajadas; os desvios serão de três metros de altura se isso continuar. - Seu olhar ficou fascinado sobre a tempestade, meio ressentido com o atraso e metade com temor por tal poder e majestade. De repente se sentiu pequeno, solitário e muito isolado. A necessidade de se conectar com alguém o invadiu e ele virou-se para Mitch.

- Este é o lugar mais bonito do mundo, mesmo agora. Lembro-me do que pensei na primeira temporada em que estive aqui. Essa impressão nunca me deixou. Mesmo com toda força e dureza, ainda é bonito.

Mitch fez um som em algum lugar entre um grunhido e um sopro.

-Eu me lembro da primeira vez que vi você.

-Você? – As sobrancelhas de Greg subiram para o couro cabeludo.

Mitch balançou a cabeça e jogou outro pedaço de madeira nas chamas.

-Você estava parado na pista de pouso, girando em círculos, olhando para as colinas que rodeiam o campo. Você olhava... Atordoado.

-Eu estava. Tudo era perfeito demais. - Greg olhou para a noite, olhando o manto da negra escuridão e a neve girando em torno deles, lembrando-se. -O ar estava limpo e muito nítido. Eu quase podia tocá-lo. O azul do céu era tão brilhante que eu tinha que olhar de soslaio para cima. E a terra, a terra parecia não ter mais fim. Eu nunca senti nada parecido com o prazer que me deu. Foi físico, como sexo. - Ele piscou e voltou ao presente, lançando um olhar para Mitch, um ligeiro franzir de testa entre os olhos. - Você estava lá?

-Em uma colina próxima. Caçando.

Greg deu de ombros e inclinou a cabeça para um lado.

-Oh. Eu não me lembro de tê-lo visto. Mas eu me lembro de olhar para as montanhas e ver a mais magnífica criatura que já vi. - Greg olhou para longe, a carranca dissolvida.

A expressão trouxe uma estranha luz aos olhos de Mitch e um sorriso satisfeito nos lábios. Ele acenou com a cabeça e esperou que o médico continuasse, como se já soubesse o que o outro ia dizer.

-Olhei em volta até na linha das árvores, um lampejo pequeno de movimento chamou minha atenção. Eu estava tão imóvel quanto podia e, depois de alguns minutos, eu o vi. - Greg balançou a cabeça, ainda impressionado pela lembrança. -O maior lobo, o *mais lindo* que já vi. Ele era incrível.

Greg passou as mãos no ar como se estivesse realmente tocando o animal, acariciando-lhe a pele e delineando seu tamanho enorme para Mitch.

-A pelagem cinza prata tão grossa que deve pesar uns cinquenta quilos, por si só, toda inchada e polvilhada com flocos de neve. Eu podia ver o amarelo em seus olhos, mesmo àquela distância. Ele era elegante, poderoso e... - Greg gaguejou, animado com as próprias palavras. - E, bem, perigoso!

Ele baixou o olhar, os dedos rasgando um pedaço de lenha, a voz em um tom baixo e reverente.

-Você podia sentir a energia primitiva que irradiava dele. Mesmo de tão longe. Eu soube então que eu pertencia a este lugar. - Ele olhou para Mitch e deu-lhe um sorriso meio envergonhado. - Isso deve soar idiota para você.

Mitch se aproximou e delicadamente tirou os gravetos quebrados das mãos inquietas de Greg, os dedos rodando sobre o outro homem apenas por um segundo antes de jogar a vara mutilada no fogo.

-Nem um pouco. Eu me lembro de ter visto uma criatura mais notável, pela primeira vez naquele dia, Dr. Pierce.

Rindo nervosamente, Greg esfregou levemente o nó no estômago. Ele achou que o sorriso do outro era interessante e misterioso. Incapaz de decidir se Mitch estava flertando com ele ou simplesmente provocando-o, Greg escolheu a mais sã das duas opções e se esforçou para sufocar a súbita explosão de interesse crescente na virilha.

Mitch fora seu guia por mais de três anos, desde o dia em que chegara para iniciar na clínica. Mitch nunca havia mostrado qualquer interesse em Greg, antes disso, pelo menos nenhum que ele tivesse detectado. Mas Greg teve que admitir, ele nunca o olhara antes.

Mitch era apenas... *Mitch*. Estava sempre lá, sempre prestativo, apenas uma parte confortável do dia, como uma xícara de café ou sua cadeira favorita. Um amigo. Um bom, confiável e sempre presente amigo.

O súbito desejo de compartilhar mais de si mesmo com o outro o atingiu e, antes que percebesse, Greg estava compartilhando outra memória. Ele olhou rapidamente para Mitch e viu o homem olhando para ele, uma expressão suave, ilegível no rosto ao invés do irônico que ele normalmente usava. Por alguma razão, Greg descobriu que o olhar dele era reconfortante. Ele mergulhou em frente.

-Sabe por que vim aqui? Fundar a clínica? – Mudando no pequeno banquinho de camping, Greg olhou as chamas e deixou que a dança bruxuleante o hipnotizasse. Ele achava mais fácil falar a sério se não estivesse realmente olhando para ninguém.

-Acidente de caça. - Como se presentisse que precisava para manter sua parte da conversa, Mitch mal grunhiu a resposta, sem vontade de parar o fluxo de palavras do outro.

-Sim. Um acidente de caça. - Greg fechou os olhos e esfregou as mãos sobre o rosto, tomando uma respiração profunda, fortificante, antes de continuar. -Parece tão benigno e trivial você dizê-lo dessa maneira. Nem um pouco como a vida alterando-se, destruindo carreira, a experiência de quase morte que realmente foi. -Ele sufocou um pouco tentando formar no fundo da garganta. Isto era mais difícil do que pensava que seria, mas Mitch era paciente e calmo à espera de Greg, como sempre.

-Havia quatro de nós, todos atletas ávidos e caçadores experientes. Vinham pouco à pitoresca Nekenano, no Alasca, em uma viagem de caça de alces. - Ele se mexeu no banco novamente e enfiou as mãos sob as axilas para aquietar os espasmos. -Nós fomos à escola de medicina juntos. A caça anual era apenas uma maneira de ficar em contato. Éramos bons amigos, ainda. Nós todos tínhamos vidas ocupadas, famílias, obrigações, lugares para ir, mas a cada ano nós arrumávamos tempo para isso, sabe? - Ele lançou um olhar para Mitch, aliviado por ver o rosto do outro homem mais obscurecido pelas sombras. Havia apenas uma pitada de amarelo, um reflexo do fogo nos olhos negros do guia.

Mitch sentou-se imóvel, a frequência da voz saiu mais áspera e baixa que o normal, desprovida do sarcasmo e provocações usuais.

-Você é um homem que valoriza os amigos e entes queridos. Embora você finja que não, todos podem vê-lo.

Greg se contorcia no pequeno banco e fungou, limpando a garganta duas vezes antes de começar novamente.

-Oh, bem. Você tem bons olhos.

-Olhos muito bons. - Um sorriso puxou os cantos dos lábios de Mitch.- E ouvidos, também. Posso ouvir daqui seu coração batendo forte. - O sarcasmo suave estava de volta.

-Mentiroso. - Divertido, Greg bufou, um som exasperado.

-Acredite no que quiser, doutor. - O guia encolheu os ombros casualmente.

-Obrigado, eu vou. - O humor tinha clareado um pouco e Greg ficou grato por isso. -Onde eu estava?

Mitch jogou mais lenha na fogueira para espantar o frio cortante e se recostou no banco.

-Com amigos.

-Oh, sim. Mal podia esperar para começar. Contratei um guia e saímos bem próximo do amanhecer. - Seus olhos vitrificadas na memória. -Foi um dia absolutamente porra de bonito.

Ele ficou em silêncio por tanto tempo que, quando Mitch falou, assustou-se pelos pensamentos isolados.

-O que aconteceu?

Greg riu baixo e melancólico, piscando com força contra a fumaça da fogueira que provocava ardência nos olhos.

-Exatamente o que aconteceu?

Um pequeno arrepio correu pelo seu corpo, mas Greg se controlou.

-O guia encontrou um rastro fresco e nós perseguimos o nosso primeiro alce. Ele era fabuloso, jovem, com uma galhada tão grande que eu poderia ter colocado nele. - Greg balançou a cabeça e mastigou o lábio superior. -Nós tínhamos apostado quem dava o primeiro tiro, e foi vitória de Ken. Ken é um grande cara com uma mulher incrível, Sherry, e três filhos,

todas meninas. - Greg sorriu, olhando para a escuridão e riu baixinho. - Isso lhe custou uma fortuna em casamentos, em poucos anos.

Greg voltou ao presente e debruçou mais para perto do fogo, inclinando-se para Mitch, inconscientemente em busca de conforto.

-Ken deu um tiro e o alce caiu. Ele, na verdade, caiu com a bala. Foi inacreditável. - Greg engoliu em seco e inclinou o rosto para baixo, respirando na gola da parka por um momento antes de levantar a cabeça, piscando por causa da umidade que voltara subitamente. -Realmente inacreditável. Na segunda vez chegamos perto da coisa, ele levantou e gritou como um demônio saindo do inferno, chutou e resistiu enquanto... Enquanto lutava pela vida. - Greg balançou a cabeça e se endireitou no banquinho. -O resto de nós estava atrás de Ken para deixá-lo chegar ao alce em primeiro lugar, para saborear o momento. Entende? - Ele olhou para Mitch procurando compreensão e conseguiu.

-Sim. A emoção da matança, a vitória da caça. - Algo na voz de Mitch disse a Greg que o homem sabia exatamente o que estava descrevendo, um conhecimento profundo e íntimo da emoção primitiva da caça. Mas desta vez, a emoção estava vazia.

-Sim, a emoção da vitória. - A voz de Greg soou oca e amarga. -Ken estava muito perto. Quando o alce se levantou, pregaram-lhe um par de chutes antes que o guia conseguisse dar-lhe um tiro e derrubá-lo.

Greg ficou em silêncio novamente, tentando trabalhar as palavras após o nó na garganta e manter a umidade queimando nos olhos. Demorou alguns segundos para recuperar o controle. Ele continuou a história, mas evitou olhar para Mitch.

-Ken foi atingido no braço direito, o ombro e a costela foram destruídos, os ossos espetavam através da pele de todos os ângulos, o sangue escorrendo das artérias cortadas, faltando pedaços inteiros de carne, pulmão perfurado. - O peito de Greg soltou e ele ficou ofegante por ar.

-Foi um pesadelo. Três médicos experientes, cirurgiões de primeira linha ao seu lado e nós mal conseguíamos mantê-lo vivo por tempo suficiente para levá-lo de volta à cidade. - Ele engoliu em seco e diminuiu a respiração para baixo. -Eu só ficava dizendo-lhe que, assim que voltássemos iríamos levá-lo para a cirurgia e iríamos consertar tudo. Ele ficaria bem, tinha que fazer isso direito. - Greg endireitou-se no banquinho e sugou o ar profundamente, respirando para se acalmar.

-Mas você sabe o que encontramos quando chegamos a Nekenano? - Ele não esperou que Mitch respondesse. -Nada. Absolutamente nada. A menos que você conte um ex-médico do exército de vinte e três anos, com uma caixa de primeiros socorros cheia de drogas obsoletas e três rolos de gaze.

-Como você o manteve vivo? - Mitch murmurou.

-Nós fizemos transfusões nele diretamente de Rob. Eles têm o mesmo tipo de sangue. Consegui um avião de abastecimento desviado para nós que saiu para Anchorage. Ele ficou em cirurgia por mais de dezoito horas. - Greg olhou para o fogo e fungou, esfregando conscientemente o rosto. -Ken viveu, mas vamos combinar, não há muitas oportunidades para um neurocirurgião com um braço só.

Mitch perguntou:

-Ele culpa você pela perda?

-O quê? Claro que não! - Greg disparou um olhar espantado para Mitch. - Ken ficou grato por estar vivo. Ele compreendeu o quanto estávamos limitados. E Sherry... Sherry estava emocionada por tê-lo de volta. - Ele fungou de novo e limpou o canto do olho com o dedo. -Eles que me deram esse lenço verde que sempre uso. Um substituto para o que eu arruinei no dia em que o usei como torniquete. Aquele que Connor pegou.

- Ah, sim. - Mitch recostou-se e franziu a testa para Greg. - O manto de culpa que veste tão fielmente.

A proclamação da acusação de Mitch atingiu como um golpe direto no coração de Greg. Ele corou e espetou:

- Que diabos você sabe sobre isso?

Mitch encolheu os ombros novamente.

-Eu sei que o cara é impulsionado por fortes emoções. Mesmo em sua busca constante para esconder seu verdadeiro eu, o curandeiro cuida de um vazamento na alma. Os espíritos falam dele. - Ele levantou a cabeça e piscou, conspirando com Greg. -Seus segredos são conhecidos por aqueles que tomam tempo para ouvir.

Em seu coração, Greg sabia que estava certo. O lenço era uma constante lembrança da responsabilidade e obrigação para com a clínica e com as pessoas da cidade que o adotou. Sua ira se evaporou, substituída por cansaço e preocupação.

Greg suspirou e conseguiu um pequeno sorriso.

-Esses bons ouvidos de novo, hein?

-Entre outras coisas, sim. - Mitch balançou a cabeça e um sorriso iluminou seus olhos escuros.

-Bem, você está certo sobre uma coisa. A frustração, a *impotência* absoluta. - Greg bateu os punhos sobre os joelhos, as palavras forçando a saída entre os dentes cerrados. -Está bem, *a culpa* de saber o que fazer para salvar Ken, mas perto de falhar, quase me matou. - Ele olhou para as mãos, mãos que haviam salvado centenas de vidas e restituído à esperança a milhares de pacientes, mas que não conseguiram salvar o braço de seu melhor amigo.

Greg passou as duas mãos pelos cabelos e, em seguida, sobre o rosto, tentando apagar a memória e as emoções.

-Eu voltei e abri a clínica, logo que consegui obter todos os elementos para isso. - Ele chutou uma brasa que rolara para fora do fogo, enviando-a de volta às chamas. -É uma luta para mantê-lo com médicos qualificados, mas herdar uma montanha de dinheiro para trabalhar nisso ajuda.

-Os médicos, como você mesmo e o Dr. Jacy. - Mitch pensou em voz baixa. -Ele é um homem bom e um bom curador.

-Sim, ele é. - Greg olhou a escuridão fora do círculo de luz do fogo, incapaz de ver mais do que alguns metros de distância. Ele virou-se para Mitch. -Só espero que não o encontremos do mesmo jeito que encontramos Dark. É um inferno de um longo caminho de volta para a cidade neste momento.

Mitch pôs a mão reconfortante no ombro de Greg.

-Mas agora há uma clínica para onde ir. Por causa de você.

-Sim, por minha causa. – A amargura escorria de suas palavras e ele torceu o rosto. -Tudo isso é por minha causa.

Mitch resmungou e jogou mais lenha nas chamas.

-Não, Doutor Pierce. A não ser que você seja responsável por lobos saqueadores ou pela esposa de Justin Loken ter engravidado.

Greg deu um grunhido assustado de surpresa.

Mitch parou por um instante, os lábios tremendo como se estivesse tentando lutar contra um sorriso. Ele lançou um olhar divertido de avaliação para Greg e acrescentou:

-Tanto que eu duvido.

Fosse pelo olhar cômico no canto do olho ou o tom sarcástico, ou mesmo pela voz de Mitch, Greg riu.

-Você está certo, como de costume. Eu sou inocente em ambas as contagens. - Ele deu um suspiro profundo, derrotado. -É só que... Não me sinto como se fosse.

Mitch aceitou a confissão em silêncio.

Dois outros membros do grupo de busca rolaram dos sacos de dormir e se levantaram, preparando-se para revezar com os dois.

Mitch se esticou e fez um gesto em direção ao fundo da caverna.

-Venha. É hora de dormir. A tempestade vai passar quando os ventos decidirem e não antes. - Ele se levantou e esperou que Greg o seguisse.

Cansado, mas ansioso, Greg acenou para ele.

-Eu não estou cansado ainda. - Quando Mitch não se mexeu, Greg olhou para ele, então se afastou, olhando teimosamente para o fogo.

Mitch não era tão facilmente dissuadido. Ele colocou uma mão no ombro de Greg e apertou com firmeza.

-Só descansar, então. Pode haver muitas noites em claro mais à frente quando sua força será necessária para que outros possam aproveitar.

Compreendendo o aviso tácito de que poderia ser enfrentado com outra noite inteira em vigília à cabeceira de alguém após horas de cirurgia cansativa, Greg deu um suspiro cansado e se levantou. Ele deixou que Mitch liderasse para arrumar os colchonetes e relutantemente entrou. O estresse e a exaustão dos dois últimos dias arrastaram-no rapidamente. Ele roncava suavemente antes mesmo que Mitch tivesse sequer se deitado ao lado dele.

Capítulo 10

Quatro dias após o acidente, o olhar pesado de Connor ainda estava fora de foco. Ele estudou a figura de Adam com o torso nu, enquanto caminhava lentamente em torno da pequena cabana enchendo panelas com uma mistura seca que Connor não reconheceu. Adam cuidadosamente iluminava cada um com um fino fecho de luz do fogo crepitante, a única fonte de luz na sala cheia de sombras. Uma nuvem de fumaça marrom subiu de cada uma e lançou ao ar um perfume levemente adocicado. Adam passou por ele, depositando uma pequena tigela vermelha, cheia com o que parecia ser um tipo de banha de porco escura, na mesa quadrada ao lado da cama.

Connor se sentiu abafado, a cabeça anuviada e a visão mais turva ainda, mas o constante martelar por trás dos olhos embotados persistia. Um sentimento de euforia começou a infiltrar-se em seu corpo. Forçou-se a se concentrar no rosto de Adam, tentando ignorar a forma como os músculos definidos do peito e do abdômen do homem ondulavam, então fluíam para diluir nas bordas do corpo. A luz do fogo dançava e brilhava na superfície suada da pele do homem grande, hipnotizando Connor apesar de sua formação médica e o bom senso. Ele farejou o ar, franzindo o nariz.

-O que é isso? Algum tipo de *peyote*¹² do Alasca?

A sala ficou excessivamente quente e Connor empurrou a colcha até à cintura, o estado de nudez escondido pela capa protetora.

Ajoelhado ao lado da lareira para aumentar as chamas, Adam sorriu e atirou gravetos no fogo.

¹² **Peyote** (*lophophora williamsii*) é um pequeno cacto cuja região nativa estende-se do sudoeste dos Estados Unidos (incluindo os estados do Texas e Novo México) até o centro do México. Tem sido usado por séculos pelos efeitos psicodélicos experimentados quando ingerido.

-Não. Meu povo chama-o de "*iqemik*". É um cogumelo local. As cinzas são normalmente enroladas com tabaco e fumadas em um cachimbo ou mastigadas. - Levantou-se do chão sem esforço e espanou os joelhos, a fogueira formando um halo em torno do torso. -Ele tem muitos usos. - Um pequeno sorriso puxou os cantos da boca cheia. -Medicinal e de outra maneira.

Voltando para frente do fogo, os olhos escuros de Adam de alguma forma capturaram a luz do fogo refletida e eles brilharam com uma cor laranja enferrujada.

Connor piscou forte para limpar a ilusão, mas Adam pareceu crescer e a pele lisa ficou escura e coberta de pelos. Depois de algumas piscadelas, Adam voltou à habitual e indistinta imagem, mas como um deus. Connor franziu a testa.

- Acho que meus olhos estão pregando peças em mim novamente. Você parecia... Peludo por um minuto.

- O ferimento na cabeça foi grande. Vai levar tempo para você se curar. – Com a voz áspera pela emoção, Adam aproximou-se da cama. -Até então, eu vou cuidar de você, Connor.

Incapaz de pensar em uma resposta adequada, pois não queria revelar seu coração muito cedo, Connor ignorou a declaração e se concentrou em observar os movimentos de Adam, ainda fascinado pela graça musculosa e força bruta do homem.

Virando-se para enfrentar Connor totalmente, Adam deixou o olhar vagar sobre o cabelo despenteado do médico loiro até a colcha parcialmente descartada, deliciando-se com cada centímetro da carne recém-exposta e, embora magra, do peito bem musculoso. Uma trilha de fino cabelo claro em forma de V descia dos mamilos enrugados, afinando até desaparecer debaixo das cobertas. Connor sentiu como se o olhar afiado de Adam não perdesse um único folículo.

O estômago se contraiu de emoção e Connor engoliu em seco, deixando cair o próprio olhar nas grandes mãos calejadas de Adam que começaram a desatar os laços das calças.

As calças macias como manteiga deslizaram silenciosamente sobre o musculoso quadril e nádegas de Adam, deslizando para o chão em uma poça de ouro. Saiu delas, deixando para trás os mocassins, depois caminhou até a beirada da cama.

Connor instintivamente foi para o centro do leito para dar lugar, levantando o acolchoado em um convite mudo para Adam acompanhá-lo e deitar-se ao lado dele, nu e com muita vontade.

A visão do pênis de Adam, ereto e incircunciso chamou a atenção integral de Connor. O eixo de bronze profundo era longo e tinha uma tampa com capuz escuro de prepúcio tenso. Seu comprimento era encimado por uma grande cabeça que descia a uma invulgarmente espessa base, bulbosa. Estava aninhado em uma floresta de pelos negros tão densos que parecia uma pele de animal. Connor sentia desejo de estender a mão e acariciá-lo, só para saber se era tão macio quanto parecia.

A excitação queimava sua virilha e seu pênis respondeu endurecendo. Connor respirou profundamente para recuperar o controle e a sala girou com o cheiro doce das panelas que encheu sua cabeça. Lá fora, os ventos furiosos entorpeceram para um rugido baixo, enquanto o crepitar e cuspir do fogo parecia anormalmente alto e nítido.

- Este quarto está quente. - Ele puxou o olhar da virilha de Adam e olhou para cima, consciente e lambendo os lábios secos. - Não está quente para você?

A oferta da colcha aberta ainda estava lá e Adam deslizou sobre a cama, pegando a coberta da mão de Connor sem sua resistência.

- Está quente. Eu queria que você se sentisse confortável.

- Eu estou confortável. - Connor ofegou quando o cinzelado e forte peito de Adam pressionou contra seu lado. -Assim, você sabe. - Ele engoliu em seco novamente. -Quente. - À medida que as pontas do longo cabelo de Adam provocavam seu peito, um arrepio fantasma correu através de seu corpo, contrariando suas palavras.

Adam puxou a colcha e Connor soltou. Ela foi enviada para o chão para se juntar às calças descartadas, deixando-o nu e exposto ao ar pesado e quente da cabana.

-Confortável sem isso. - Adam murmurou. Ele passou a mão levemente sobre o peito de Connor, em seguida arrastou os dedos para baixo para circundar o umbigo. Sorrindo pela súbita ingestão de ar de Connor, ele acrescentou -Eu não posso adorar o que não posso ver.

Connor deu uma risadinha e bufou nervoso.

-Adoração? Eu? - Seus olhos foram atraídos para a curva sensual dos bíceps de Adam e os ombros largos. -Há apenas uma criatura de Deus nesta sala e com certeza não sou eu. - Ficando mais ousado, ele traçou a ponta dos dedos para baixo do vale do esterno de Adam.

No primeiro toque, Adam inclinou-se, cercando Connor com os braços. Lábios a poucos centímetros de distância, ele acariciava os dedos para baixo do lado do rosto de Connor e sussurrou, agora sobre a boca ofegante.

- Então é assim, meu povo não adora deuses.

Ele fechou a distância entre eles, os lábios selados em um beijo escaldante que fez o estômago de Connor vibrar em resposta. Adam se afastou um pouco e continuou a falar, a voz profunda, as palavras formais hipnóticas e relaxantes enquanto distribuía beijos no rosto de Connor virado para ele.

-Nós valorizamos o espírito que está dentro da alma de uma pessoa. - Ele colocou um levíssimo beijo em cada uma das pálpebras fechadas de

Connor. Havia um toque de humor provocante na voz sensual quando acrescentou:

-Mas isso não significa que não podemos adorar a embalagem, o espírito está armazenado dentro.

Adam beijou todo o rosto de Connor, explorando cada marco sensível de seu corpo.

Connor se contorcia e ofegava com cada redemoinho molhado, a cada provocação da língua que invadiu a camada externa da orelha e traçou o arco do pescoço. Ele estremeceu a cada aperto, cujos dentes brancos marcaram a linha da mandíbula e ofegou em voz alta quando seus mamilos foram vorazmente sugados, os botões plissados firmemente chupados incharam e os picos ficaram em fogo e a carne doendo. Pequenos choques elétricos de prazer explodiram em seu peito. Precisando de algo para ancorar as sensações descontroladamente em espiral, ele enfiou os dedos profundamente no cabelo de seda de Adam, embaraçando-os sob o véu da negra meia-noite.

Ao esboçar uma respiração profunda para se firmar, só serviu para fazer o quarto girar. O cheiro das cinzas se tornou mais forte e reuniu-se na parte traseira da garganta, acrescentando um sabor doce à boca. O cabelo de seda em suas mãos de repente pareceu ficar mais grosso, e o peso de Adam, ampliado, quando se inclinou contra ele.

Arqueando as costas Connor apertou o peito com mais força contra Adam e abriu os olhos, decidido a observar o seu novo amante mamar no seu mamilo. Em um breve lampejo borrado, luxúria induzindo à fantasia, um par de olhos laranja ferrugem brilhou em um rosto feroz rodeado por um rico pelo preto que substituiu o rosto de Adam.

Piscando forte, Connor apontou quando um estreitamento acentuado roçou seu mamilo ardente e a visão dissolvida, deixando apenas o rosto liso de largos ossos do cada vez mais dominante e sensual amante.

Como se sentisse o desconforto das sensações de Connor, Adam mudou. Plantou uma lambida em cada broto avermelhado e subiu o rosto para beijá-lo completamente, deslizando a língua muito talentosa tão profundamente na boca de Connor que ele sentiu que tocava a traseira do palato mole.

Por um momento Connor imaginou que fosse como a língua de um lobo ofegante, longa e de carne, rolando lá dentro e provando sua boca. Em pânico, ele estendeu a mão e traçou os altos ossos da face e da mandíbula quadrada e sem pelos de Adam, para se assegurar de que era tudo apenas uma ilusão, um efeito colateral das cinzas e da concussão. Satisfeito quando suas mãos encontraram carne suave e suada, ele suspirou e permitiu que Adam aprofundasse o beijo possessivo.

A partir de agora, se ele tinha fantasias com Adam como uma enorme besta, lindo e feral, estava a ponto de ir com elas. Afinal, eles não eram reais, e ele tinha que admitir, a língua era um músculo talentoso.

A súbita imagem erótica da língua de Adam enfiada profundamente em seu canal formou-se em sua mente, seu ânus vibrou e sofreu um espasmo. Seu pênis totalmente ereto estremeceu, animado com a ideia. Uma mão quente e calejada estava em torno dele, segurando firmemente o eixo. Connor sibilou quando Adam afastou-se e ficou de joelhos.

Ele abriu as pernas de Connor e puxou-as sobre as próprias coxas para que pudesse posicionar-se entre elas. Ele sentou-se sobre os calcanhares, ainda mantendo um firme controle sobre o pênis de Connor, a mão lentamente varrendo para cima e para baixo o delgado eixo rosa. Estranhamente, o olhar de Adam andou pela sala antes de seu olhar se aquecer ao pairar sobre o rosto de Connor.

- Os *Spiritwalkers* vieram. Eles vão testemunhar e abençoar nossa união esta noite. – Inclinando-se para pegar a panela de barro vermelho na mesa ao lado, Adam soltou Connor.

-Primeiro temos que abrir caminho para a tua alma para que os nossos espíritos possam formar o vínculo.

- Espíritos? - Connor bateu a cabeça, os olhos correndo ao redor, olhando para os cantos sombrios do quarto mal iluminado sem nada ver, apenas os mesmos móveis brutos e escassos adornos de antes.

Olhando para Adam ele cuidadosamente abaixou a cabeça, girando de volta para o travesseiro.

-Vínculo? Adam, acho que não... – A tranquila convicção de Adam o alarmou.

- Você não tem que pensar, Connor. Nosso caminho já está definido. Você apenas tem que seguir.

Adam pegou uma grande porção da substância espessa e gordurosa do pote de barro e começou a esfregá-la sobre o próprio peito. Deixou uma pesada camada de pó vermelho escuro na pele, tão escura que parecia como se tivesse sido pintada com sangue velho, desde o pescoço até a cintura.

Connor fechou os olhos e quis afastar a leve tontura que o movimento brusco da cabeça havia causado. Ele estava nervoso com o conhecimento, com a incômoda consciência de que estava perdendo a vontade de resistir a Adam. Ele abriu os olhos e ficou encantado com o movimento das mãos fortes e largas de Adam enquanto elas esfregavam camada após camada de pó vermelho-enferrujado sobre o torso. Incapaz de desviar os olhos do ritual hipnótico, Connor conseguiu forçar a saída de um protesto hesitante.

- Você está falando de um compromisso de vida. Você não me conhece.

Adam começou a acariciar as mãos para cima e para baixo dos lados de seu torso, deixando cada respiração profunda ondular os músculos do corpo em um ritmo lento e constante.

Connor achou tudo muito erótico e sedutor. Ele mordeu o lábio inferior para ajudá-lo a se concentrar e tentou novamente.

-Eu mal conheço você.

Jogando o pote para o outro lado da cama, Adam se agachou em cima de Connor. Embalado confortavelmente entre as pernas do médico, ele plantou os braços fortes de cada lado dos ombros magros de Connor e olhou-o nos olhos.

-Eu sei tudo que preciso saber sobre você, Connor Jacy. Meu coração já é seu, e logo tudo o que sou será revelado a você, meu verdadeiro espírito, minha alma.

Ele abaixou-se sobre o corpo de Connor. As bandas de prata entrançadas nos longos cabelos de Adam brilhavam, os cabelos espessos brilhando em azul-negro à luz do fogo. As extremidades balançaram livres, roçando a pele de Connor, fazendo sua carne formigar.

Pressionando peito contra peito novamente, Adam se apoiou nos cotovelos e enfiou os dedos no cabelo de Connor. Seu tom estava impressionado e reverente.

-O fogo faz com que seu cabelo pareça fios de ouro e prata. O luar vai fazer o mesmo. - Adam tocou as costas enquanto sussurrava, contestando, os olhos escuros e confusos de Connor estavam fechados.

-Antes que chegue a hora da revelação acontecer, eu devo estar em seu coração. - Adam colocou as duas mãos manchadas de argila no rosto de Connor e lentamente massageou a poeira vermelha na pele pálida, trabalhando toda extensão de pele que conseguia tocar.

-O que você está fazendo? - Sem fôlego, Connor podia sentir o pó fino enraizar-se em cada poro, macio e sedoso como o amido de milho fino. -O que é isso?

Mesmo perguntando, Connor sabia que realmente não se importava. As mãos poderosas eram muito agradáveis movimentando-se sobre seu corpo, e seu pênis tinha, há muito tempo, perdido o interesse nos "porquês" da situação.

Esfregando cada um dos braços de Connor, Adam acariciou-o de forma um tanto sensual e despertou-o, persuadindo a natureza de Connor, luxúria primal enterrada sob o manto moderno da ciência médica e do raciocínio.

-O pó simboliza o sangue dos meus antepassados que agora residem no mundo espiritual. Ela abre caminho para a minha alma. - Ele flexionou o tronco, esfregando novamente o peito sobre Connor, marcando a parte superior do corpo do outro com vermelho. -Cada grão de pó que marca a tua carne como minha é um caminho para os nossos espíritos responderem.

Ele esfregou o pescoço de Connor e respirou pesadamente em seu ouvido, os quadris se movendo lentamente até esfregar os pênis juntos.

-Ele marca um lugar onde meu espírito pode entrar em você, para se juntar a você, para abrir caminho para que nossos corpos se juntem também.

Ele mordeu o arco do pescoço de Connor, forçando um suspiro estrangulado dele.

-Junte-se a mim, Connor. Confie em mim. Deixe-me entrar.

As mãos de Adam que estavam no peito de repente estavam em todos os lugares. Esfregando, movendo-se, calmantes e acariciando, até que Connor ficou quase selvagem pela dor da necessidade. Ele cerrou os olhos com força contra a inundação de sensação, cada centímetro de sua pele chiando enquanto as ásperas mãos calejadas trabalhavam nele. Seus mamilos ardiavam, seu pênis pulsava ingurgitado com o rápido bater do seu coração, seu ânus estava com espasmos entre as bochechas do bumbum firmemente cerrados, e até mesmo a boca estava inchada, tudo com fome de atenção.

Seus quadris foram levantados no ar, permitindo que Adam arrastasse a virilha aberta sobre o peito. O pó, suave e sedoso, revestia as áreas mais sensíveis e Connor suspirou. Ele sentiu o peito duro e deu um gemido abafado quando seu pênis foi subitamente sugado em um vórtice de vapor quente e cercado por um músculo apertado, molhado.

Apoiado por seus ombros, os quadris nos grandes e fortes braços de Adam, as pernas dobradas sobre ombros largos, Connor viu como Adam consumiu seu pênis, lambeu e chupou até a base do eixo com facilidade. Seu corpo todo tremia de prazer quando um rosnado baixo e profundo retumbou no peito de Adam. O som vibrou através de seu pênis e atingiu-lhe a espinha, terminando em uma explosão de luz branca por trás dos olhos.

Adam levantou a cabeça e mudou um pouco, à espera, e Connor sentiu uma brusca pressão na entrada do seu corpo. Enquanto ele estava prestes a entrar, a pressão tornou-se uma sensual carícia e seu próprio corpo respondeu à exploração, vibrando e se abrindo. Um dedo amplo apresentou-se na abertura acolhedora, entrando apenas até o ponto onde Connor estava consciente de sua presença. Adam começou a fazer uma lenta fricção circular, soltando e provocando a faixa apertada do músculo até Connor ter que lutar para baixo no desejo de empurrar e empalar-se sobre ele.

O cheiro das cinzas provocou o nariz, e o crepitar e estalido do fogo desapareceram no plano de fundo. Mal ouvia uma suave cantilena que encheu o ar numa língua que compreendeu, mas não devia. Ele abriu os olhos para apreciar a vista de seu novo e poderoso amante, e a luxúria disparou pelo corpo dele. Ele viu como a besta de canela bronze entre as pernas abriu a boca e puxou o saco dele, em seguida, rodou uma língua longa e flexível em torno da base de seu pênis.

Connor bloqueou o olhar com Adam, fazendo com que seu amante deixasse o saco e se deslocasse até aprofundar na garganta o pênis dele. Ele ofegou e assobiou quando seu eixo foi sugado por uma rígida e grossa língua rodando em volta da cabeça que vazava, em uma dança de luxúria que o fez ver estrelas.

Novas sensações de carência e necessidade foram mexendo dentro dele. Ele sentiu-se impotente para resistir, não queria, não conseguia pensar como.

Connor cavalgou a onda selvagem de desejo que Adam havia criado, dando com o seu silêncio total e dominante controle ao seu amante. Como um lobo alfa seu amante deixou claro que não aceitaria nada mais além da submissão total de Connor a partir daquela noite. Pela primeira vez na vida, Connor daria tudo o que tinha.

À beira do clímax, Connor quase gritou quando a deliciosa língua quente e boca desapareceram, e o ar mais frio da cabana atingiu seu pênis molhado, dolorido.

Recuperando o fôlego, ele deixou que os poderosos braços de Adam o levantassem e enfiassem um travesseiro sob os quadris. Quando ele ficou posicionado, uma mão calejada serpenteou debaixo dele e puxou seu pênis para baixo, posicionando-o entre as coxas, que se separaram. Um peso suave acetinado desceu nas suas costas e ásperas mãos suavemente esfregaram e amassavam sua pele, enquanto um peito duramente pressionava sobre cada centímetro dos braços e costas aquecidos de Connor.

Um sussurro úmido e ofegante fez cócegas na orelha, e Connor se esforçou para entender as palavras resmungadas em tom baixo.

-Com cada marcação, estamos ligados para a vida, Connor Jacy. Nesta noite nós nos unimos, espírito, mente e corpo. Nesta noite tornamo-nos como as criaturas, *Skinwalkers*, acasaladas por toda a vida, eterna e verdadeira.

-Eu não entendo. Adam?

Connor virou a cabeça no travesseiro e olhou por cima do ombro para ter um vislumbre do rosto de Adam. Uma mão larga e pesada empurrou-o de volta para o colchão e ficou lá, esfregando um pequeno círculo entre as omoplatas como se a pedir desculpas por imobilizá-lo no lugar.

- Confie em mim. - ele sussurrou em seu ouvido com um gemido gutural que soava como o rosar mais animal do que a voz humana.

Entregando-se, Connor olhou através do quarto com o coração ardente, o desenho confortável da visão, o familiar e alegre crepitar das

chamas. Um ligeiro movimento chamou sua atenção e ele olhou, hipnotizado e fascinado, que as sombras em torno dos cantos da sala começaram a balançar e dançar, assumindo formas humanas vestidas com traje nativo. O fraco canto já no ar tornou-se mais distinto.

Connor piscou e esfregou a mão sobre os olhos para limpar a visão, percebendo que o braço inteiro, mão e cada dedo eram de um vermelho escuro.

As sombras não desapareceram, mas também não se aproximaram, ficando nas bordas da cabana escura. Connor tocou a linha de sutura na testa, imaginando quanto dano seu cérebro realmente tinha sofrido com o choque.

Um rosnar profundo do desejo de Adam vibrou em torno. Sentiu o peso de Adam aumentar, em seguida, levantou um pouco quando o grande homem deslizou para baixo, esfregando o peito com camadas de pó sobre o dorso de Connor e nádegas. Mãos febris afagaram e acariciaram para cima e para baixo de suas pernas, cada toque como um ferro em brasa na pele mais sensível de Connor.

Dedos fortes amassaram sua bunda. Ele sentiu as bochechas de sua bunda sendo separadas, um par de polegares calejados fazendo círculos sobre seu buraco pronto em um ritmo irresistível, que enviou faíscas de prazer direto para o centro de sua virilha.

-Cristo! Adam!

Connor gemeu e empurrou a cada passagem das pontas dos ásperos dedos em seu ânus desesperado por algum tipo de estimulação mais pesada. Como um homem gay que havia passado toda a vida sexual evitando a penetração anal, ele ficou surpreso com o quanto seu corpo estava desejoso dela, pedindo, implorando para ele.

Só quando ele pensou que não poderia suportar outra passagem da carícia sensual, a fricção seca, quente e sopros quentes de ar foram substituídos por uma sensação ainda mais intensa.

- Porra!

Connor literalmente saltou e gemeu quando a língua molhada de Adam, lambeu a espessura do eixo, sobre o saco apertado e estendeu a carne para finalmente dobrar avidamente na borda cerrada da abertura. Depois de alguns amplos golpes de língua, a intrusão escorregadia mudou para um movimento insistente, espetando, o que fez Connor ansiar por mais.

Sons de suaves fungadas flutuaram para cima da parte traseira, e Connor pressionou de volta contra o músculo que invadia seu canal que afrouxava. Todos os seus sentidos pareciam ampliados. Connor estava ofegante sobre o travesseiro, cerrando os punhos nos lençóis manchados de pó.

Tentando concentrar-se no prazer de parar o coração que Adam estava lhe dando, ele fechou os olhos para bloquear o resto das visões místicas na sala. Ele tentou adicionar uma imagem mental para as sensações em sua bunda. Sentiu um pedaço de umidade mais frio em cima da fenda de seu rosto, uma massagem de cerdas macias ao longo de sua fenda e um arranhão tentador e mordidela na carne de suas bochechas.

A língua dura espetada deslizou incrivelmente dentro dele, acariciando o nervo formigueiro terminando bem além da abertura, uma vez apertado ao seu corpo. Cada lambe e mexer dentro forçou um gemido baixo de Connor, e logo ele estava empurrando seus quadris no travesseiro, instintivamente procurando um estímulo para o seu pênis negligenciado.

Na terceira tentativa, os quadris foram apreendidos e seu corpo foi forçado para trás e para cima de suas mãos e joelhos. A língua de Adam ainda estava enterrada profundamente em seu canal, ocupada, atormentando o broto de tecido macio e esponjoso que tinha encontrado com a mudança de posição.

O rosto de Connor estava contorcido numa careta pelo estímulo adicional à sua próstata. Ele assobiou e suplicou.

–Cristo Todo Poderoso! Adam, faça algo, por favor, antes que minha cabeça exploda.

Connor balançou a cabeça de um lado para outro, pulverizando gotículas de suor na cama, saídas de seu queixo e das pontas de seu cabelo loiro desgrenhado.

-Toque-me. Faça qualquer coisa! Só me faça gozar. Por favor!

Um quente e acetinado manto suave desceu sobre suas costas. Antes de seu corpo registrar a mudança na posição de Adam, um calor, amplo e brusco substituiu a língua na entrada de seu corpo. Uma massa de cabelo preto e grosso caiu sobre seu ombro e desceu em seu rosto, enquanto seu pescoço e cabelo foram cheirados e mordidos. A voz de Adam estava invulgarmente profunda em seu ouvido, um rosnado de desejo sensual. Ele podia sentir o cheiro na respiração de Adam quando sussurrou em seu pescoço.

- Ainda não, Adada, mas em breve, muito em breve. Basta confiar em mim.

O protesto de Connor morreu em seus lábios quando Adam avançou e empalou-o com seu pênis em um impulso poderoso. Em vez da dor lancinante e náuseas que esperava, Connor experimentou uma tempestade de sensação elétrica que roubou seu fôlego.

A sala nadou e a cabeça bateu no tempo com as investidas longas e profundas em sua bunda. Ele podia sentir os cumes grossos que corriam ao longo do eixo de Adam ondulando contra o apertado canal. O prepúcio amplo que ele sonhava provar, acoplado em um eixo grosso, em cada movimento para frente, criava um nó de pressão contra os nervos intocados que revestiam sua passagem. O botão enorme na ponta do pênis de Adam esfregou infalivelmente sobre sua próstata com cada ataque por trás.

Connor sentiu a construção do orgasmo. Suas bolas bateram na pele peluda crescendo ao longo da virilha inteira de Adam e para baixo das coxas

fortes em um ritmo cada vez mais rápido. Incapaz de virar a cabeça para ver seu amante, Connor engasgou um aviso de que o clímax se aproximava.

-Porra, cara, você me pegou, Adam, você me pegou!

Suas palavras ofegantes se depararam com uma aceleração de impulsos mais profundos por trás, e uma corrente quente de umidade inundou e queimou sua bunda.

Por trás dele, Adam rosnou e grunhiu, empurrando Connor de volta para mantê-lo imóvel contra sua virilha, pulsando o pênis incorporado à raiz.

Os nervos na abertura de Connor queimavam por terem sido forçados a algo tão grande, assim, de repente. Crepitante, branca e quente dor e prazer inundaram seus sentidos, viajando por sua espinha ao seu completamente atordoado cérebro, ativando seu clímax. Seu pênis entrou em erupção, espirrando em seu peito e braços com um longo e fino cordão de esperma.

Mãos fortes sem rodeios amassaram seus quadris machucados, mas não liberaram seu punho de ferro. O auge do clímax desbotou, e Connor deleitou no sentimento curioso da hipersensibilidade envolvendo-o. Se este era o coito anal padrão, ele estava arrependido de ter se privado dele em todos aqueles anos. Mas algo lhe disse que só seria assim se fosse com Adam.

Connor queria cair na cama em um monte de exaustão saciado, mas Adam segurou para não deixá-lo. Ele empurrou para trás timidamente o homem e virou a cabeça para olhar por cima do ombro, mas foi imediatamente parado por uma mão em seu cabelo que ainda delicadamente o segurava. Connor não resistiu, mas falou suavemente para seu amante forte.

-Adam? Fale comigo.

A mão esfregou o cabelo, em seguida, soltou. Das profundezas de Adam, tons ruidosos acalmaram o desconforto de Connor.

-Este não é um momento para palavras, Adada.

Algo se esfregou sobre um pedaço de pele entre as omoplatas de Connor, deixando a sensação de carne desgastada, como se uma lixa grossa tivesse sido usada.

-É o momento para apenas os nossos corações falarem. – A voz de Adam estava indistinta e suas palavras foram marcadas com a língua presa, como alguém que fala usando um aparelho dentário, mas a sinceridade e amor no seu tom de voz eram claros.

Connor deixou cair à cabeça e relaxou de volta contra o corpo robusto que o empalava.

-Tudo bem. Que os nossos corações falem, então. - Apesar de saber que Adam tinha gozado, Connor poderia dizer que o homem não tinha deslizado para fora ou mesmo diminuído de tamanho.

A sensação começou a rastejar de volta no corpo de Connor e ele percebeu uma pressão crescente apenas após a borda do músculo estirado dentro de sua bunda. A intensa pressão despertou os nervos mal recuperados. Connor começou a sentir uma sensação crescente, como se ele fosse treinar uma mãe pela primeira vez com o parto. A pressão chegou a um nível de desconforto que Connor mal podia tolerar, depois parou.

Connor puxou para frente, com a intenção de deslizar para fora do eixo de Adam alguns centímetros para facilitar a plenitude em sua passagem. Mas descobriu que era impossível. Ele não podia puxar livremente, e cada tentativa apenas aumentava o zumbido e formigamento de plenitude em sua bunda. De repente, o mundo pareceu girar em torno do prazer que irradiava de seu sedoso canal.

Espiral em um mundo de sonhos de prazer indescritível, delirando com a sensação de euforia e no rescaldo de um orgasmo explosivo, Connor percebeu uma mudança no ambiente. O insistente canto cresceu marginalmente mais suave, e as sombras ao redor da sala recuaram de volta

para perto das paredes. Até o cheiro das cinzas queimadas ficou doce, e os sons fora da cabana desapareceram inteiramente.

Um dos braços de Adam caiu para fazer de apoio, colocando o punho ao lado de Connor quando se inclinou e embalando Connor com seu corpo largo. Alterando as estocadas, Adam começou estalando os quadris num ritmo destacado e rápido de fogo, enfiando o pênis inchado profundamente nos recessos mais escondidos de Connor.

O movimento de martelar abalou o corpo inteiro de Connor e cada investida, tanto para frente quanto para trás, batia a base ingurgitada do pênis de Adam contra o anel fechado de nervos e músculos prendendo-os juntos, como cães no cio. O efeito foi descontroladamente esmagador, e Connor jogou a cabeça para trás e gritou.

-Ah! Deus, Deus, Deus! Jesus!

Fogo correu através de cada célula de seu corpo. Sentia-se como se até mesmo seu cabelo explodisse em chama. O espesso e viscoso sêmen que Adam tinha esvaziado em sua bunda apenas um momento atrás, revestia seu canal, pingando nas dobras e diminuindo o atrito dos impulsos frenéticos que eram gerados. Connor queimava por dentro e por fora, todos os poros parecendo fuga de calor junto com o suor.

Jogando a cabeça para um lado para tirar dos olhos um tufo de cabelos cobertos de suor, Connor olhou para baixo e distraidamente notou o esforço de Adam, o braço manchado de canela estava agora coberto de pelo preto. O punho onde Adam apoiava o peso do corpo era, agora, uma enorme pata canina. Quando Connor virou o rosto na medida em que ia por cima do ombro, um focinho escuro entrou na borda de sua visão.

Imperturbado pelas alucinações agora familiares, Connor fechou os olhos e ouviu seu coração, deixando que cada sensação pelas quais estava passando se infiltrassem em sua consciência, deleitando-se com todos e cada um deles.

A pele do cabelo pressionando contra as bochechas de sua bunda ficou mole, mas a entrada de sua bunda arrepiou, desgastada por cerdas finas de cabelo duro. O bafo quente nas costas veio em ondas, um gemido suave subjacente ao trabalho das respirações. Os dentes mordiscando seu pescoço eram afiados e longos, deixando manchas de pele lesada em seu rastro. As coxas poderosas martelando contra suas pernas incharam incrivelmente, grandes e duras, mas sentia-as sedosas, como para baixo, onde as dobras internas bateram no seu escroto que balançava descontroladamente. Todas as sensações se fundiram juntas quando outra explosão quente de esperma inundou o interior de Connor.

Distraído pelas visões, Connor quase perdeu o próprio orgasmo construído. Ele resistia e gritava quando um clímax, maciço e quase doloroso, explodiu de dentro de suas bolas. Ele rasgou seu pênis e fez uma pequena oferenda aos lençóis.

Os braços de Connor de repente ficaram flácidos, suportes inúteis que entraram em colapso sob o próprio peso. Quando caiu, Connor sentiu seus quadris e torso puxados para perto e gentilmente se virou. Ele desembarcou nas costas, ainda empalado na ereção implacável de Adam. Seus membros foram ternamente reunidos perto de seu corpo encharcado de suor.

Descansando sobre os joelhos, Adam puxou a bunda de Connor para sua virilha, para minimizar a pressão e prendê-los juntos. Ele cruzou as pernas submissas de Connor em direção ao homem e o peito sufocado, agarrando-o pelos tornozelos. Os joelhos de Connor relaxaram, expondo seu pênis e saco flácidos.

Olhando para seu corpo incrustado de pó, Connor foi duramente pressionado para ver um único pedaço de pele pálida através do barro escuro. Rindo baixinho, ele apontou para sua virilha aberta.

-Se você está procurando todos os pontos que você perdeu, eu acho que você tem a parte coberta, grandalhão. Tem sido abençoado tanto quanto

pode demorar. Eu me rendo. - Ele colocou seu pênis e passou acariciá-lo, mostrando a Adam a visível falta de resposta.

Rindo, Adam sorriu misteriosamente e gentilmente empurrou seus quadris para a frente. O ânus de Connor flutuou em torno do grosso eixo e seus sentidos queimaram. Ele gemia e rebojava contra a mudança súbita na pressão. Terminações nervosas chiaram e seu pênis flácido saltou, de imediato, ficando meio duro.

Connor agarrou o eixo endurecido uma vez antes de deixá-lo cair da mão, gemendo para Adam.

-Você está me matando.

-Ninguém nunca morreu de fazer amor, Connor. Você não vai ser o primeiro. - Adam flexionou os quadris novamente.

Connor sussurrou e apertou a bunda mais profundo no colo de Adam, o que provocou uma nova rodada de sensação de ardor dentro de sua bunda.

Puxando as pernas de Connor mais para o alto, Adam colocou as solas dos pés de Connor no peito manchado de vermelho, perto de seu coração. Ele esfregou-os através dos restos do pó de barro, revestindo-os em vermelho.

-Este é o caminho final para o meu espírito em seu corpo, Connor. Agora nossas almas estão para sempre entrelaçadas. Uma não será completa sem a outra a partir deste dia em diante. - Adam levantou cada pé, por sua vez, massageando o pó na pele, em seguida, baixando-o para a cama. -Agora, seus passos para sempre seguirão o meu caminho. Seu espírito sempre saberá o caminho para minha cabana. Seu coração vai morar no meu. Nós somos um.

Adam puxou Connor com mais força para ele e começou a empurrar lenta e sensualmente, em um movimento de seus quadris poderosos. O movimento de balanço suave despertou todos os sentidos de Connor e seu corpo começou a reagir a sério mais uma vez. Ele se abalou ofegante,

instintivamente envolveu as pernas em volta da cintura de Adam. Ele se sentiu completamente dominado e reivindicado por aquele guerreiro exótico, no corpo e na alma.

Connor podia sentir a ponta quente do eixo grosso pulsando em seu abdome, logo abaixo do umbigo, criando atrito contra as paredes lisas do seu canal esticado. A posição erótica, extremamente íntima, trouxe um súbito clarão de nervosismo para o peito de Connor.

Este misterioso, silenciosamente dominante, possessivo homem-deus, era apenas um completo estranho poucos dias atrás. Agora, com seu pênis ainda enterrado no corpo de Connor, Adam falou dos espíritos mesclados, caminhos comuns e eternidade juntos. Connor sabia que seu mundo mudava a cada novo impulso do pênis de Adam.

O canto no fundo tornou-se mais alto, e pela primeira vez ele podia ouvir a batida de tambores. O ritmo aumentava e uma explosão imensa de calor como lava fundida parecia fluir do pênis de Adam para o ânus de Connor. Ele percorria seu corpo, queimando tudo o que tocava, deixando para trás um peso esmagador que tornava difícil para Connor respirar.

Frenético, Connor agarrou Adam. Sentiu a espessura dos dedos de Adam segurando seus quadris, atando os seus dedos bem juntos.

Adam mudou para descansar no peito de Connor. O pouco ar que permanecia nos pulmões de Connor saiu correndo com um grunhido profundo. Sua respiração foi desafiada mais uma vez quando seu amante selou sua boca juntos e sugou o ar de seu corpo junto com a língua.

Os golpes lentos permaneceram inalterados no ritmo, mas Adam começou a forçar por trás deles. Cada estocada abalava Connor com força suficiente para empurrá-lo até a cama, até que ele finalmente encontrou a cabeceira da cama.

Ao invés de voltar para baixo da cama, Adam agarrou as tábuas ásperas da cabeceira do leito e os usou para aumentar suas estocadas.

O ar na cabana pequena ficou pesado, e em toda parte Connor parecia ver uma sombra dançar e cantar. Um profundo e gutural uivo de lobo começou a sair dele, o som assustador pairando sobre os ventos e repetido por uma voz nova em todos os poucos minutos. Connor se afastou das visões obscuras enquanto olhava para Adam.

A escuridão, a canela de bronze de compleição natural de Adam foi reforçada por um brilho de suor em sua pele, a umidade capturando a luz do fogo e acentuando a afiada estrutura óssea larga. Seu forte corpo musculoso e membros vigorosos flexionados e esticados, poderosos e extremamente eróticos em sua força graciosa. O manto de cetim de cabelos pretos corria ao redor deles como um véu de proteção, bloqueando seu mundo íntimo de paixão desatada. Atrás da luxúria e do desejo no fundo dos grandes olhos negros, Connor viu o que estivera procurando por toda a vida, amor profundo e aceitação. O sentimento de chumbo derretido queimou de repente seu corpo como um degelo da primavera, e ele sentiu uma onda de raça e energia primária por meio deles, preenchendo o vazio.

Ele puxou Adam de volta para baixo em um beijo quente, tendo tempo para explorar o gosto, sem se importar com a própria necessidade de respirar. Os impulsos bruscos aumentaram a um ritmo frenético até que os dois homens gritaram, fundindo as vozes em uníssono, com seus corpos derramando as paixões.

Exausto além da descrição, Connor estava apenas ligeiramente consciente de Adam colocá-lo de lado e envolver os braços em torno dele. Sua abertura teve um espasmo com o movimento, lembrando-lhe que Adam ainda estava enterrado dentro dele. O pensamento de que Adam estaria sempre dentro dele, estivessem acoplados ou não, passou pela sua mente e se refugiou no centro de seu coração.

Ele assobiou e gemeu com a sensação puxando em sua bunda quando Adam balançou para mais perto e colocou o corpo por trás de Connor. Uma

mão quente alisou o cabelo de seu rosto e sopros cheios de ar com o cheiro de cinzas queimada provocaram sua orelha exposta. A voz de Adam veio até ele através de um nevoeiro, rica e suave.

-Durma, Adada. Vai levar algum tempo antes do meu corpo liberá-lo. -
Um beijo à meia luz pousou sobre o pescoço de Connor. Adam acrescentou: -
Mas sei que meu coração nunca vai.

Connor tentou responder, tentou fazer os lábios formarem palavras de aceitação e promessa mútua, mas a mente não conseguia responder. Ele só conseguiu um suspiro de contentamento antes de a sua consciência escapular e os dançarinos da sombra virem até ele.

Capítulo 11

A manhã ia e vinha, mas a tempestade inesperada continuou a bater na encosta onde estava a pequena caverna com seus inquietos habitantes. No segundo dia o céu clareou e a neve parou, mas os ventos ainda estavam enfurecidos. O dia estava claro e nítido. A neve muito branca brilhava como diamantes, a visão distorcendo se uma pessoa olhasse para ela por muito tempo.

Apesar dos ventos, a equipe de dez homens partiu apressadamente de novo, caminhando para Corvo Gully, o último lugar conhecido onde Connor fora visto.

A trilha era difícil de viajar, obliterado pela neve. Era desigual e profunda, muitas vezes obrigando-os a formar uma única linha e manobrar lentamente entre fissuras e pedras escondidas. Os ventos batiam neles, movimentando bruscamente bonés e óculos, aparentemente combatendo-os a cada centímetro do caminho.

Greg percebeu que Mitch parecia não se incomodar com o vendaval feroz. O guia firmemente os levou através das passagens perigosas, a resistente face voltada para os ventos tempestuosos.

Greg ficou maravilhado com a habilidade e fortaleza do homem. Poucos quilômetros depois, Greg começou a notar a maneira como Mitch ocasionalmente inclinava a cabeça para um lado e acenava, como se estivesse ouvindo os turbulentos ventos uivantes.

Ao final da tarde, os homens finalmente chegaram ao barranco, cansados, mas felizes por voltarem a fazer algum avanço na busca do jovem médico ausente. Escondido em uma isolada e naturalmente protegida ravina, eles encontraram a evidência do acidente que ainda estava visível.

Mitch silenciou sua máquina de neve e caminhou até uma mancha escura sobre a neve, perto de vários sulcos profundos na terra gelada. Os outros homens se espalharam ao redor do perímetro da cena do acidente, experiente o suficiente no trabalho para não perturbar as coisas até que Mitch ou Joss os examinassem primeiro. Cada pista ali seria importante para encontrar Connor.

Ciente da necessidade de Mitch para ter tempo para explorar o local, mas ansioso para saber algo concreto, Greg se aproximou do guia. Ele permaneceu fora do caminho, mas arrastava os pés e batendo palmas para aquecê-las, um gesto que sabia que irritava Mitch e nunca deixava de chamar sua atenção.

Em poucos segundos Mitch lançou-lhe uma olhada por cima do ombro. Greg congelou, em seguida, de braços cruzados, enfiou as mãos nos bolsos e começou a assobiar baixinho, baixinho. Mas não tão baixinho que Mitch não pudesse ouvi-lo.

O guia suspirou. Ele agachou-se e apontou para depressões múltiplas e grandes manchas escuras na neve a seus pés.

-Este é o lugar onde Dark caiu. Bem ao lado do trenó. Ele recebeu muito peso do trenó na queda. - Ele passou a mão ao longo de um dente no fundo da rígida neve.

-Sua perna deve ter ficado presa por ele em algum momento, também.

Greg acenou com a cabeça e aproximou-se, aliviado quando Mitch não o encarou novamente.

-Provavelmente ele quebrou costelas e o braço. Não foi o lobo, ele não tinha nenhuma marca de mordida nele. Mas havia lobos aqui. - Mitch passou a mão enluvada sobre as pegadas do animal na neve. -Impressões de lobo. Aqui... - Ele apontou para a esquerda, depois para a direita. -E aqui. Eles eram grandes.

Mitch se levantou e seguiu as pegadas dos animais até que chegou a outra mancha na neve há vários metros de distância. Ao se aproximar da mancha, um movimento colorido, flutuando em um desfolhado arbusto à sua esquerda, chamou sua atenção. Ele se abaixou e puxou do galho onde estava presa, uma faixa verde. Ele se virou para trás e fez um gesto para que Greg se aproximasse, então, em silêncio entregou seu achado.

Greg pegou o pedaço de material e imediatamente reconheceu-o como um pedaço do seu cachecol que Connor estava usando. Estava gasto, as fibras desfiadas, como se poderosos dentes afiados ou garras a tivessem rasgado. Também estava manchada com manchas escuras.

Não querendo saber a verdade, mas incapaz de parar, Greg esfregou uma das manchas e levou o tecido até o nariz para cheirar. O odor inconfundível de sangue velho bateu nele e seu estômago embrulhou, não por causa do cheiro, mas por causa do que ela significava para Connor.

A última vez que Greg vira aquele lenço estava embrulhado ao redor do pescoço do jovem e enterrado sob a gola do casaco. Ele teria lutado muito a ter arrancado de seu corpo e destruído um círculo vicioso.

Greg olhou para Mitch e encontrou o guia esperando pacientemente por uma resposta. Ele sabia que Mitch entendia o que isso significava mais do que ele. Como caçador e rastreador, Mitch tinha visto muita coisa em sua época, incluindo o rescaldo de uma matilha de lobos em festa com a presa abatida.

-O que mais você vê Mitch? - Greg projetou o queixo na direção da grande mancha escura no chão sob o mato. Recuando e procurando manter o tom profissional por anos de treinamento, Greg conseguiu manter a voz firme e falar. -Não parece que tem tanto sangue aqui.

- Tem pouco. - Mitch passou a mão sobre a pequena depressão em forma de tigela na neve, no gelo duro, apontando como ela estava no meio da

mancha. Arrancou do gelo um fio de cabelo loiro manchado de sangue e entregou-o para Greg. -Parece que o Dr. Jacy bateu a cabeça bem aqui.

Sem dizer nada Greg aceitou a descoberta sinistra, mas uma rajada de vento arrancou-a dos dedos enluvados e desapareceu no crepúsculo crescente. Greg seguiu com os olhos por um instante, depois se virou para fazer um sombrio aceno para Mitch.

-Encontre-o, Mitch. Estou dependendo de você.

Uma rajada de vento girou em torno deles e Mitch inclinou a cabeça ligeiramente. Greg teve a nítida impressão que o guia estava ouvindo os ventos novamente.

Mitch puxou uma respiração profunda e deixou o olhar vagar pela encosta antes de falar.

-Em breve. Os espíritos dizem que o momento está ficando mais perto.

-Que *momento*? Connor pode não ter nenhum momento restante, Mitch. Nós temos que encontrá-lo agora. - Greg chutou a neve manchada de sangue.

- Confie em mim. - Mitch olhou fixamente para o médico, o olhar exigente e firme.

Greg sentiu uma torção no peito, as agitadas emoções profundamente enterradas. Ele olhou para trás, não queria deixar seus instintos naturais para manter o controle serem anulados.

Mitch continuou a manter o olhar e em silêncio perguntou:

-Eu não ganhei alguma, pelo menos, ao longo destes últimos três anos?

Sentindo as paredes cuidadosamente construídas de resistência desmoronar com o coração, Greg sentiu o fundamento e se rendeu. Soltando um xingamento exasperado, ele jogou as mãos no ar e crepitou:

-Sim, é claro, você teve, mas...

-Em breve, então. - Disse Mitch com firmeza, mas em silêncio, cortando o protesto de Greg.

-Tudo bem! Eu confio em você. Com a minha e a vida de Connor. - Frustrado, Greg deu ao satisfeito guia um olhar desconfiado. -Você não está apenas tentando deixar-me louco com toda essa coisa sobre espírito e ouvir o vento, não é? Porque é melhor saber agora, eu vou ficar aqui, não importa o quê. Você vai ter que me aturar, louco ou não.

Sobrancelhas levantadas e um sorriso de satisfação puxaram sua boca e Mitch murmurou:

-Eu nunca disse que estava escutando o vento.

Ele se virou e se afastou, estudando o solo por mais pistas.

Confuso, Greg revisou a conversa mentalmente e percebeu que Mitch estava certo, ele não tinha dito isso. Greg tinha imaginado tudo isso por conta própria. Fervendo na parte de trás e recuando de Mitch, ele gritou:

-Veja! Eu sabia! *Está* tentando me deixar louco!

Ignorando a acusação de Greg, Mitch ajoelhou-se sobre a neve dura acumulada, examinando as manchas escuras. Vários homens começaram a vasculhar o perímetro da cena, procurando pistas que levaram para longe do local.

Depois de um momento, Harry Bishop, um homem grande como um urso, que dirigia a agência de correios e a mercearia, chamou:

-Mitch! Venha dar uma olhada nisto. Você não vai acreditar em seus olhos. Eu com certeza não.

Cobrindo a distância com alguns passos graciosos, Mitch se agachou ao lado de Bishop e olhou para as novas faixas que o homem havia descoberto. Preservadas na neve e gelo endurecido estavam várias pegadas de lobo.

Mas aquelas não eram impressões comuns. Eram enormes, com facilidade quatro vezes o tamanho de uma impressão normal. Elas estavam no fundo de uma ravina congelada, forçada para baixo através da superfície congelada por um grande peso.

Mitch enfiou a mão na impressão e esta engoliu seu punho inteiro, com espaço sobrando.

-O que você acha? - Quando ninguém lhe respondeu Greg, espremido ao lado de Bishop, agachou-se perto de Mitch e olhou por si mesmo. Ele franziu a testa e procurou freneticamente o chão à procura de evidência de cópias menores da pata, estampas de tamanho normal, mas encontrou apenas mais algumas do mesmo tipo.

-O que diabos fez isto? Não existem lobos com patas deste tamanho.

-Você está certo. Portanto, não pode ser real. - Mitch se pôs de pé e tirou a crosta de neve das luvas. -Dark disse que viu um *Skinwalker*, um lobisomem. Talvez o que ele viu foi um homem em peles de lobo. Eu disse que os Dena'ina são uma antiga tribo isolada. Eles ainda usam os velhos métodos. Eles usam cocares de animais e peles para roupas de inverno. Dois deles devem ter se deparado com o acidente - Ele apontou para um conjunto ligeiramente menor de cópias ao lado da enorme pata. -E eles levaram o Dr. Jacy com eles, como nós pensávamos. É a única explicação que faz sentido.

-E essas impressões? - Ainda debruçado no chão, Greg pressionou uma de suas próprias mãos relativamente grandes em uma das estampas e olhou para Mitch.

Mitch encolheu os ombros.

-Só mais uma parte da roupa cerimonial, provavelmente para afastar intrusos.

Bishop tirou a mão do chão frio e olhou para a pista de impressões em massa na neve, levando para o norte.

-Bem, funciona. Isso me assusta.

Endireitando-se, Greg empurrou a multidão de homens curiosos agrupados em torno das impressões e caminhou em direção às máquinas de neve.

-Bem, não há nenhuma razão para ter medo.

Ele ajustou os óculos para baixo e montou na máquina, então esperou que Mitch e o resto dos homens fizessem o mesmo.

-Eles tiveram compaixão o suficiente para ajudar Connor, mas não devem gostar muito de forasteiros. - Ele deu partida no motor da máquina de neve e impaciente ficou olhando enquanto Mitch lentamente se juntava a ele e fez o mesmo. Greg gritou quando acelerou o motor.

-Vamos lá. Vamos. A luz está se apagando.

Greg saiu em primeiro lugar, mas Mitch ultrapassou-o e mostrou o caminho, naturalmente, ficando no lugar do guia. Nesse ritmo, se o tempo ajudasse, alcançariam o Denalina justamente após o anoitecer.

Capítulo 12

Connor despertou com os sons agora familiares de Adam arrumando o fogo, a raspagem da haste de metal sobre a pedra e o crepitar da madeira seca sendo consumida pelas chamas famintas. Ele ficou surpreso com o que sentia. Não tinha dor de cabeça persistente ou náuseas do ferimento na cabeça, naquela manhã.

As alucinações da noite passada eram, também, apenas memórias vívidas dançando na borda de seus pensamentos. A sala da cabana estava distinta e claramente visível, e Adam era apenas Adam, alto, largo e apetitosamente lindo. Mas as memórias das visões deixaram Connor desconfortável. Quanto mais ele tentava examiná-las, logicamente, mais se afastavam, como os dançarinos da sombra em seus sonhos fizeram.

Descansando sob a colcha sem deixar Adam saber que ele estava acordado, olhou para o seu amante. Ele não conseguia conter o sorriso satisfeito que se estendia em seus lábios ao ver o homem ainda nu.

Levantando-se de onde estava agachado perto do fogo, Adam chegou à sua altura máxima e flexionou a parte superior do corpo. Seu pênis grosso pendurado com orgulho entre as pernas, equilibrado em seu robusto, escuro e redondo saco. O pênis batia fortemente contra as suas coxas musculosas enquanto ele caminhava até a cama para pegar Connor em seus braços, despertando-o com um beijo de bom dia de dar calafrio na espinha e roubou toda a força de Connor.

Precisando atrair um fôlego extra, profundo, para encher seus pulmões esgotados, Connor abriu os olhos e olhou para Adam que o olhou com seus suaves olhos negros, gentis e cheios de amor. Seu coração pulou, perdeu o ritmo com a profundidade da devoção que viu. Aquilo tanto o enervou

quanto o emocionou. Esse homem realmente o amava, afetando-o de um jeito que ninguém jamais o fez.

Lambeu os lábios, saboreando o gosto ligeiramente salgado de Adam.

-Bom dia.

-Você está acordado. Eu estava preocupado com você. - Adam acariciou o cabelo desganhado de Connor e seu rosto, deixando a mão permanecer, laçando os dedos nos fios claros e ficou lá.

Dando de ombros, Connor se inclinou para a carícia.

-Por quê? Você só me esgotou ontem à noite. - Ele passou as duas mãos sobre o peito duro de Adam, esfregando levemente sobre seus mamilos tensos de novo.

-É o valor medicinal de bom sexo. - Suas mãos mergulharam na parte inferior e acariciaram os músculos do abdômen ondulado de Adam, que nem tábuas de lavar. O olhar de Adam assumiu um brilho sensual e a respiração tornou-se superficial e rápida, combinando com Connor.

-Eu me sinto ótimo esta manhã. - Connor sentiu o sangue subir para o rosto, o calor irradiando dele. Um pouco tímido ele acrescentou: -E você também. Você parece muito bem, quero dizer.

-Estou satisfeito. - Adam deu um rápido beijo na ponta do nariz de Connor. -Os espíritos foram ajudá-lo a se curar. Já não é de manhã. Logo a lua vai subir, e a cerimônia de ligação vai começar.

-Eu dormi o dia inteiro? Uau, você realmente me desgastou. - Connor deixou os cobertores caírem até à cintura.

Os pensamentos de Connor, preenchidos com as memórias da noite passada e as visões bizarras, fluíram em sua mente.

-Na noite passada... Ontem à noite eu vi algumas coisas, alucinações, eu... Eu acho. Provavelmente, um efeito colateral da contusão. Mas ainda são coisas que preciso explicar. Apenas em caso. - Ele engoliu em seco e olhou para Adam buscando segurança. -No caso de acontecer novamente.

-Tudo será explicado quando o momento certo chegar, Adada. - Adam mordiscou a curva do ombro de Connor e deixou um rastro de beijinhos delicados até o pescoço fazendo Connor tremer, um formigamento na pele onde os quentes lábios de Adam tocavam.

Quando os beijos se transformaram em lamber e chupar desde a orelha até a mandíbula, Connor sufocou um protesto fraco.

-Isso não é uma boa resposta.

Ele arqueou, esmagando o peito de Adam, seus braços em volta dos ombros largos do homem enquanto seus dedos se fincavam no bíceps do amante.

Um sussurro suave e sedutor soprou no ouvido de Connor.

-É tudo o que tenho para dar. Lembre-se de minhas palavras de ontem à noite e confie em mim, Connor. Eu sou seu para sempre.

-Eu sei. - Olhos fechados, dominado pelas sensações que Adam estava causando em seu corpo e seu coração, Connor balançou a cabeça. -Mas e a cerimônia? Isso significa que nós estamos comprometidos um com o outro, certo? Como um casamento? - Ele tremeu e balançou a cabeça rapidamente, fazendo minúsculos e confusos gestos negativos. -Eu não tenho certeza sobre isso.

Com as mãos no cabelo de Connor, Adam acalmou seu movimento com voz suave, mas firme.

-Você permitiu que nossos espíritos se juntassem, na noite passada. O compromisso já foi feito.

Lentamente, deslizando os dedos pelo cabelo de Connor, Adam sentou-se na beirada da cama e começou a desembaraçar o próprio cabelo, preto e rico, onde tinha as duas faixas de prata.

- A cerimônia desta noite é um ritual para honrar o mundo espiritual que nos uniu e forjou nossos destinos em um. - Pegando um anel de prata amarrado em um laço de couro fino de seu cabelo, Adam amarrou as pontas

para fazer um colar. -Não há como voltar para nenhum de nós. Seus espíritos subiram com alegria pela ligação com o meu. Eu conheço seu verdadeiro coração. Agora você deve aceitá-lo também.

Inclinando-se ele colocou o laço sobre a cabeça de Connor e pendurou em seu pescoço, posicionando a banda sobre seu coração.

Engolindo o pesado carço que lhe crescia na garganta, os olhos colados ao anel em sua pele pálida, Connor sussurrou:

-Isso é pedir muito.

-Nada mais do que eu já dei. - Adam selou a boca sobre o anel e beijou o peito de Connor. Ele trabalhou seu caminho até o corpo de Connor até que pudesse beijá-lo, seus lábios insistentes, mas suaves e profundos, tornando o abraço profundo e quente.

A mente de Connor cambaleou. Seus pensamentos estavam mexidos, tentando encontrar alguma ordem lógica para os eventos que aconteciam tão rápido, mudando sua vida de repente.

Apesar dos temores, não se opôs ao que Adam queria. Ele amava aquele homem. Adam era exatamente o tipo de homem que Connor estava procurando - forte, sensível, e carinhoso. A maneira como Adam cuidou dele desde o acidente lhe mostrara estas características em primeira mão. Adam tinha profundamente enraizado lealdades e autoconfiança, calma imperturbável. Adicione o fato de que era bronzeado, o homem-deus para olhar e um super-homem na cama, e Adam era o homem do sonho de Connor Jacy para a vida toda.

Então, por que estava tão nervoso? Foi o pensamento assustador de como elaborar um relacionamento quando ele era médico, necessário à cidade há centenas de quilômetros de distância, e Adam era um caçador solitário, que fazia parte de uma tribo em um território isolado? Ou era a recorrência das visões místicas e os antigos dançarinos das sombras invadindo seu quarto cada noite?

Ainda envolvido nos braços inflexíveis de Adam, Connor decidiu ouvir seu coração em vez da mente ao menos uma vez. Decidido, ele se jogou para o abraço com uma energia e desejo voraz que desmentia as reservas anteriores.

Adam gemeu e o apertou mais junto do corpo, engessando seus corpos unidos em um abraço quente tão intenso que Connor pensou que iriam derreter e se fundir num só.

Seja qual for a razão para seu nervosismo, Connor empurrou para o fundo da mente. Eles poderiam trabalhar nos detalhes de sua vida mais tarde. Hoje era um momento para comemorar e ser introduzido no mundo de Adam. Eles iriam selar seu compromisso aos olhos da tribo. Connor se preocuparia com seu próprio povo quando chegasse o momento.

Interrompendo o beijo, Adam recuou ligeiramente. Ele tocou com reverência o anel de prata no peito arfante de seu amante.

-Vou trançar isso em seu cabelo durante o ritual da lua. Será para todos verem, um símbolo de nossa união, nossa ligação eterna.

Connor piscou para limpar um inesperado fluxo de umidade por trás de seus olhos. As lágrimas fizeram com que o brilho da lareira distorcesse sua visão. De repente, Adam balançou a cabeça, seu rosto e corpo substituídos pela imagem da noite passada, a visão do lobo sobreposto ao homem.

Connor suspirou e recuou o corpo, tanto quanto o peso do substancial corpo de Adam permitia. A visão do lobo não era viciosa ou ameaçadora, mas sabia que não estava sob a influência de forças externas, como o *iqemik* ou choque, não mais. Ele não devia estar vendo coisas.

Tão rápido como veio, a visão desapareceu sem deixar nada para trás, somente perguntas. Connor piscou e Adam se tornou Adam novamente, esperando com um olhar estranhamente calmo e expectante no rosto.

Connor corou e gaguejou.

-Na noite passada... E, e agora, continuo vendo você com um lobo. - Ele balançou a cabeça e tentou novamente. -Não, isso não está certo. E-eu... Continuo vendo você como um lobo, um lobo enorme. Um que está em suas patas traseiras. Como um... Como um lobisomem.

Ele bufou pelas próprias palavras ridículas e se contorcia sob o peso imenso de Adam, tanto confortado quanto nervoso com isso. O pensamento racional tentou formar uma explicação.

-É o seu espírito totem ou estou imaginando, ou algo assim?

Com expressão neutra, Adam se inclinou e beijou os olhos fechados de Connor.

-Por que você estaria imaginando isso?

-Por quê? - Connor bufou uma risada oca. -Por que estou com uma concussão. Você queimou *iqemik*. - Ofegante, arqueou a coluna e deixou Adam ter mais acesso ao pescoço, o corpo reagindo aos beijos lentos e longos, provocantes lambidas molhadas sobre sua carne. - A voz tornou-se tensa e necessitada. -E se você quer saber, acho que você tem uma natureza selvagem e animalesca, e acho muito sexy. - Seus dedos amassaram a carne com as mãos. Ele começou a devolver os beijos em espécie, devorando cada centímetro de pele que conseguia alcançar entre as frases que lhe tiravam o fôlego. -Estou projetando minha fantasia em você. Imaginei que você fosse um lobo, na última noite, também.

Adam o beijou, uma exploração lenta e suave da boca e dos lábios, cheio de amor e romance. Quando Connor ficou fraco e mole em seus braços, ele parou e sentou-se, castamente puxando o cobertor por cima da cintura de Connor.

-O meu povo chama um homem na pele de lobo de *Skinwalker*. Há muitas maneiras de se tornar um *Skinwalker*, um lobisomem.

Ofegante e atordoado, Connor murmurou:

-Eu pensei que a lenda dizia que você tem que ser mordido por um.

-Essa é uma maneira de ser abençoado, sim. – Adam estendeu a mão e esfregou o ombro esquerdo.

- Abençoado? – As sobrelanceiras de Connor se arquearam.

Adam balançou a cabeça solenemente.

-Para o meu povo é uma honra ser concedida a imortalidade. Por ser dado o poder de manter o mundo natural em equilíbrio para todas as criaturas que andam sobre ela.

Connor franziu a testa, a voz duvidosa.

-Parece uma forma muito dura de ser "honrado".

Adam sorriu com indulgência e acariciou a linha da mandíbula de Connor.

-Há outras maneiras menos dolorosas para ser abençoado pelos antigos. Os *Spiritwalkers* podem entrar nos sonhos de um homem, trazendo-lhe uma visão do espírito do lobo em busca de uma visão. Um homem pode se tornar um *Skinwalker* bebendo da impressão de um lobo ou se ele é chamado pelo espírito do lobo através de antigo ritual.

Lembrando-se dos dançarinos da sombra da noite passada, Connor estremeceu e puxou o cobertor para cima.

-Parece que tem um monte de trabalho espiritual envolvido. - Ele olhou em volta, para os escuros cantos da sala. -Acho que vocês gastam muito tempo queimando *iqemik*.

Rindo, Adam se levantou e caminhou de volta para o fogo, acrescentando outra tora para queimar. Ele deu a Connor um olhar insondável por cima do ombro.

-Claro, há sempre a forma mais agradável de ser abençoado e honrado pelo espírito do mundo com o dom de um espírito *Skinwalker*.

Adam levantou-se graciosamente, todo o poder e força musculosos em seus suaves movimentos. Sem quebrar o contato visual, ele encolheu os ombros em sua grossa roupa de veado escondida pelo casaco.

O tom misterioso da voz de Adam atraiu a atenção de Connor até mais do que suas palavras.

-Agradável? Que maneira é essa?

Adam afastou-se do fogo e fixou um olhar intenso e penetrante em Connor.

-Por ter sexo com um lobisomem.

De onde Connor estava sentado, a luz devia ter pegado os olhos de Adam apenas para a direita, porque agora brilhavam o mesmo laranja-enferrujado como antes e ficaram essa cor.

Sem palavras, Connor ficou hipnotizado pelo homem, pelos poderosos movimentos sensuais, com a lembrança da vida amorosa selvagem da noite passada e visões distorcidas repetindo em sua mente.

-Ou seja, ter relações sexuais com um lobisomem e sobreviver. – Parando quando ia em direção à porta, o tom de Adam tornou-se áspero com o significado tácito quando acrescentou: -Você se sente vivo esta noite, Adada?

Com isso, ele saiu pela porta, então Connor percebeu que Adam não tinha olhado para o fogo o tempo todo quando seus olhos tinham começado a brilhar. A cor laranja não poderia ter sido um reflexo das chamas.

Capítulo 13

Logo após o anoitecer Adam voltou com um pequeno embrulho debaixo do braço e várias marcas no corpo e rosto pintados de preto. Ele entrou e viu Connor em pé no meio da cabana, a velha colcha da cama enrolada em torno do corpo.

Connor girou ao som da porta, um olhar consternado e assustado no rosto levemente machucado.

-Até que enfim. – Os ombros de Connor relaxaram e ele soltou um longo suspiro através dos lábios franzidos. -E-eu acho que tenho um pequeno problema. Eu encontrei o balde para me aliviar e encontrei a comida que você deixou para mim, mas não consigo encontrar minhas roupas. Eu não acho que isso... - Ele piscou ao abrir a colcha e, em seguida, fechou-a mais firmemente em torno do corpo nu, puxando o cobertor contra o frio repentino. -É exatamente do jeito que eu deveria saudar a tribo pela primeira vez.

Adam deu ao seu companheiro um olhar apreciativo.

-Você pode ser surpreendido, Connor. Ficamos muito à vontade com nossas formas ao natural. - Ele colocou o pacote sobre a mesa, pegou Connor nos braços e murmurou. -Acho que você gostaria de causar uma impressão memorável assim.

Connor riu e inclinou-se para abraçar a força de Adam, uma emoção se reacendeu e o desejo fluiu em suas veias com o simples toque do grande nativo. O perfume limpo de Adam, masculino, de bosque, encheu seus sentidos e seu pênis se agitou em resposta.

Um escuro polegar passou sobre as marcas na testa, e Adam sem palavras mostrou a Connor a mancha de cor antes de ele firmemente pintar algumas passadas vigorosas sobre a testa e as faces de Connor, marcando-o em uma imagem espelhada de seu próprio rosto.

- Agora, você está quase perfeito. - Adam soprou um ronronar abafado no ouvido Connor, então lambeu a concha da orelha.

O cheiro estranho da pintura corporal fez contrair o nariz de Connor. Ele torceu o nariz, em seguida, fez para o amante imprevisível um beicinho de simulação.

-Quase perfeito?

Rápido como uma cascavel impressionante, Adam serpenteou uma mão grande e calejada pela abertura da colcha e pegou o pênis meio flácido de Connor. Ele respondeu à atenção direta imediatamente, na hora, endurecendo e alongando. Adam sorriu, então sussurrou:

-Agora você está perfeito.

Um pequeno suspiro escapou dos lábios entreabertos de Connor. Ele pressionou mais para perto de Adam, obedecendo aos desejos do corpo sem hesitação. Ele imaginou os sons dos tambores novamente em segundo plano e seus quadris começaram uma dança irregular de encorajamento no ritmo da batida antiga.

Adam acariciou firmemente a carne que crescia. Ele sorriu para Connor, recompensando-o com um processo lento, um movimento de bombear e comprimir sensual que fez os joelhos de Connor ficarem fracos.

Mais um pouco e ele sabia que iria perder o controle, mas antes que pudesse avisar Adam, o grande homem caiu de joelhos e engoliu o pênis de Connor até a raiz, sugando a haste rígida para baixo em um movimento rápido como um raio.

Descartando a colcha e agarrando os ombros de Adam, Connor gritou e explodiu. Seu clímax foi tão inesperado e poderoso que podia sentir suas

bolas fervendo e pulsando em cada centímetro de seu eixo. Cada pulsar de jato de esperma era como se saísse fogo de seu pênis. A ponta queimava e tinha espasmos, como se ele estivesse dando à luz, quando se esvaziou na gananciosa garganta de Adam. Era uma mistura terrível de dor surpreendente e êxtase delicioso.

O conhecimento e certeza de que tinha acabado de dar a Adam mais do que sêmen atravessou a mente confusa de Connor. Ele tinha ejaculado uma parte de sua alma, também. A parte que ele nunca poderia reclamar.

Liberando o pênis encolhido de seus lábios, Adam levantou-se e o puxou em um beijo profundo. Suas mãos amassaram os globos arredondados da bunda do outro, pressionando firmemente a virilha de Connor e o estômago contra o próprio pênis necessitado.

Recuperando um pouco da sua força, Connor relutantemente interrompeu o apaixonado e exigente beijo. Suas mãos voaram para as calças de Adam e soltou os cadarços. O eixo de ferro diretamente sob elas incharam contra os laços, tornando-se difícil separá-los. Depois de várias atrapalhadas tentativas, dedos mais práticos na remoção dos laços se juntaram às mãos de Connor.

Logo as calças estavam no chão e Connor olhou o orgulhoso pau de Adam, memorizando os detalhes.

O eixo era enorme, grosso na base e cheio de veias. Ele balançou e ficou tenso, curvando-se para cima e para fora do corpo de Adam. O prepúcio incircunciso era como uma capa grande, encamisando a cabeça em forma de cogumelo em dobras profundas de carne canela. Estava mais escuro do que o resto do eixo e, quando Connor puxou de volta, viu que estava estendido até a base. Ele puxou-o para trás várias vezes como uma luva e em seguida liberou-o para arrastar as mãos sobre o resto da virilha sólida de Adam. A respiração pesada de Adam e um ligeiro empurrar de quadris restauraram a libido de Connor, e ele sentiu seu pênis se mexendo novamente.

Rastreado as depressões da coxa de Adam, as mãos de Connor mergulharam na parte inferior e viajaram até o monte escuro de cabelos pretos em torno do eixo e seu saco. Ele puxou a bolsa pendurada, animado pela forma como elaborava e ficava mais pesada na mão.

Inclinado para frente, ele lambeu provisoriamente a bolsa enrugada. Provando e explorando a superfície, ele trabalhou lentamente a língua até a base do pênis de Adam. Um pouco tonto pela emoção e pelo calor da sala, apoiou a cabeça contra a barriga de Adam em um momento de apoio. A mão pesada e calmante desceu para descansar em sua cabeça e a tontura magicamente recuou.

Puxando para trás o prepúcio pesado, Connor começou a colocação rápida, algumas lambidelas molhadas em todo o lado de baixo da ponta do pau de Adam. Um zumbido gutural de prazer vibrou de cima para baixo, transmitido através do abdômen de Adam até a mão que descansava na cabeça de Connor.

Em algum lugar ali perto, ele ouviu flautas suaves tocando. A canção era leve, estranha e a melodia, hipnótica. A música soou perto de Connor, mas sem som, como se abafada por uma camada de algodão.

Fortes e inquietas mãos caíram sobre seus ombros. Os dedos de Adam esfregaram a base do pescoço, amassaram os músculos encorajando-o silenciosamente a fazer mais.

Não queria gozar naquele primeiro momento, mas estava ansioso para provar Adam, então Connor rodou no topo da cabeça com a palma da língua, a boca formando um anel solto, molhado, em torno da borda do bulbo. A cada prumo e torção brincava levemente sobre a pele sensível, esfregando a boca molhada ao longo da lateral com delicados beijos úmidos dos seus lábios.

Connor fechou os olhos contra uma nova onda de tontura, concentrando-se, puxando e acariciando o saco bem elaborado entre as coxas

de Adam, que se separaram. Sua mão livre agarrou-se ao quadril resistente do homem enorme.

Um profundo rosar veio de cima provocando um arrepio de luxúria diretamente no seu pênis e um calafrio na espinha. Ele desejava tocar o próprio pênis, mas se recusou a tirar as mãos do amante.

Trabalhando a boca sobre o pênis duro, saboreou as gotas de esperma que vazavam da fenda. Ele engoliu em seco depois que pressionou a língua contra o eixo duro e esfregou o líquido escorregadio em suas papilas gustativas, desfrutando a sensação do quente pênis, duro como ferro junto com o sabor amargo de seu amante.

Com o nariz pressionado contra a virilha de Adam, Connor inalou o aroma almiscarado e de suor, e um arrepio de desejo voraz deslizou pela sua espinha. Impulsionado por uma súbita necessidade que queimava de levar Adam ao clímax o fez chupar o mais rapidamente possível, e Connor sugou a cabeça e o eixo espesso como ele podia com a boca. Sugando e engolindo, ele lambeu com a língua em torno dele, sacudindo a ponta contra a parte inferior e traçando o caminho das grandes veias batendo contra o eixo.

As mãos de Adam despentearam os loiros cabelos de Connor, mas ele não as puxou nem empurrou, apenas deixou-as em cima dele. Connor estava ciente de que as palmas das mãos poderosas tiveram o cuidado de nunca aproximar-se dos ferimentos que estavam cicatrizando em ambos os lados de sua cabeça.

Os quadris empurraram em um ritmo controlado e Adam rosnou com os dentes arreganhados, jogando a cabeça para trás. Connor olhou para cima enquanto chupava e seguiu a linha do pescoço e da mandíbula de Adam, e viu uma expressão de luxúria animal contorcer o bonito rosto angular do homem. Ele sugou mais forte e Adam contraiu uma vez e ficou rígido, culminando na garganta ansiosa de Connor, deixando escapar um rugido que parecia parte rosnado e parte uivo.

Engolindo o esperma rico e amargo, Connor liberou lentamente o pênis ainda duro. Ele balançou e engrossou, arqueando regiamente para fora do corpo esculpido de Adam. Ele beijou a ponta e levantou-se, trêmulo, apoiado pelas mãos fortes de Adam.

Assim que Connor recuperou o equilíbrio, Adam puxou-o para um beijo, com fome exigente. Ele percebeu o resplendor da pele e a rotação da mente já nublada. A sala nadou e o odor estranho das marcas das manchas fizeram cócegas no nariz de Connor novamente. Seus joelhos estavam enfraquecidos e ele ficou momentaneamente dependente de Adam para segurá-lo.

Interrompendo o beijo, mas mantendo um braço firme ao redor da cintura de Connor, Adam inclinou para trás o rosto do seu jovem amante e olhou profundamente em seus olhos.

-O ritual de ligação já começou. Passamos por cada fase da força da vida, plantamos as sementes de sempre. Nós somos como um só.

Os tambores à distância ficaram mais altos e Connor piscou para limpar a cabeça, percebendo que os tambores vinham de fora da cabana, ao invés de estarem em sua cabeça. Sua visão turvou novamente com a luz do fogo e as sombras alongadas que pareciam dançar e balançar no ritmo, na parede atrás de Adam.

Para ele, Adam estava glorioso, alto, largo, em cada centímetro do guerreiro nativo. Ele estava nu, a pele levemente untada com óleo brilhando à luz do fogo, e as marcas tribais em seu belo rosto faziam-no parecer feroz, cru e decididamente primitivo. O cuidado e o profundo afeto em sua expressão amorosa aceleraram o coração e a respiração de Connor.

Incapaz de parar, Connor deixou escapar:

-Eu te amo. - Ele mordeu a língua, depois sacudiu a cabeça, seus olhos nunca se desviavam de Adam, surpreso com a própria explosão.-Eu sei que não faz sentido, já que só conheço você há alguns dias, mas eu o amo. Eu

realmente o amo. Eu te amo. Para o inferno com todas as complicações. - Connor sussurrou e balançou a cabeça novamente. - Eu quero você. Só você, sempre você.

Adam reforçou seu domínio sobre o companheiro.

-É como os *Spiritwalkers* predisseram. Nosso tempo é agora e para sempre.

Ele puxou a cabeça de Adam para baixo e beijou-o, um beijo macio, completo e fervoroso, cheio de promessas e expectativas de um futuro juntos.

Adam devolveu o beijo com igual ardor, levantando-o do chão com a força de seu entusiasmo. O beijo se prolongou até que uma série de tristes e erráticas batidas do lado de fora quebraram o feitiço apaixonado, uma lembrança não tão sutil de que os esperavam em outro lugar.

Voltando a si, Adam segurou o rosto de Connor nas mãos depois de colocá-lo de volta no chão.

-Logo você vai testemunhar a bênção dos *Spiritwalkers* por si mesmo, Adada. Mas você vai precisar de algo mais do que a pele para cumprimentá-los.

Adam ignorou o próprio estado nu e abriu o pacote que trouxera. Ali tinha roupas novas para Connor. Uma calça com caderço semelhante à de Adam. Elas eram feitas de couro macio, alças flexíveis. O pacote também continha um conjunto completo de vestes de pele preta. Adam envolveu o manto em torno dos próprios ombros largos, descuidadamente negou provimento à nudez debaixo dele.

Adam entregou a roupa para Connor, orgulho e prazer em seus olhos.

-Um presente de boas-vindas para você do meu povo.

Connor pegou os presentes oferecidos.

-São incríveis, Adam. Como eles têm tempo para fazer isso? Sinto-me honrado.

Havia símbolos e padrões queimados nas peças de roupa, as mesmas marcas nas bandas de prata de Adam. O artesanato era complicado, meticulosamente trabalhado ao longo das bordas do gibão e para baixo nas laterais das calças. Connor reconheceu um deles como uma parte da cor negra e malcheirosa que marcava suas testas. Muitos símbolos que ele sabia que estavam dedicados à Lua, na cultura nativa.

Sentindo-se instável com uma nova onda de tontura, Connor viu que seria preciso que Adam o ajudasse a se vestir.

Adam ajudou a alisar o gibão sobre as calças e, em seguida, puxou um par de grossos e macios mocassins com tampo alto do fundo do pacote. Quando Connor atrapalhou-se com os laços do mocassim, Adam ajudou-o a atá-los.

Entre a energia gasta com o orgasmo na coluna de ponto de fusão e o esforço de vestir-se pela primeira vez em dias, Connor ficou esgotado e ele viu pontos de luz quando acabaram. Ele viu-se se inclinando mais e mais em direção a Adam buscando apoio, mas não tinha intenção de perder aquela cerimônia. Connor queria Adam com todo o coração.

-Acho que consigo fazer isso sozinho, obrigado.

De pé, ereto, se afastou de Adam e caminhou até a porta da cabana com um cuidado exagerado. A sala brilhava e balançava a cada passo inseguro que dava. Ele respirou fundo para se firmar, mas a cabeça cheia com o cheiro forte da pintura do corpo fazia o quarto girar mais rápido. Adam apareceu instantaneamente ao seu lado e passou um braço em volta da cintura, e o quarto parou de balançar e simplesmente brilhou a luz do fogo.

Olhando para o rosto preocupado, mas sereno, de Adam, Connor deu um sorriso irônico.

-Ok, talvez nem *tudo* por minha conta.

Assim que saíram a cabeça de Connor limpou um pouco, mas ele se segurou firme em Adam procurando apoio emocional e físico. A força dos

ventos frios afastou um pouco a nebulosidade em sua mente, mas sua visão ainda estava prejudicada.

Adam conduziu-o através de uma vasta extensão aberta, coberta de neve e terra em direção às chamas de uma grande fogueira no meio de um anel de pedras. Passaram por um grupo de mais de duas dúzias de nativos americanos, homens e mulheres, todos vestidos com longas e pesadas vestes de pele, penteados complicados feitos de peles de lobos, os corpos principalmente escondidos da vista. Os rostos eram pintados de várias cores e com padrões diferentes, mas ainda assim, estranhamente familiar para Connor. Muitos tocavam tambores pequenos ou longas flautas de madeira, e sacudiam algumas cabaças secas, criando um cenário estranho para a noite estrelada. Connor achou aquela mistura enervante e primal, mas bonito no transe.

A tribo se separou sem palavras para permitir a passagem de Adam e Connor, em seguida fecharam o círculo de novo em torno deles. Em frente ao grande fogo levantou um velho nativo que Connor nunca tinha visto antes. Embora alto e largo, seu rosto mostrava que resistira à passagem do tempo, pelas rugas e pela pele profundamente bronzeada. Seus penetrantes olhos escuros falavam de muitos mistérios vistos ao longo dos anos. Sabedoria e grande conhecimento se refletiam neles, mas o olhar intenso se fixou em Connor.

Assumindo que era o homem da medicina da tribo e o dirigente oficial do ritual, Connor inclinou a cabeça um pouco fora de contexto. O homem grunhiu um som agradável, e Adam puxou Connor para baixo para ajoelhar-se em uma grande pele de urso deitado aos pés do homem da medicina. Adam se ajoelhou ao lado dele, o braço ainda ao redor da cintura de Connor.

As flautas juntaram-se ao matraquear das cabaças e, batendo o ritmo dos tambores, os guerreiros levantaram-se em torno deles. Pegando um pequeno pote sob seu manto, o velho cantou em ritmo gutural enquanto

pintava mais camadas de símbolos nos dois rostos virados para cima, desta vez em vermelho.

O cheiro da tinta era ainda mais forte do que antes. Confuso, Connor observava os guerreiros começando a rodopiar e dançar, parecendo que os pés nunca tocavam o chão. De repente, fez-se um clarão em sua mente e Connor percebeu que a tinta fora misturada com um forte alucinógeno que ele estava absorvendo através da pele.

Em pânico ele se virou para Adam, mas viu o mesmo olhar distante e vidrado nos olhos escuros do amante, e sabia que devia estar espelhado no seu próprio. Quando ele olhou para Adam, o rosto do homem vacilou e mudou, alongando e escurecendo.

O canto e a música ardiam, soando claro e nítido na noite, o ritmo pulsando. Tudo ao seu redor se intensificou, a dança dos guerreiros, a batida do tambor batendo na cabeça e no peito de Connor. As vestes dos guerreiros pareciam derreter nas carnes e o lobo se fundia com seus próprios rostos humanos. No tempo que levou para Connor tomar uma respiração irregular de espanto, ele e Adam foram cercados por um enorme bando de animais pintados.

De olhos arregalados, Connor olhou de volta para o seu amante, já sabendo o que iria ver. O focinho de lobo e os brilhantes olhos cor de laranja substituíram as fortes características dos ossos de Adam. O cabelo de Adam, de cor preta, cobria o corpo inteiro e presas afiadas marcavam o lábio. Um grunhido retumbou rosnando no fundo de sua garganta.

Connor piscou forte, a respiração rápida e difícil, assustado com as visões, mas não verdadeiramente assustado com elas.

Os dentes do lobo negro brilharam e, em seguida, o lobo mudou, mas desta vez não estava de volta ao aspecto normal de Adam. Seu corpo cresceu mais amplo e mais alto, mais como um homem coberto da cabeça aos pés em

uma pele de lobo colada ao corpo. A besta ficou ajoelhada ao lado de Connor, mas seu tamanho tinha diminuído agora.

Estranhamente, Connor não se incomodou com a transformação surpreendente e continuou a olhar fixamente. Hipnotizado pelos olhos laranja enferrujado, ele descansou a mão no peito da besta e a batida familiar do coração de seu amante trovejou em seus ouvidos. Ele tocou o focinho do animal e sentiu que o espírito de Adam estava dentro do crânio maciço.

-Adam? É você, não é? Isso é um sonho ou são as drogas? - Connor hesitante tocou a banda de prata ainda trançada no cabelo preto pela face do animal e, em seguida, tocou a correspondente banda pendurada no próprio pescoço. Abismado, Connor, de repente soube a verdade.

-Isto é real, não é?

Em resposta, a besta estendeu a mão e puxou Connor mais perto, um poder suave nas garras cautelosas.

Connor olhou para os olhos alaranjados por mais um momento, então colocou timidamente a cabeça no peito do animal e ouviu. O som familiar do batimento cardíaco de Adam vibrou em seu ouvido, e Connor relaxou para o abraço e devolveu.

-Você é real.

O mundo girou e desfocou em torno dele, caótico e confuso, com sons rudes e misteriosas batidas tribais, mas Connor sentiu que estava tudo certo, aninhado de forma segura nos braços de Adam. Ele estava cercado por grande alegria e contentamento, tragado por ela, seu coração e espírito consumidos pelas chamas ardentes do desejo ilimitado e do profundo amor por Adam.

Connor nunca esteve tão feliz ou tão assustado. Ele estava apaixonado por um lobisomem, um antigo lobisomem guiado pelo espírito. Ele não conseguia compreender a enormidade que aquela situação significaria para sua vida, sabia agora que estava onde estava destinado a estar, com o homem que lhe fora dado para passar o resto de sua vida.

Capítulo 14

Mitch os avisara que estariam se aproximando da reserva Dena'ina logo após o anoitecer, mas a viagem tinha sido adiada quando ele teve um problema com sua máquina de neve. O guia levou quase uma hora mexendo pacientemente com o motor antes que ele voltasse a funcionar e a equipe de busca pudesse continuar o caminho.

Greg ficara inquieto e ansioso após os primeiros trinta minutos de reparo. Ele resmungou e bateu os pés, mas o guia não se apressou. Mitch apenas lhe deu o habitual sorriso misterioso e tolerante e continuou trabalhando. Greg recompensou-o com um olhar maligno e uma vista prolongada de sua parte traseira. Mitch não pareceu se importar.

Os outros membros da equipe tinham usado o tempo para comer e reabastecer as máquinas. Quando as tarefas estavam concluídas, eles verificaram as armas, pois ouviram o distante uivo dos lobos se sobrepondo aos ventos bruscos, emprestando desconforto ao crepúsculo que caía.

Agora estavam de volta à pista e precisavam recuperar o tempo trilhando a neve dura, apesar dos fortes ventos que tinham pegado quando se aproximavam do pequeno povoado.

Pouco mais à frente, Greg viu o brilho de uma grande fogueira. Ao se aproximar ele distinguiu as formas de um grande número de pessoas em volta do fogo. Parecia que estavam no meio de uma cerimônia indígena de algum tipo. Acima do rugido dos ventos e dos motores das máquinas de neve, Greg podia ouvir a batida dos tambores e o som característico de uivos de lobos, estranhos e tristes na escuridão. O som emitido provocou-lhe um arrepio espinha acima e um acentuado formigar na virilha.

Mitch parou a máquina e Greg parou ao lado dele. Os outros que vinham logo atrás estacionaram de ambos os lados dos mesmos. Todos ficaram olhando a dança em torno da fogueira.

Greg pegou um leve movimento com o canto do olho, se virou e viu que Mitch fechou os olhos e inclinou a cabeça para um lado, como que para permitir que os ventos soprassem através do cabelo solto.

-O quê? O que você está ouvindo? - Greg se aproximou e tentou ouvir o que prendia a atenção de Mitch. Tudo o que ele ouvia eram os ventos uivantes pegando força e alguns trechos de alguns tambores.

- É uma cerimônia sagrada. - Mitch apontou para o círculo distante das figuras dançantes. - Devemos esperar. Está quase no final.

-Que tipo de cerimônia? - Greg apertou os olhos e tentou ver através do turbilhão de formas da multidão. Um lampejo de amarelo e branco chamou sua atenção e ele esticou para frente para tentar ver melhor, mas uma mão forte no ombro o impediu. Greg lançou um olhar azedo para Mitch, mas o guia não tirou a mão.

-São só peles e penas. - Greg balançou a cabeça e debruçou-se contra o poderoso vento, o aguilhão afiado trazendo lágrimas aos seus olhos e distorcendo sua visão.

-Eles se parecem com lobos. Os cocares os fazem parecer muito real. - Greg pegou o binóculo do bolso de um casaco e incidiu sobre os dançarinos. - Realmente real. - A voz caiu uma oitava abaixo, contaminada com descrença.- Eu não sei o que são, mas eu... Eu não acho que eles estão fantasiados.

-Claro que estão. É roupa de cerimonial. Deixe-me ver. - Mitch agarrou o binóculo, mas Greg se esquivou e fugiu de seu alcance.

Uma forma grande e larga no centro do círculo de dançarinos atraiu a atenção de Greg. A figura olhou para cima e parecia olhar na direção do grupo de busca, enquanto Greg olhava para ele. A criatura mostrou os dentes e um

rosnado vicioso distorceu seu rosto, o focinho enrugando para o ar perfumado.

Assustado, Greg piscou e esfregou os olhos com a mão enluvada, em seguida, olhou novamente. Assim que sua visão clareou, uma lacuna aberta no meio da multidão e do lampejo de amarelo branco revelou-se uma cabeça de cabelos loiros. Soltando os binóculos para baixo para pender do pescoço, Greg acelerou a máquina de neve.

Mitch apertou a mão no ombro de Greg. O guia teve que gritar para ser ouvido sobre o súbito rugido do motor do outro trenó.

-Espere! Fique aqui!

-Para o inferno! - Greg soltou o freio e avançou para frente fora do alcance de Mitch. –Aquela coisa pegou Connor!

Um súbito coro de uivos dominou os sons de choro dos ventos alertando para o som dos motores. O grito estridente e discordante estimulou Greg a entrar em ação. Ele acelerou a máquina e disparou passando por Mitch, ignorando os gritos abafados de advertência. Vários outros homens seguiram seu exemplo e foram em direção ao círculo de figuras dançantes.

Quando as máquinas de neve se aproximaram do círculo, Greg foi direto para a forma que rosnava perto de Connor. Ele viu o animal levantar-se e ficar muito alto e pairar ameaçadoramente sobre o jovem médico.

O olhar de Greg voou para Connor que parecia atordoado, estranhamente afetado pelo caos e confusão em torno dele.

Agachando-se, a figura que rosnava agarrou Connor. Greg acelerou e impulsivamente dirigiu o trenó para cima da criatura em um esforço para mandá-la para longe do amigo.

Lutando contra uma súbita rajada de ventos que provocaram cegueira, ele forçou a máquina de neve através da multidão de figuras que circundavam o fogo sem perceber que as formas mudaram de andar sobre duas pernas para correr sobre quatro. Ele teve uma chance clara contra a criatura que ameaçava

Connor. Ele avançou diretamente sobre a maciça besta negra de brilhantes olhos cor de laranja.

Os gritos e os ruídos da equipe de resgate se aproximando pareceram agitar Connor e tirá-lo daquele estado confuso. Pouco antes de Greg se chocar contra seu alvo, Connor se levantou e se atirou para um lado, empurrando Adam para fora do trajeto do trenó que avançava.

Fraco e instável, com drogas desconhecidas no corpo, a tentativa de resgate de Connor não fora completamente bem sucedida. A máquina de neve atingiu Adam e Connor. O impacto puxou o lobisomem, Adam, sob o peso do trenó e Connor foi jogado a um lado.

Caindo sobre a borda do anel de fogo, Connor bateu a cabeça nas rochas que circundavam as chamas crepitantes e ficou imóvel. Perturbado pela força da queda, incandescentes brasas cuspiram para fora do fogo e caíram sobre o peito de Connor e várias caíram na frente do gibão, que começou a arder contra a carne desprotegida.

Virando à esquerda, Greg parou o trenó e correu para o lado de Connor, arrastando-o para longe do fogo. Greg trabalhou arduamente para tirar as brasas escaldantes da pele de Connor, colocando um punhado de neve em cima das queimaduras resultantes.

Olhando freneticamente em torno por qualquer sinal da besta enorme, o coração de Greg trevejou no peito. Onde quer que estivesse parecia loucura o que o cercava. Uma matilha de lobos grandes haviam se juntado aos dançarinos em algum ponto, e agora não havia mais nada, só os lobos ao redor dele. Os nativos invisíveis tinham desaparecido na selva caótica da cerimônia e do influxo da equipe de pesquisa. A besta grande que ele tinha visto atacando Connor tinha desaparecido. Apenas um lobo negro muito grande estava imóvel na neve, a vários metros de distância da máquina de neve.

Lutando para se levantar, Greg pegou Connor inconsciente por baixo dos braços e começou a arrastá-lo para o trenó. O fardo de repente se tornou mais fácil, pois um novo par de mãos levantaram as pernas flácidas de Connor no ar. Greg olhou para cima e viu a expressão de Mitch, que o olhou infeliz.

Aliviado com a visão do guia, mas ainda irritado com Mitch por tentar detê-lo mais cedo, Greg perguntou:

-Que diabos aconteceu aqui, Mitch? Que tipo de inferno de cerimônia era essa?

-Eu lhe disse para esperar! - Mitch rosnou e levantou Connor para o trenó-maca rebocado por sua própria máquina e em seguida, às pressas, ajudou-o a entrar - Você nunca ouve ninguém além de você?

-Essa coisa ia atacar Connor! - Greg cuspiu, eriçado. Ele trabalhou freneticamente para fazer uma rápida avaliação do estado físico de Connor e queria tirar o homem ferido para fora da área turbulenta logo que humanamente possível. -Ele estava com problemas!

Olhando para a pele pálida e sem brilho do médico ferido, olhos atordoados quando Greg levantou suas pálpebras para verificar suas pupilas, Mitch trovejou de volta:

-Bem, não tanto quanto ele está agora!

-Eu não tive escolha! - Estranhamente, Greg ficou ferido porque Mitch poderia pensar menos dele. -Como eu podia saber que ele ia tentar ficar no caminho? Ele parecia atordoado! Se podia se mover, por que não tentou fugir?

-Você já pensou que talvez ele não quisesse? - Deixando Greg falar pela primeira vez, Mitch correu para o outro lado do trenó e fixou o último laço que prendia Connor no lugar.

Os membros da equipe de pesquisa estavam perseguindo os lobos, impedindo-os de chegarem perto de Greg e Mitch. Um lobo ocasional arriscava chegar mais perto, mas era levado de volta na hora.

O grande lobo negro ainda não havia se mexido. Greg olhava nervosamente para ele enquanto trabalhava em Connor. Mitch seguiu o olhar de Greg. Levantando-se do trenó, ele tirou um rifle da luva da máquina e fez um gesto em seu assento.

-Vá! Saia na frente. Leve o rapaz de volta para a clínica. Vou levar seu trenó e juntar-me a você daqui alguns quilômetros.

Greg montou no banco e automaticamente ligou o motor, mesmo protestando contra a mudança.

-Ninguém precisa ficar para trás. - Ele olhou em volta rapidamente, observando que a maioria dos lobos foram embora. Os poucos que permaneciam estavam perto do grande lobo preto abatido, protegendo-o.- Deixa para lá. - O rosto de Greg estava comprimido em uma carranca preocupada. -Vamos embora!

-A vida do Dr. Jacy está em suas mãos agora! Não discuta! Vá! - Mitch deu-lhe um tapa nas costas e rapidamente se virou, recusando-se a deixar Greg discutir.

Vários membros da equipe tinham voltado. Eles formaram um círculo em torno do trenó-maca, bloqueando os poucos lobos remanescentes de se aproximarem. Espingardas foram levantadas, mas todos eles apontavam para o ar. Se os animais permanecessem a uma boa distância os homens não disparariam. Todos sabiam que o equilíbrio da natureza era uma escala finamente afiada, e os lobos eram uma parte necessária ao ecossistema dali.

Mitch correu para a máquina de neve do representante local Joss Crow. Ele agarrou o homem pelo braço e gritou para ser ouvido acima do barulho dos motores, dos ventos gritando e dos uivos dos lobos à distância.

- Fique alerta, Joss. Vou dar cobertura e certifique-se que nenhum deles nos siga. - Ele inclinou a cabeça para os lobos que rosnavam, estimulando o companheiro abatido. -Vamos para a casa dos doutores. Eu vou fazer você sair daqui sem qualquer interferência.

-Você tem certeza, Mitch? - Joss olhou para o pequeno bando, em seguida, lançou um olhar preocupado ao trenó de Connor. -Eu não quero deixá-lo, mas o Dr. Jacy parece que não está nada bem.

-Eu só vou segurá-los até você sair daqui. Eu vou segui-los em alguns minutos. Vá antes que o grande acorde. Ele vai ser problema, parece ser o alfa.

Joss balançou a cabeça e abriu o gás, gesticulando para o resto da equipe para segui-lo. Ele assumiu posição ao lado de Greg e o médico deu o comando para saírem.

Depois de lançar um olhar preocupado sobre o ombro para Mitch, Greg saiu relutantemente.

O resto da equipe ladeava o trenó, tanto quando possível, todos se movendo tão rápido quanto o terreno permitia.



Mitch esperou até que estivessem fora de vista, então se virou para enfrentar a matilha. Ele foi confrontado com três guerreiros Dena'ina, o mais velho tendo sinais de um curandeiro. O velho se ajoelhou ao lado do lobo preto caído.

Nem um pouco surpreso com a súbita mudança de aparência dos lobos, Mitch ajoelhou-se ao lado do homem velho e colocou a mão no flanco do lobo.

-Ele está muito ferido?

Dyami balançou a cabeça e suspirou.

-Não. A lesão é pequena. Ele vai despertar em breve.

-Quando ele acordar, diga-lhe que vou ajudar os espíritos a vigiar o seu companheiro. Ele foi ferido de novo na tentativa de proteger seu companheiro da máquina de neve. Ele precisa de cuidados médicos agora. - Mitch se levantou, mas permaneceu de pé, protetoramente perto do líder abatido.

O velho colocou um encanto sobre a cabeça do lobo negro e olhou para Mitch.

-A lua estará cheia em apenas alguns dias e seus espíritos já se fundiram. A ligação está completa. - Ele acenou com a mão na direção que a equipe de pesquisa havia tomado. -O rapaz tem apenas até o auge da lua cheia para aprender a aceitar seu lugar ao lado de seu companheiro antes que a mudança ocorra.

-Esperemos que haja tempo suficiente para trazê-lo novamente. - Mitch não conseguia manter uma pequena dica de orgulho na voz. -Um deles, o alto e moreno, é um curandeiro muito hábil. - Sua expressão se contorceu em uma careta exasperada enquanto ele pensava nos últimos acontecimentos. -Mesmo que ele não escute muito bem.

O lobo negro se mexeu, contorcendo as pernas contra o chão, mas não levantou a cabeça nem abriu os olhos.

Mitch caminhou até a máquina de neve. Ele disparou dois tiros para o ar, então, montou no trenó e deu a partida, chamando o velho:

-Quando for à hora certa para recuperar seu companheiro, vou me certificar que o Dr. Jacy esteja pronto para ele.

Ele saiu na direção que o resto da equipe de pesquisa havia tomado. Mitch forçou a máquina até o limite, tentando recuperar o tempo o suficiente para se juntar aos outros dentro de poucos quilômetros. O pequeno risco da rápida velocidade sobre o terreno irregular tinha valido a pena quando viu o relutante olhar de alívio no rosto de Greg quando parou ao lado dele.

Com um aceno curto e brusco para Joss, Mitch assumiu seu lugar como guia, e sentiu Greg se encaixar ao seu lado novamente.

Capítulo 15

Connor lentamente despertou o cheiro de desinfetante e lençóis alvejados ajudaram a identificar onde estava. Através de fendas lacrimejantes, a primeira visão foi um cobertor macio, azul, térmico, como os que usavam na clínica. Experimentou mover uma perna e o cobertor se deslocou um pouco. Ele parecia estar inteiro, apesar da dor cegante em sua cabeça e a forte queimação em seu peito.

A sala começou a oscilar. Connor suspirou e fechou os olhos por um momento, tentando parar o giro antes que a náusea, demasiado familiar, se levantasse de seu estômago revoltado.

A cabeça doía, tanto dentro quanto fora. O lado direito do crânio estava queimado, dizendo que ele tinha outra laceração para adicionar à sua lista de ferimentos durante a semana. O interior da cabeça era como se uma serra tivesse sido usado para cortar seu cérebro, deixando-o desconfigurado, pedaços sangrentos, golpeando em torno de seu crânio, cada nervo cortado gritando de dor.

Ele cautelosamente persuadiu os olhos a se abrirem novamente e olhou em volta, cuidando para não mover a cabeça. Duas das quatro camas no quarto estavam iluminadas por luzes de exames indiretas, a cama de Connor estava do lado oposto dele.

Um emaranhado organizado de linhas intravenosas, fios e tubos de drenagem cercavam a outra cama, o paciente parecia uma massa de bandagens e gessos. Connor levantou ligeiramente a cabeça para ver melhor sobre o estribo. De repente, uma voz familiar, mas fraca, forçou os acontecimentos dos últimos dias entrarem em foco de imediato.

-Bem-vindo de volta jovem. Eles estavam preocupados que você não conseguisse retornar de sua caminhada espiritual.

-Dark! Você está vivo! - Connor tentou se levantar da cama, mas o barulho atrás dos olhos e uma súbita onda de náusea o impediu. Ele fez uma careta e caiu para trás contra o colchão, pálido e trêmulo pelo esforço. -Pensei que você estivesse... Quero dizer... Adam disse que estava morto.

-Adam? – A face de Dark se anuviou momentaneamente e depois relaxou. -O grande guerreiro Dena'ina do acidente?

Atordado, Connor franziu a testa, apesar da dor que causou.

-Sim, Adam. Não consigo acreditar que ele mentiu para mim sobre algo assim.

Levantando a mão em um movimento hesitante, palma para fora e dedos apontando para o teto, Dark atenuou os temores de Connor.

-Não desconfie dele. Seu companheiro pensou que eu estava morrendo. Os espíritos me chamaram, mas eu me recusei a ir.

-Eu sempre soube que você era um cara durão. - Connor sorriu através da careta de dor e deixou à deriva o aumento súbito de desespero que ameaçava entrar em seu coração. Ele ignorou a referência ao outro homem como seu 'companheiro'.

-O que aconteceu com você após o acidente? Não me lembro de nada sobre isso.

-Eu fiz meu caminho de volta. - Dark simplificou a explicação em sua forma usual breve. Ele era um homem que conservava as palavras em uma base regular. -Dr. Pierce e a nova médica, a Dra. Webb, salvaram minha vida.

-Webb é mulher? – As sobrancelhas de Connor bateram na linha fina, mas dolorosa, da sutura, o que o obrigou a relaxar a expressão e limitar o espanto à voz. -Ai! Droga! - Ele esfregou a testa cuidadosamente, evitando contato com a ferida. -Você está brincando comigo. Cristo, aposto que Greg foi surpreendido.

Com um brilho malicioso nos olhos Dark disse:

-Então, foi o que eu disse.

-Eu gostaria de ter visto isso. - Connor sorriu, imaginando a cara de Greg quando descobriu que Webb não era quem ele pensava. Sóbrio, olhou para o corpo mutilado de Dark.

-Então, o que aconteceu?

-O Dr. Pierce, Mitch e os outros foram à sua procura. – A voz de Dark rachava no final de cada palavra e Connor podia dizer que o homem ia ficar acordado em seu benefício. -A tempestade estagnou-os por alguns dias, mas eles rastrearam-no para baixo no assentamento Dena'ina, no extremo norte daqui.

Puxando o cobertor maior contra o frio no quarto, Connor reviu a cerimônia de união e a última vez que viu seu novo amante.

–Essa é a tribo de Adam. Eu... Eu só conheci alguns deles. Devo ter batido a cabeça novamente. - Ele piscou para tentar dissipar as luzes brilhantes que explodiam por trás dos olhos, fazendo-os lacrimejar. -Graças a Deus tenho a cabeça dura, considerando quantas vezes ela foi quebrada esta semana.

Connor olhou para os frascos de intravenosa penduradas e reconheceu como sendo uma solução de medicamentos utilizados para reduzir o inchaço no cérebro.

-Manitol. Parece que causei alguns problemas para Greg.

Resmungando um som afirmativo, Dark deslocou-se na cama, gemendo baixinho sob a respiração.

-Ele estava muito preocupado. Disse que houve muita pressão em seu cérebro. Você só começou a melhorar ontem à noite.

Olhando para o relógio na parede distante, Connor piscou, mas a visão distorcida tornou o relógio ilegível.

–Há quanto tempo estou aqui?

-Pouco mais de um dia. - Dark fez um gesto com os dedos enfaixados para a cadeira vazia ao lado da cama de Connor. -O Dr. Pierce ou um dos outros tem ficado ao seu lado quase todos os minutos desde que você voltou. Até Mitch. Rose acabou de sair.

Dark bufou e se recostou nos travesseiros, um sorriso satisfeito nos lábios.

-Estou feliz porque você está de volta. Deu-lhes outra pessoa para mexerem e não ficarem em cima de mim o tempo todo. - Ele lançou um olhar à porta vazia e baixou a voz conspiratória. -Eles podem ser realmente irritantes.

Retornando o sorriso divertido, Connor compartilhou um momento de silêncio sociável com Dark, mas seus pensamentos se voltaram para Adam. Ele olhou para o lado e viu Dark olhando para ele, como se estivesse esperando por algo. Sentindo-se como um jovem rapaz confessando ao pai, Connor gaguejou a próxima pergunta.

-Ah, Dark? Sobre essa coisa de "seu companheiro" de antes? Eu, bem, eu...

Com os olhos cheios de bondade, Dark parou a gagueira envergonhada.

-Você é um filho da lua, Connor. Você carrega sua marca. É seu destino acasalar com o guerreiro Dena'ina. Sei disso desde que você chegou. Ele é um abençoado guardião da noite, e os espíritos o escolheu para ser companheiro dele.

-Marcado? Como?

-Aqui e aqui. - Dark apontou para seu próprio rosto, tocando os lugares onde Connor tinha cicatrizes na face e no olho. Em forma de lua crescente e moldaram o outro como o símbolo nativo da lua. -Seu destino foi fixado no local a partir do momento que você recebeu sua primeira marcação. A lua alegou isso, assim como o outro guerreiro as tem.

-Afirmou-me? - Connor ficou vermelho e tentou não abaixar a cabeça, envergonhado, mas o outro homem parecia já saber sobre sua relação íntima com Adam.

-Você não está ligado? Não foi ele que lhe deu seu corpo e espírito e seu ser, tomados como seu próprio?

Connor se encolheu e passou sua bunda contra os lençóis, automaticamente apertando a bunda ao se lembrar da longa noite fazendo amor com Adam.

-Sim, ele o fez. Eu nunca entendi como poderia ser até conhecer Adam. Para me entregar completamente, em todos os sentidos. Não admira que Greg estivesse tão empenhado a me convencer a dar para ele. - Ele olhou timidamente para Dark. -Mas estou feliz por ter esperado por Adam. Ele é o primeiro e o único.

-O primeiro? O primeiro a quê? - Greg ficou parado na porta aberta, com suprimentos empilhados nas mãos e um olhar desconfiado no rosto. Connor nervosamente disparou o olhar para longe de qualquer coisa, mas ele, Greg, apareceu instantaneamente, querendo compreender a implicação.

-Você deixou esse cara, um *estranho*, fazer o que não me deixou sequer falar com você? - A voz indignada de Greg ricocheteou nas paredes sombrias.-Não consigo acreditar nisso! Você deve ter batido a cabeça mais duro do que pensei pela primeira vez.

-Greg, desculpe-me. - Connor suspirou, depois estabilizou a voz. -Por favor, tente entender. Eu estou... Era diferente com Adam. Eu me sinto diferente com Adam. Ele me faz sentir... - Suas mãos apertaram o cobertor até os nós dos dedos ficarem brancos. -Eu não sei... Como tudo... Acabou. Como somos duas metades interligadas de uma alma.

Greg caminhou ao lado da cama de Connor, as faces coradas e os lábios formando uma fina linha reta.

-Não é maravilhoso? Como um romance de conto de fadas. E depois de apenas alguns dias. - Ele bateu as caixas de curativo na mesa de cabeceira. – E eu que tentei fazer com que você *engatasse* comigo durante malditos cinco meses!

O som forte do equipamento batendo na mesa fez Connor se encolher. Ele apertou a mão na têmpora que doía, inadvertidamente, roçando a nova linha de sutura.

- Uou! Filho de uma... - Connor puxou a mão automaticamente tentando parar a dor aguda. O movimento brusco puxou uma das linhas de intravenosa parcialmente livre, arrancando o esparadrapo e os pelos do braço. -Merda! Droga!

-Pelo amor de Deus, deite-se! - Greg avançou e agarrou o braço de Connor, ancorando a linha intravenosa solta antes que saísse completamente. Sentado na borda da cama, Greg delicadamente arrancou a mão de Connor longe da ferida.

O torso de Connor torceu quando o braço foi puxado. Ele gritou e apertou o peito.

-Ei, augh! Cristo, Greg! Cuidado! Meu peito!

-O que está acontecendo aqui? – Com uma expressão alarmada no rosto, Mitch apareceu na porta observando os dois homens lutando na cama.

Greg pegou os ombros de Connor e gritou:

-Pelo amor de Deus, dá para você se controlar?

Quando Connor relaxou, Greg se sentou confortavelmente na cama e abriu a parte superior da roupa de hospital de Connor para uma gaze de tamanho moderado sobre o peito esquerdo superior de Connor.

-Você tem duas queimaduras no peito. - Greg murmurou, a voz mais calma.

O tom culpado de Greg fez Connor olhar para cima, para a cabeça baixa de Greg.

-Como? Eu não me lembro de nenhuma queimadura antes.

Greg ficou em silêncio por várias batidas, então suspirou e olhou para cima, uma solene e cansada expressão no rosto.

-Quando o encontrei, um lobo negro estava atacando você.

A tosse aguda emanou do lado da porta e Greg se contorceu. Ele lançou um olhar para Mitch, mas rapidamente acrescentou:

-Bem, eu pensei que estava atacando você. Eu dirigi a máquina de neve sobre ele. Você tropeçou no caminho e foi jogado para trás. Você bateu a cabeça em uma pedra e algumas brasas do fogo rolaram para sua camisa.

Connor empalideceu e a voz tremeu.

-O que aconteceu com o lobo negro? - Greg não respondeu imediatamente.

Emily entrou na sala, quebrando o silêncio constrangedor. Pequena, a mulher de cabelos negros com seus vinte e poucos anos conseguiu passar facilmente pelo corpo grande de Mitch e caminhou diretamente para o leito de Connor, uma pequena seringa cheia de líquido na mão.

Greg olhou para ela, depois para a seringa.

-Obrigado, Emily. Bem na hora. Estou prestes a mudar o curativo.

Emily deu para Connor um enorme sorriso de saudação, em seguida, aproximou-se do polo intravenoso, obviamente, não estava preparada para interromper a conversa. Pegando uma das linhas de intravenosa, ela injetou o medicamento da seringa no tubo antes que Connor pudesse dizer algo.

Connor virou a cabeça ligeiramente para seguir Emily, mas cada movimento, não importa quão pequeno fosse, dava-lhe uma dor de cabeça latejante e intensificava a náusea. Lançou para Greg um olhar perplexo.

-É apenas um sedativo para a dor. - A voz de Greg abaixou, ficando suave e moderada. -Você vai precisar dele quando eu mudar o curativo. - Ele soltou lentamente a fita que segurava o antigo curativo no lugar, alternando o

olhar entre a ferida e o rosto de Connor. -Você sabe como são as queimaduras quando o ar passa por eles.

Emily terminou de injetar a medicação, deu um tapinha no ombro ileso de Connor e saiu sem dizer nada.

O curativo foi removido e o ar frio atingiu as áreas em vermelho, a carne crua queimada no peito. A primeira onda de dor o atingiu. Connor assobiou e cerrou os olhos bem apertado, os dedos torcendo os cobertores. Enquanto Greg trabalhava sobre a ferida, a dor começou a diminuir e a medicação fez o seu trabalho.

-O lobo, Greg. - Mesmo com os dentes cerrados, a voz de Connor vacilou.

Greg evitou olhar para ele, concentrando-se na troca de curativo.

-Eu não sei. Ele foi atingido pela máquina. - Ele suspirou de novo, em seguida, endureceu o tom. -Provavelmente está morto. Não fiquei tempo suficiente para ter certeza.

-Morto? Ele está morto? Por que você não verificou? - Uma estranha sensação de pavor fechou sobre Connor e o pânico cresceu em seu peito. Se fosse só um lobo, por que se importava tanto? Ele não conseguia se lembrar do que aconteceu durante a cerimônia, mas tinha certeza que era importante. Ele olhou para Dark e não teve nada mais do que um aceno simpático. A expressão de Mitch estava com aquela calma habitual, imperturbável expressão.

A raiva e o ressentimento provocaram os olhos de Greg e um toque de cor vermelha no rosto. Ele parou de trabalhar e olhou para Connor.

-Por que eu estava muito ocupado tentando conseguir sua bunda ingrata um pouco de atenção médica.

Sentindo-se injustamente castigado, a exaustão puxou Connor e ele começou a perder o impulso para discutir. Baixando a voz, ele agarrou um dos pulsos de Greg, acalmando-o suavemente.

-Era a minha cabeça que precisava de atenção, Greg. - Ele deu ao homem um sorriso fraco e exausto.

Os lábios de Greg tremeram, mas nenhum sorriso veio à tona. Ele baixou a própria voz e murmurou:

- Oh, isso é certo. Sua bunda teve toda a atenção antes.

Soltando-o, Connor deixou o braço cair na cama com derrota.

-Cristo, apenas esqueça, Greg.

-Vou esquecer, junto com você. Não tem problema, se é isso que você quer. - Greg olhou para ele e engoliu em seco quando o outro homem não o contradisse. -Ok, então. Descanse um pouco.

Greg tampou a ferida sem tirar os olhos de cima da tarefa.

Como a medicação produziu maior efeito, Connor lentamente relaxou. Apesar da neblina, a sensação de euforia invadiu sua mente, ele precisava saber mais. Ansiava que Adam estivesse ao seu lado.

-Onde está Adam?

Colocando o último da fita no lugar, Greg fechou a roupa, hesitando um momento antes de pegar e examinar a banda de prata que Mitch insistiu que deixassem em volta do pescoço de Connor.

-Não havia ninguém. - Greg rapidamente soltou a banda e puxou os cobertores sobre ele. -Eles desapareceram quando interrompemos a cerimônia. Havia apenas uma matilha de lobos lá quando o encontrei, mas pessoas não.

-Adam teria vindo atrás de mim se pudesse.

-Ninguém ficou para trás para protegê-lo, Connor. - Greg tocou a face de Connor, acariciando-a levemente por um breve momento. -Ninguém. Você está iludindo a si mesmo se acredita que um cara que conheceu há quatro dias vai arriscar a vida por você e declarar amor eterno.

Greg rapidamente recolheu o lixo da troca de curativo e se levantou. Ele olhou para o rosto aflito de Connor e seu tom suavizou, mas um toque de raiva ainda permanecia em seus olhos.

-Eu queria que o fizesse, mas simplesmente não é assim que acontece na vida real. Ninguém é consagrado. Confie em mim. Ele o deixou sozinho com um lobo grande e preto em sua garganta.

Connor observou enquanto Greg claramente ignorava o brilho de desagradado no rosto de Mitch, empurrando-o ao passar para o corredor. Os passos pesados de Greg ecoaram pelo corredor antes de sumirem por completo pelo bater de uma porta.

Devastado, Connor virou o rosto dos dois homens restantes na sala, as lágrimas quentes fazendo estrias pelo rosto. O coração doía e, naquele momento, de repente sabia que realmente amava Adam, precisava dele. Greg estava errado. Ele tinha que estar errado.

Um leve toque no ombro o trouxe de volta de seus pensamentos. Ele fungou e desajeitadamente limpou o rosto antes de virar a cabeça. Mitch se agachou ao seu lado, os olhos escuros brilhando com uma curiosa luz, compreensão e afeto escritos claramente no rosto do homem.

-Não acredite em tudo que escuta, jovem. O Dr. Pierce não é tão experiente nos caminhos do amor verdadeiro como ele pensa. Ainda não. Abra seu coração e confie no que lhe diz. Deixe os espíritos guiá-lo. Eles vão levar você até a verdade. - Mitch deu um tapinha no ombro de novo, apagou as luzes de cabeceira e calmamente deixou o quarto.

Connor fechou os olhos e concentrou-se em ouvir os sentimentos que rodavam em torno da cabeça e em seu coração. Eram um amontoado de pensamentos confusos e visões de pesadelo.

Sombras dançaram, bateram os tambores e as pessoas mudaram de humano para animais de pelo e de volta novamente. Não havia dor, prazer, somente o palpitar de calor escaldante e ardente desejo, tudo misturado com

uma forte sensação de ligação à terra, de um amor tão verdadeiro e feroz que Connor ficou oprimido por ele.

Tudo isso somado em uma pessoa, em um ser. Com a consciência fraca, ele gritou, a palavra ecoando em sua mente e na escuridão do quarto, pedindo a única coisa que o faria inteiro outra vez.

-Adam!



Em um cume logo ao norte da cidade, Adam esperou impientemente sob o manto protetor da noite. A lua crescente brilhava através de uma constante mudança no céu salpicado de nuvens. Estrelas espiavam entre as massas de sombra e ele sentiu o ar fresco e forte no nariz sensível.

Em sua forma de lobo alfa, Adam andava e pulava inquieto e irritado. Ele parou e levantou o focinho para o ar, uivando para a noite. Era um som longo, baixo e triste, que ricocheteou nas colinas geladas. Um coro de vozes solidárias ecoou o grito, a canção do lobo carregando sobre os ventos ascendentes.

Esperando à margem dos bosques densos fora de Nekenano, Adam estava ficando cada vez mais tenso.

Saindo das árvores trotou o velho lobo cinzento, Dyami, o curandeiro da tribo, que silenciosamente chegou perto de Adam. Dyami imediatamente se transformou em homem. Adam relutantemente fez o mesmo. Apesar de estar nu, não parecia sentir frio.

Dyami colocou uma mão no ombro de Adam.

-Fique em paz, Adam. O tempo para se juntar ao seu companheiro ainda não chegou.

Adam olhou para dentro da noite, os olhos fixos na cidade iluminando alguns quilômetros abaixo deles.

-Meu espírito anseia por ele, Dyami. Agora que estamos ligados, não sou inteiro sem ele perto.

Balançando a cabeça, o xamã tirou a mão do ombro de Adam e apontou um dedo torto no coração de Adam.

-Como deve ser. Ele tem o mesmo anseio, mas pode não reconhecer a necessidade do que é ainda. Ele tem que aprender a aceitá-lo.

-Quando vai ser isso, Dyami? - Adam franziu a testa.

-Quando ele vier até você por vontade própria. Em seguida, ele será realmente seu, não porque as mudanças dos *Spiritwalkers* o abençoaram, mas porque ele quer ser seu companheiro.

-A lua cheia será daqui a dois dias. Não vou conseguir esperar dois dias para saber se ele está bem.

-A nova lesão na cabeça foi forte. Ele tem necessidade de cuidados do homem branco e medicamentos. - Dyami olhou para o céu e pareceu ouvir os ventos que sopravam. -O espírito de Meachee está tomando conta dele, protegendo-o. Seu destino está nas mãos de seu próprio povo, por hora. Você deve esperar que ele se cure e aceite seu destino.

-Isso é pedir muito de um estranho jovem em um tempo tão curto.

-Ele é capaz. Os antigos não o teriam escolhido de outra forma. Ele não é mais um estranho, ele agora é seu companheiro.

Adam puxou uma respiração profunda e se concentrou em tocar o espírito de Connor através da ligação incipiente entre eles.

-Sim, ele é forte. - Uma sensação de calor e alegria percorreu Adam, sua própria alma emocionada com a descoberta de Connor nas proximidades. - Mesmo agora eu posso senti-lo.

Um fio branco e brilhante reconhecível como o espírito de Connor tocou o coração de Adam. Ele atraiu a sensação e deixou o próprio espírito se misturar ao dele. Uma súbita explosão de dor lancinante e de perda brilhou através de Adam e ele ouviu Connor chamando seu nome. Sua voz estava fraca e trêmula de medo. Adam podia sentir o isolamento, o desespero e a solidão que seu companheiro estava sentindo com aquela conexão espiritual tão claramente como se a dor fosse nele próprio.

Atormentado pela ideia de que Connor estava em grande aflição, Adam instintivamente se transformou rapidamente na mais poderosa forma de lobisomem. Ignorando os avisos de Dyami e seus fundamentos, com a intenção apenas em proteger e confortar seu companheiro ferido, Adam saiu dos limites do bosque, correndo em direção a Nekenano.

Capítulo 16

Greg estava inquieto na cadeira ao pé da cama de Connor e olhou para Mitch.

O guia estava enquadrado na porta, as costas amplas pressionadas contra o batente para suportar seu peso. Seu rosto liso, sem idade, parecia pensativo e distante. Os dois homens estavam cansados, mas não conseguiram encontrar nenhum descanso nessa noite. Uma hora depois, ambos encontravam-se em vigília à cabeceira Connor.

Greg afundou mais o corpo nas almofadas da cadeira e olhou para o amigo machucado e enfaixado. A cada minuto seu olhar corria para o monitor ao lado da cama e para as diversas tubulações intravenosas, verificando se as coisas estavam bem e se ele estava estável.

Mitch parecia congelado no lugar, à porta. O simples movimento do peito e pelo piscar lento dos olhos eram os únicos sinais de que ele não dormia em pé.

Mesmo que não tivesse falado desde que entrou na sala, a presença de Mitch dava conforto a Greg. Rolando a cabeça nas costas do assento da cadeira, Greg suspirou. Ele fechou os olhos, acalmando a irritação que os queimava e embaçava a visão. Surpreendentemente, ele se sentia mais à vontade relaxado na cadeira pequena, ao pé da cama de Connor, do que em seu próprio quarto. O sono começou a puxar por ele e o peso da inconsciência começava a ultrapassar a mente e o corpo exaustos.

De algum lugar na parte de trás do alojamento, a queda forte de vidros quebrando interrompeu a calma da noite. Lá de fora chegou de repente um uivo triste. Os ventos sussurravam, sacudindo as telhas no telhado.

Assustado, tanto Mitch quanto Greg puseram-se de pé, trocando olhares perplexos.

Dando um salto da cadeira, Greg esfregou os olhos ardentes.

-Que diabos foi isso? Uma janela? - Ele correu rapidamente um olho clínico sobre Connor e Dark, os dois homens estavam medicados e não foram perturbados pelo estrondo.

Mitch olhou para o corredor na direção do som e encolheu os ombros.

-Os ventos podem ter derrubado um galho de árvore. Daquele velho pinheiro no lado de trás da clínica. Eu vou verificar.

Com dois passos largos Greg estava ao lado de Mitch.

-Eu vou com você. Já tivemos muitos ventos fortes antes e essa árvore nunca perdeu uma agulha sequer, muito menos um ramo grande o suficiente para quebrar uma janela. Primeiro vou pegar um rifle, só para o caso de aquela besta que atacou Connor estiver procurando por ele.

Mitch deu de ombros novamente e silenciosamente garantiu para Greg.

-Não tinha besta nenhuma. Eram cocares cerimoniais e peles. Era um truque da luz do fogo.

Greg fungou e esfregou os olhos novamente, exaustão e sarcasmo na voz.

-Sim, claro, e você não ouviu a conversa do vento, também.

O som de mais vidro quebrando interrompeu a resposta de Mitch e ele avançou pelo corredor, com Greg combinando seus passos com os dele.

Instantes depois, Adam entrou na ala subterrânea do outro lado do corredor e foi direto para o lado de Connor. Em forma de lobisomem completo, Adam se ergueu sobre a cama, olhando o homem dormindo.

Inclinando a enorme massa em cima do colchão, Adam inclinou-se para farejar e acariciar o pescoço de Connor, como se para assegurar-se de que seu companheiro estava bem. Empurrando os curativos de lado, ele lambeu a ferida na testa de Connor e depois trabalhou a língua para baixo sobre o pescoço do homem e no peito. Encontrando a queimadura fresca, ele tirou a gaze com uma pata gentil e infundiu a carne empolada com várias pinceladas de língua.

Um lampejo de dor passou pelo rosto de Connor quando ele começou lentamente a emergir das profundezas de um sono drogado. Olhando para cima através das fendas dos olhos, incapaz de mover a cabeça no travesseiro para dar uma olhada melhor, Connor piscou forte e tentou abrir mais os olhos. A criatura incrível de seus sonhos materializada a alguns escassos centímetros de seu rosto. Uma explosão de excitação e medo o atravessou.

A besta inclinou a cabeça para um lado e algo no pelo do animal, espesso e escuro, foi capturado por um raio de luar da janela.

A expressão de Connor relaxou, sentindo que o medo se misturava ao brilho reconfortante do reconhecimento. Mal conseguindo levantar a mão, Connor a estendeu e tocou a faixa de prata trançada no pelo negro. As pontas dos dedos roçaram-nas antes de cair no colchão, a força pesada dos medicamentos arrastando-o de volta para o sono.

- Adam? - Connor sorriu quando seus olhos se fecharam, então ele repetiu o apelo com mais confiança e entendimento. -Adam.

Respondendo a Connor, Adam imediatamente deslocou-se de *Skinwalker* para a forma humana nua. Encontrando a faixa de prata ainda amarrada em volta do pescoço de Connor, Adam se aproximou mais do coração de Connor e deu um beijo suave no peito de seu companheiro, através da faixa. Adam ainda estava debruçado sobre ele, com os lábios pressionados firmemente em seu amante quando Mitch e Greg irromperam no quarto.

-Tire esse inferno para longe dele! - Greg gritou da porta. Ele puxou o rifle, apontando-o para Adam, mas hesitou um segundo, distraído por ver o estado totalmente nu do invasor.

-Espere! Você está muito perto. Você pode atingir Connor! - Mitch bateu o cano do rifle para o ar quando a arma disparou, quebrando uma das lâmpadas fluorescentes no teto. O tiroteio chocou Greg, congelando-o no lugar, uma expressão aflita no rosto.

Adam se levantou da cama e ficou olhando para seu companheiro, seus olhos escuros vagando sobre os intravenosos e equipamentos médicos ligados a Connor. Ele se virou completamente para os dois homens e lançou um olhar duro para Greg.

O olhar de Greg foi atraído para o pênis impressionantemente grande e totalmente ereto contra o abdômen duro de Adam. Ele teve uma compreensão súbita por que Connor tinha desenvolvido uma atração por esse homem, grande e selvagem.

Farejando o ar, mais uma vez, Adam inclinou a cabeça na direção de Mitch, em seguida, acenou com a cabeça uma vez, aparentemente chegando a uma decisão. Com um último olhar persistente em Connor, Adam pulou da cama com um salto poderoso e mergulhou para fora de uma das três janelas que revestiam a parede da enfermaria. Vidros se espalharam pelo quarto e caíram para fora na noite. Em segundos, a escuridão engoliu Adam, deixando Greg apavorado e de boca aberta, e um silencioso Mitch, olhando atrás dele.

Capítulo 17

Sentado no chão junto à porta do quarto, Greg observou Mitch pregar a última tabua sobre a janela quebrada, bloqueando o buraco remanescente no quarto. Seu olhar se desviou para os bíceps protuberantes do guia, admirando a forma como as linhas suaves da camisa estavam tensas contra o tecido esticado enquanto ele trabalhava.

A camisa bem apertada nos ombros largos, a construção mais visível do que o habitual porque o cabelo longo e brilhante estava preso em um rabo de cavalo. A oscilação e queda do cabelo preto nas costas levaram os olhos de Greg para baixo. Ele estava contemplando a curva das nádegas apertadas de Mitch e a espessura das coxas quando o guia deu meia volta, o trabalho terminado.

Suspirando com a perda da paisagem recém-descoberta, Greg lambeu os lábios e soltou um profundo suspiro para reorientar os pensamentos sobre os problemas que tinha em mãos. Todas as boas intenções desapareceram como fumaça quando Mitch caiu no chão ao lado dele, sentando-se tão perto que seus ombros e coxas se tocaram.

Mitch inclinou-se e abraçou os joelhos dobrados, atraindo o olhar de Greg de volta aos músculos bem definidos dos seus braços.

Enquanto explorava o outro homem com olhos famintos, o olhar de Greg desviou rápido para que Mitch não o flagrasse olhando-o. Com um sorriso nervoso, ele acenou com a cabeça para os ombros de Mitch.

-Eu nunca notei como eram os músculos dos seus braços antes. Você malha?

- Eu corro.

Greg passou os olhos com admiração sobre a forma de Mitch novamente.

-Isso explica as coxas, mas só correr não pode lhe dar esses braços, meu amigo.

-Eu tenho meu próprio estilo. - Mitch sentou-se contra a parede. -Dá para treinar todo o corpo.

-Sério? – As sobrancelhas de Greg se arquearam em direção ao couro cabeludo. -Eu gostaria de ver isso. - Ele flexionou os próprios braços magros, trabalhando os músculos dos membros superiores. -Eu poderia usar um treinamento melhor. Os últimos dias mostraram-me muito.

-Se você quiser posso lhe ensinar.

-Sim? Quando? - Greg olhou para a cama. Depois de ouvir Connor falar sobre como se sentia sobre Adam, sabia que seu relacionamento de cinco meses como amantes acabara. Ele estava triste, mas aceitou. A vida era cheia de mudanças.

-Acho que vou ter muito tempo livre a partir de agora.

-Então, quando o Dr. Jacy estiver curado, - Mitch se virou e o olhou diretamente nos olhos, uma fagulha de algo que Greg pensou ser possessivo e selvagem brilhando no olhar dele. -eu vou levá-lo. - Então ele piscou para Greg. -Em breve. Muito em breve, você vai ficar comigo.

Capítulo 18

Connor dormiu a noite inteira e a maior parte do dia seguinte. Os repetidos ferimentos na cabeça, a dor, os medicamentos, a exaustão e o estresse das alterações súbitas e inesperadas em sua vida o levaram ao ponto mais baixo de tolerância.

Rolando a cabeça lentamente, ele deu um olhar para o outro guia. Dark estava acordado, mas em silêncio na própria cama.

Vendo que o homem mais velho estava com menos fios e tubos, Connor deu um suspiro de alívio. Até o dreno do tórax fora tirado. Connor se sentou na cama, sem qualquer dificuldade óbvia, e a boca de Dark repuxou um sorriso de prazer sincero nos lábios finos.

-Você está se sentindo melhor. Fico feliz. Os espíritos continuam a cuidar de você. Você está muito abençoado no mundo espiritual. Seus dois espíritos fazem-no muito poderoso.

-Dois espíritos. - Connor esfregou levemente ao redor do curativo no peito, lembrando-se da maneira como Adam havia tocado seu coração quando falou dos dois espíritos. -Foi o que Adam me disse. Ele fez parecer importante.

Seu peito doía e ele sabia que era mais do que apenas a queimadura em sua pele. Ansiava pelo som e pela sensação de Adam, querendo, precisando dele perto.

Com a voz áspera por falta de uso e pela idade, Dark disse:

-É o que permite que você ame um homem como amaria uma mulher. Ambos os espíritos, do homem e da mulher, moram dentro de sua alma. Você nasceu de um espírito de dois. Você será sempre um espírito de dois, e é isso

que lhe dá força. Essa é a força que você precisa para aceitar as mudanças que estão chegando a sua vida.

-Isso tudo é muito confuso. - Levantando a cabeceira da cama com o controle remoto, Connor suspirou e se recostou contra o travesseiro. Puxando o cobertor até em cima contra o inexistente frio, afundou-se na sensação de calor e conforto que o casulo do cobertor lhe deu. -Eu gosto da minha vida. - Uma mão foi automaticamente para a testa e Connor esfregou a pele intacta que encontrou, tentando livrar-se do tumulto de emoções e lembranças confusas que inundavam sua mente. -Eu não quero desistir.

-Você é feliz aqui com o Dr. Pierce como seu companheiro? Você está contente em estar com ele para sempre?

Corando um pouco, Connor olhou para a porta fechada do quarto.

-Bem, não, não exatamente. - Ele suspirou de novo e afundou mais no seu casulo protetor. -Quero dizer, Greg é um grande cara, um bom amigo e um médico fantástico, mas... - Ele rolou a cabeça no travesseiro e olhou pela janela na direção que ele pensou ser a direção de Dena'ina. -Eu não estou apaixonado por Greg. E Greg não está apaixonado por mim. -Seus olhos lacrimejaram e a voz travou nas palavras. -Eu não percebi o quanto estava perdendo até viver estes últimos dias. - Ele olhou para Dark. -Com Adam. Eu realmente sinto falta dele. Não sei o que ele é, mas eu sinto falta dele.

A voz de Dark ficou mais forte e mais exigente.

-Você não sabe o que ele é?

O tom áspero fez Connor sentar-se reto.

-Eu sei o que vi, o que acho que vi. Só estou tendo dificuldade em acreditar. -Connor lançou um olhar de olhos arregalados, assustado para o homem que esperava. -Adam é mais do que apenas um homem. Ele é parte... Outra coisa... Parte animal.

A batida fraca pulsante dos tambores cerimoniais começou a bater na cabeça dele junto com a palpitante luz da dor de cabeça. Connor

distraidamente puxou as cobertas para mais perto e tentou sem sucesso empurrar o ritmo de sua mente.

-Você sabe que palavra usar, jovem. Diga-a.

Balançando a cabeça ligeiramente para se livrar do som dos tambores, Connor fez uma careta quando a suave ladainha nativa e agora familiar juntou-se à música. O ritmo primal ficou mais alto e as visões dos últimos dias correram pela sua mente. Lampejos dele fazendo amor com Adam foram se misturando às visões de uns olhos laranja de um lobo preto. Todos eles se fundindo e se misturando até que Adam e o lobo eram uma e a mesma coisa.

Connor engasgou e apertou os olhos fechados, lutando contra o ataque de lembranças, medo e emoção lutando pelo domínio em seu coração. Os calmantes tons suaves de uma flauta juntaram-se ao som ritmado dos tambores e os cânticos tornaram-se um sussurro, com luz e som.

Algo dentro dele se agitou para a vida e o medo se dissipou. Um desejo de estar com seu novo companheiro subiu à superfície e apagou tudo. Connor percebeu que estava apaixonado, apaixonado por uma criatura sobrenatural.

-Lobisomem. Adam é um lobisomem. - No momento em que disse a palavra em voz alta uma sensação de paz e aceitação desceu sobre ele, deixando-o sentir-se protegido e mais feliz do que nunca se sentira antes na vida. Ele olhou pela janela que o separava do mundo exterior e sonhou que a diferença entre ele e onde ele precisava estar desapareciam magicamente.

-Sim, ele é. – O tom de Dark estava tão severo e exigente quanto antes, mas agora carregava uma nota de orgulho e satisfação. -O que mais isso significa? Para você?

Fragmentos de conversas anteriores sobre mitos e lendas nativas ao longo dos últimos meses despencaram junto com as coisas que Adam tentara explicar à sua maneira, abreviada e enigmática. De repente, a verdade cristalizou-se nos pensamentos de Connor.

-Eu sou um lobisomem também. Ele fez de mim um lobisomem. - O pânico se estabeleceu e os sentimentos de proteção e segurança de Connor vacilaram. Ele se sentou na cama, deixando cair o cobertor e apalpou o rosto, buscando mudanças na aparência. Puxando para abrir a roupa, ele olhou para o peito, mas encontrou apenas o curativo da queimadura, que ele tirou freneticamente ao procurar abrigo.

-Adam fez amor comigo e me transformou em um *monstro*.

-Você acha que Adam é um monstro?

A voz de Dark ressoou profundamente, atirada para a escuridão e provocou um pico de medo através do coração de Connor, acalmando suas ações e interrompendo seus pensamentos frenéticos.

Adam era um monstro? Ele tinha resgatado Connor quando ele certamente teria morrido congelado no deserto sem ajuda. Então, ele cuidou dele, cuidando da sua saúde, segurou-o enquanto ele vomitava inúmeras vezes e limpou-o depois. Connor não conhecia muitos homens que teriam feito isso por ele. Não, Adam não era um monstro.

- Eu-eu... Há tanta coisa que vou ter que deixar para trás. Tudo pelo qual trabalhei minha vida inteira, família, amigos, prática médica, até minha casa.

-Você estava destinado a esse destino, Connor. – O tom de Dark era firme, cheio de sabedoria e convicção. -A lua te escolheu, assim como ela escolheu Adam. Ela escolhe todos os seus guardiões. Ser um *Skinwalker*, um lobisomem, é uma grande bênção dos *Spiritwalkers*.

-Então, eu devo dar minha vida inteira porque alguém do mundo espiritual decidiu dar-me a uma criatura mítica, um lobisomem? - A voz de Connor tremeu.

-A lua escolheu você, mas Adam o ama. Ele não teria acasalado com você se não o amasse. Nem mesmo o poder da lua poderia convencê-lo a levar uma vida com um companheiro se não o amasse. Você o ama? -

Exigindo uma resposta, a voz do homem mais velho subiu com autoridade e energia repentina e Connor sabia que tinha de responder.

-Sim, porra, eu o amo. Mais do que pensei que pudesse amar outra pessoa. – Seus olhos se encheram de lágrimas, mas Connor se recusou a deixá-las cair. -Só que ele não é uma pessoa normal, é?

-Não. Portanto, você deve perguntar a si mesmo, isso é motivo para desistir do amor eterno?

Adam o protegera, cuidou dele, mesmo cortejando-o em sua própria forma incomum com conversas, toques suaves, presentes e declarações de amor eterno e fidelidade. Adam tinha sido assertivo e firme em sua certeza absoluta que tinham sido feitos um para o outro. Ele foi o primeiro homem e só com ele Connor se sentiu confortável o suficiente para ter relações sexuais, um evento verdadeiramente inesperado na mente de Connor. Ele tinha mostrado a Connor tudo que sempre sonhara em encontrar em um parceiro de vida. Ele só tinha uma reserva.

-Eu não posso parar de ser médico.

-Um homem da medicina é sempre uma bênção para uma tribo, Connor. Adam vai ensinar o que você precisa saber para existir como ser humano e nos mundos espirituais. Ele conseguiu fazer isso por cem anos.

-Cem anos? Deus, eu sempre soube que iria me casar com um homem mais velho. - Connor sorriu timidamente e brincou: - Maldita coisa, que bom que ele manteve a aparência.

Dark suavemente bufou.

-Cem anos atuando como alfa em uma matilha de lobos e *Skimwalkers* mantém a forma. Você vai ver por si mesmo com o tempo.

Connor começou a pegar nervosamente nas bordas da cura que de forma estranha queimava sobre seu coração.

-Esta é uma decisão difícil de tomar. É o resto da minha vida. Não há como voltar atrás depois.

Dark martelou a realidade da situação mais uma vez.

-Você já foi escolhido, meu jovem. A decisão que resta a fazer é se você vai viver com ou sem seu companheiro. Mas não se engane, depois da noite de lua cheia de amanhã, você vai ser uma parte do mundo espiritual, um guardião abençoado da noite. Você atuará tal como os outros *Skinwalkers* nesta terra. Os grandes espíritos já concederam a benção sobre você. Não há como voltar agora.

A porta da enfermaria se abriu e Mitch deslizou silenciosamente para dentro. Ele se sentou na cadeira ao lado da porta, obviamente pensando em passar a noite de guarda contra os inesperados visitantes da noite. Mitch assentiu com a cabeça um cumprimento sem palavras para Connor.

Connor não retornou a saudação, mas pegou Mitch trocando um olhar afiado e um aceno de cabeça com Dark antes de se acomodar na cadeira e começou a folhear uma revista de caça.

Confuso e exausto, Connor abaixou a cama e escorregou sob as cobertas antes de apagar a pequena lâmpada com a sequência de tração.

No momento em que a luz se apagou, um uivo solitário e angustiado veio da direção das árvores grossas logo além da cidade.

Ele soube imediatamente que era Adam chamando por ele. Um caroço se formou na garganta de Connor e a dor no peito cresceu até que ele pensou que o coração fosse explodir.

Apesar de todos os pensamentos confusos e desordenados, o fato de saber que era profundamente amado por Adam era a única coisa que nunca mudara. Apesar de todos os medos e incertezas, aquele sentimento de amor profundo e duradouro nunca vacilara. Connor sabia, pouco importava o que Adam era, não importava como seria o futuro, ele precisava estar com seu companheiro.



Depois de ficar acordado vendo Mitch ler por horas, Connor sentiu-se estranhamente revigorado. No meio da noite, Greg tinha substituído o guia. O médico de cabelos escuros estava dormindo na cadeira, cabeça e queixo cinzelado descansando sobre o peito. O som do suave ronco estabeleceu um ritmo regular no quarto antes silencioso.

Connor sabia, por experiência própria, que Greg só roncava quando estava exausto e profundamente adormecido. Ele se aproveitou do momento para escorregar para fora da cama em silêncio. Caminhando cambaleante e a cabeça ainda doendo, ele procurou no armário algo para vestir e encontrou as botas e a roupa cerimonial de couro que Adam lhe dera. Ele vestiu a roupa simples e calçou as botas, ignorando a ausência de meias ou cuecas.

O som de uma gaveta deslizando ao ser aberta, seguido pelo pequeno chocalho de chaves o assustou. Connor virou-se para enfrentar a fonte do ruído e descobriu que precisava segurar o canto da porta do armário para manter o equilíbrio. Movendo-se com um cuidado exagerado, Connor caminhou até o leito de Dark e pegou o molho de chaves que o antigo guia atirou para ele.

-A chave bronze abre o barracão lá atrás. Pegue a velha máquina vermelha de neve do lado esquerdo. Ela já viu melhores dias, mas vai levar você onde precisa ir.

A voz de Dark não era mais que um sussurro, grosseiro e enferrujado, que Connor conhecera ao longo dos meses que passou na companhia do velho. Foi um tempo bem gasto aprendendo sobre as pessoas dali e sobre si

mesmo, bem como através dos olhos de um homem que ele reconhecia como um bom amigo e figura paterna.

-Obrigado. - Connor sussurrou de volta calorosamente. -Acho que eu não conseguiria fazer isso a pé. -Ele chegou mais perto, recuperando-se de um pequeno tropeço. -Ainda estou um pouco instável, ao que parece.

Ele sorriu para Dark e agarrou seu braço. Apertando-o, ele tentou deixar os olhos e o toque dizerem ao homem o quanto ele estava agradecido pela oferta e pelos meses de amizade.

-Obrigado por tudo, Dark. Tenho certeza que nem mesmo eu sei o quanto vou agradecer tudo o que você tem me dado desde que estou aqui. - Ele soltou o braço do homem e contornou a cama para ir em direção à porta e a figura dormindo na cadeira.

-Vou deixar que Adam me ensine mais sobre o que ele realmente é e venho dizer-lhe quando eu puder.

Dark piscou para ele e balançou a cabeça na porta.

-Aprenda bem e me deixe orgulhoso. Viaje leve e pegue o casaco velho que está pendurado no gancho dentro do galpão. Com a capa por cima, ninguém vai reconhecê-lo quando sair da cidade.

Chegando mais perto da porta e de Greg, Connor parou e inclinou a cabeça em direção ao seu ex-amante.

-Diga a Greg que eu sabia que ele ia entender.

Ele sorriu e acenou, depois saiu para o corredor, contente por não ser Mitch de guarda permanente. Mitch nunca parecia dormir quando estava de guarda, e Connor sabia que nunca teria conseguido vencer o experiente guia de olhar penetrante.

Usando a parede para se firmar, ele caminhou através do corredor mal iluminado até a fria sala de recepção, em seguida, passou pelas portas duplas e foi para a cozinha deserta do alojamento. Ele parou um pouco para descansar e felicitar-se pela fuga furtiva, e então voltou a subir as escadas de volta ao

próprio quarto. Ele pegou alguns pertences pessoais que eram especialmente importantes para ele e enfiou tudo em uma pequena mochila.

Um instantâneo dele sorridente abraçado a Greg olhou para Connor do criado mudo. Connor hesitou depois se sentou na cama e pegou um papel e uma caneta da mesa de cabeceira. Ele rabiscou uma nota rápida e deixou-a no meio da cama. Pegou o casaco no armário e, à sua maneira, desceu as escadas e foi para a cozinha do alojamento.

Respirando fundo, ele mordeu o lábio inferior, em seguida saiu pela porta traseira, penetrando na escuridão antes do amanhecer.

Connor demorou o dobro do tempo habitual para chegar ao local de Dark a apenas alguns quarteirões de distância. Ele teve que parar e descansar frequentemente, escondendo-se atrás de edifícios e olhando para os madrugadores. Ele não queria arriscar que outra equipe de resgate se formasse antes mesmo que ele deixasse a cidade.

Dentro do galpão encontrou a parka e a máquina de neve exatamente onde Dark disse que estariam. A parka era velha e com dois tamanhos maiores, mas ela cobria de sua cabeça aos joelhos e ele poderia manter seu próprio casaco, também.

A máquina de neve deu partida sem problema. Connor guiou-a para fora do galpão, parando apenas para fechar e trancar a porta atrás dele. Ele tomou o caminho mais curto para fora da cidade e até acenou para Joss quando este entrou no escritório do xerife. Joss acenou de volta.

Quando atingiu o cume que levava ao bosque onde Adam tinha passado a noite chamando por ele, deixou o motor em ponto morto e fez uma pausa. Em poucos segundos uma forma escura e flexível brilhou. Quando ele circulou ao redor e veio para junto dele para correr ao seu lado, a forma se distinguiu como um lobo enorme, preto.

Connor riu alegremente e com os dentes à mostra o lobo lhe respondeu, em seguida, a besta surgiu à frente, liderando o caminho de casa.

Capítulo 19

O calor de uma mão segurando seu ombro penetrou no cérebro exausto de Greg mais rápido do que o movimento agitado acordou seu corpo. Ele abriu os olhos e viu o rosto inexpressivo de Mitch. O guia se ajoelhou ao lado da cadeira onde ele tinha adormecido.

Greg olhou em volta da sala. Os olhos escuros de Dark estavam fechados e ele estava roncando baixinho, o braço coberto subindo e descendo a cada respiração superficial. A luz da manhã filtrada através das janelas intactas iluminou a cama vazia e amarrotada onde Connor estivera dormindo.

-Onde ele está? - Assustado, o estômago amarrado pelo medo, Greg saltou ao pôr-se de pé, procurando freneticamente ao redor da sala.

-Ele se foi. - Mitch levantou-se e bloqueou a porta. -Eu verifiquei o quarto dele. A mochila não está lá, bem como algumas roupas e coisas pessoais. Onde quer que ele tenha ido, foi de espontânea vontade e de bom grado.

Greg empurrou Mitch e correu para fora da sala.

-Você não sabe disso. Ele tem um ferimento na cabeça. Ele não está em condições de tomar decisões. Temos que ir atrás dele.

Ele correu com passos longos e determinados, mas foi ultrapassado pelo outro que foi mais rápido. Mitch parou no meio da sala de estar da pousada aconchegante.

-A decisão é o Dr. Jacy quem tem que tomar, Greg, não você.

-Eu sei, mas ele não está bem. - Greg tentou passar por Mitch, então hesitou, com um ligeiro franzir de testa. -Você acabou de me chamar de 'Greg'? Você nunca me chamou de 'Greg'. Nem uma única vez em três anos.

Mitch balançou a cabeça e começou a desabotoar a camisa.

-Agora, é apropriado que nos chamemos um ao outro pelos nomes próprios.

Ele avançou lentamente, forçando Greg a andar para trás, mais para dentro do quarto.

Lambendo os lábios, Greg viu as mãos de Mitch abrirem a camisa, revelando um peito duro como pedra e cintura cônica, coberta com ilibada pele escura avermelhada. Ele lutou para manter leve a gagueira da voz.

- Agora? Por que agora?

O olhar predatório nos olhos de Mitch tanto excitaram quanto deixaram Greg nervoso. Ele tropeçou de leve, batendo em uma mesa pequena. Ele apressou-se a pegar a caixa esculpida que caía. Quando a recolocou no lugar e olhou para cima, Mitch estava completamente despido diretamente na frente dele. Nu e duro, e como sempre, esperando.

Os olhos de Greg desceram e a ponta da língua escapou dos lábios entreabertos, impressionado com os atributos naturais do homem. O pênis de Mitch se destacava do corpo, ligeiramente curvo, grosso na base e longo. Era escuro, forrado com veias salientes, o prepúcio tenso sem cortar bem abraçado à grande cabeça. Sob a análise apreciativa de Greg, o eixo cresceu e engrossou ainda mais. Os olhos de Greg se arregalaram e ele mordeu a ponta da língua. Seu olhar ficou fascinado pelo pênis de Mitch enquanto falava.

-Entre você e o outro grandalhão, estou começando a ver por que os de longo, alto... - Greg inclinou a cabeça de um lado para outro, examinando Mitch da melhor maneira possível a certa distância. -Totens pesados é um símbolo de seu povo. - Ele foi surpreendido por mãos fortes no peito. -Hey! Você não quer falar sobre isso?

Mitch pegou Greg pela frente da camisa. Ele puxou-o para frente, os dedos ocupados desabotoando e puxando o tecido do corpo de Greg.

Greg tremeu nervosamente, mas não resistiu.

-Não é um pouco repentino isso? Quero dizer, realmente, você nunca mostrou o menor interesse por mim antes. Mitch?

-Repentino? Não. Esperei três anos, Greg.

Removendo com sucesso a camisa de Greg, Mitch começou a tirar as calças de brim e a cueca do médico. Ele os deixou pendurados em torno de joelhos de Greg em segundos.

-Três longos anos.

Com um bom empurrão, Mitch jogou Greg sobre o tapete de pele de urso em frente ao fogo, fixando o homem atordoado com o próprio corpo.

-Mas você nunca... Eu nunca... Eu não sabia...

Indiferente, Mitch silenciou os protestos de Greg, que ainda resmungava, com seus lábios.

O beijo foi profundo, forte e demorado. A coluna de Greg virou geleia, temporariamente retardando a tagarelice nervosa. Quando Mitch deixou-o vir à tona para respirar, ele estava sem fôlego, molhado e rígido. Ele queria mais. Sua boca estava completamente destruída e ele não conseguia deixar de pensar como aquela língua talentosa seria sobre o resto do seu corpo.

-Cristo, Mitch, por que você só usou a boca para falar em todos esses anos? - Ele arquejou entre as palavras para tentar desacelerar o ritmo cardíaco acelerado.

Movendo-se rapidamente, Mitch puxou para trás e empurrou as pernas de Greg para cima e ao redor da própria cintura, dobrando seus quadris.

Greg reconheceu o lubrificante na pele e seus olhos se abriram mais quando a mão de Mitch, quente e escorregadia se fechou sobre seu pênis. Duas pancadas mais tarde e Greg esqueceu todo o resto, arqueando-se contra o apertado e quente punho de Mitch.

-Estive esperando sua culpa passar e seu coração ficar livre. Agora eu reivindico o que sempre foi destinado a ser meu. -Com um forte impulso,

Mitch entrou em Greg, deslizando o eixo liso até a raiz, esfregando a próstata de Greg quando ele pulou para a frente.

Com o rosto contorcido em uma máscara mista de prazer e dor, Greg engasgou e ficou rígido quando uma explosão de incandescente paixão chiou por sua espinha e explodiu por trás dos olhos firmemente cerrados.

-Gostaria de salientar. - Greg balbuciou: - Eu geralmente fico por cima.
- Então, ele engasgou e rebolou os quadris, buscando mais estímulo descontroladamente eufórico, apesar da reivindicação.

-Então acho que você tem alguns ajustes a fazer. - Mitch rosnou e empurrou novamente, atingindo o cerne sensível em ambas as estocadas.

-Ah, bem, eu... Merda... Ok. Faça isso de novo.

Mitch sorriu com a resposta do médico.

Greg perdeu a capacidade de pensar porque o grande eixo de Mitch massageava sua próstata mais e mais, provocando uma série de pulsos elétricos através de seu corpo. Assim que o orgasmo começou a se construir no fundo de suas bolas e coluna vertebral, a ação de empurrar forte de repente parou.

Erguendo os olhos abertos, Greg viu Mitch imóvel sobre ele, a expressão suave, os olhos explorando o rosto de Greg, como se estivesse lendo seu desejo, avaliando suas reações. Aquela atitude dele era um contraste com o exigente arrebatamento físico. Aquilo enervou Greg e o pegou de surpresa.

-O que foi? O que há de errado? – O corpo de Greg doía, estava à beira da explosão e imóvel pela força física do amante e uma mão acariciando apertado seu ansioso pênis.

Mitch forçou Greg a olhar nos olhos dele.

-Não há nada de errado. Só quero ter certeza que seu consentimento foi dado livremente, antes de continuar.

-O quê!? Você precisa de consentimento agora? - Greg se contorcia, balançando os quadris e apertando os músculos da bunda para convencer Mitch a recomeçar a se mover novamente. Quando não funcionou, ele suspirou e olhou o homem calmamente, esperando.

-Ok, ok. Concordo! - Fez um grande esforço contra o corpo de Mitch que estava coberto de suor e subiu o corpo, para lambe a umidade salgada do pescoço, rosnando no ouvido do Mitch. -Mexe já! Você não quer me ver mal, então me pegue!

Ele caiu para trás sobre o tapete de pele de urso, seu corpo vibrando sob o implacável ritmo das estocadas de Mitch batendo contra ele. O orgasmo voltou correndo para cima, acendendo uma tempestade de luzes brilhantes e muita pressão na cabeça.

Assim que a poderosa onda que varria seu corpo começou a desvanecer-se, Greg sentiu uma estranha pressão crescente na abertura da bunda. Ele ainda estava empalado no eixo de Mitch, que ainda estava duro como pedra, apesar do fato de ter sentido o jato de esperma quente do homem banhar suas paredes internas durante o próprio clímax. Greg ficou surpreso e satisfeito.

-Três anos e eu nunca soube que você me queria.

Ele olhou para o rosto áspero de Mitch, em seguida baixou os olhos para admirar os músculos salientes dos ombros e braços. Ele correu as mãos sobre as curvas de Mitch antes de deixar cair uma mão para fazer o próprio pênis reviver.

-Eu devia ter consentido antes. Jesus!

-Acho que vou ter de fazê-lo se lembrar dessas palavras mais tarde. - Mitch não deu a Greg tempo para interrogá-lo antes de começar a empurrar novamente, puxando-o mais para perto para sussurrar em seu ouvido. -Você também vai ter que aprender a dizer meu nome corretamente a partir de agora.

Greg gemeu, contrariando-se nas investidas, grunhindo um tenso e confuso:

-Não é 'Mitch'?

Alterando o ângulo da penetração, Mitch abrandou as estocadas, provocando a cabeça do pênis para trás e para frente sobre a próstata sensível de Greg novamente e novamente até que Greg ficou literalmente vibrando pelo prazer prolongado. Mitch levou os lábios perto dele, então sussurrou em sua boca ofegante.

-Você pronuncia errado.

-Posso corrigir? - Greg agarrou os tensos braços de Mitch e enfiou os dedos nos músculos rígidos. -Como...? - Ele suspirou e ofegou. -Como devo pronunciar. - Ele resmungou a última frase entre os dentes como se estivesse à beira de um clímax que rugia.

-Me AHT-Chae. Pronuncia-se Me-AHT-Chae.

-Ok, eu-eu entendi. Me-AHT-Chae. - Greg corcoveava e mexia no ritmo das palavras suaves de Mitch. -Mais movimento e menos quadril aqui, por favor, Meachee.

Grunhindo uma risada divertida, Mitch aumentou o ritmo e bateu brutalmente contra seu novo amante. Ele forçou Greg até a beira do prazer em um clímax cegante que tomou conta dele, e Mitch gemeu forte com os espasmos apertados da bunda de Greg. A sensação de ondulação nos anéis de músculos escondidos no corpo de Greg ordenhava o eixo de Mitch, espremendo o clímax dele e fazendo com que a base de seu pênis inchasse e endurecesse ainda mais até que ficaram completamente travados juntos.

A pressão crescente no ânus fez Greg grunhir em voz alta com a mistura de dor e prazer queimando sua bunda. Exausto e drenado, ele se forçou a abrir os olhos, sabendo que estava saciado, e a expressão fodido demonstrada em seu rosto.

Acima dele, Mitch olhou com uma expressão terna de diversão tolerante nos lábios. A expressão de Greg estava meio irritada, mas alguma coisa no rosto de Mitch chamou sua atenção para longe de seu orgulho ferido. A língua parecia espessa, dificultando a formar as palavras e a mente ainda estava descansando em uma névoa pós-coito, mas Greg tinha que perguntar.

-Eu sei que não estava prestando muita atenção em você até agora, mas seus olhos não foram sempre da cor amarela.

Era uma afirmação. Greg tinha certeza absoluta de que esta era uma nova etapa. O ego superou o toque de medo ao entender e ele presunçosamente perguntou:

-Acabei de provocar isso em você?

Um rosnado baixo e um beijo profundo e devastador foi a única resposta de Mitch. Greg teve a sensação de que seria uma noite muito longa e agitada.

Capítulo 20

A viagem para a cabana deixou Connor alegre. O ar fresco e frio disparou seus sentidos. O céu da madrugada estava claro e brilhante, com estrelas cintilantes e uma sombra da lua cheia devido ao pico naquela noite. Até os geralmente agudos ventos cortantes tinham se apaziguado a um bater suave em suas costas, como se pedisse licença ao longo da jornada.

Alternando entre a corrida ao seu lado e liderando o caminho, Adam, em forma de lobo, tinha uivado e ganido a maior parte da viagem. Ocasionalmente ele chegava perto o suficiente para uma brincadeira de beliscar o pé de Connor ou dar um puxão na manga.

Sentindo-se estranhamente livre, o humor de Connor melhorou e a sensação de bem-estar disparou. A dor de cabeça não desaparecera, mas o latejar nas têmporas havia diminuído e o constante enjoo no estômago sumira. Sua vida estava mudando para sempre, indo por um caminho que nunca tinha previsto ou escolhido por conta própria, mas ele aceitou seu destino e até mesmo olhou para frente enquanto Adam estava ao seu lado.

Pouco tempo depois e com habilidade, chegaram à cabana resistente. O vale era bem escondido e cercado por terreno áspero e perigoso. Completamente isolada, a área era o lugar perfeito para a tribo de Adam. Os forasteiros não se arriscariam até ali sem razão.

Estacionando a máquina de neve no lado protegido da cabana, Connor caminhou para o calor da cabana, sentindo que agora estava finalmente em casa.

Ainda na forma de lobo, Adam seguiu-o de perto, mas quando ele entrou pela porta, a cintura de Connor foi envolta por um par de musculosos

braços humanos e nus. A porta se fechou atrás deles com um estrondo e uma boca, quente e úmida, desceu sobre um pedaço de pele exposta no pescoço.

- Deus, Adam! É tão bom ter você perto de mim. - Connor relaxou com o abraço do homem e deixou-o fazer o que quisesse com ele, perdido nas sensações de formigamento, enquanto Adam explorava com a boca o pescoço e o ouvido de Connor.

A voz áspera, mas terna de Adam sussurrou no ouvido molhado de Connor, deixando os lábios pincelarem contra a concha sensível externa enquanto falava.

-Você não vai me deixar de novo nunca mais, Adada. Eu não sou inteiro sem você do meu lado.

Os braços de Adam se moveram rápidos como o relâmpago e as mãos começaram a despír a camada externa da roupa de Connor. Quando o deixou apenas com as calças de cadarços e as botas, Adam acariciou e afagou o peito de Connor. Ele explorou a queimadura no peito liso com um toque delicado e carinhoso. Ele traçou o contorno com um dedo, em seguida puxou Connor para encará-lo. Adam choveu beijos suaves pescoço abaixo do amante, à direita e através da queimadura sobre o coração de Connor. Meio agachado, ele lambeu as feridas levemente uma e outra vez, revestindo-os com saliva.

A temperatura na sala subiu que nem foguete. Connor oscilou ligeiramente e percebeu um brilho de suor. De olho no fogo forte da lareira, riu sem fôlego, correndo os dedos de uma mão sem descanso através dos longos cabelos de Adam.

-Vejo que você manteve o fogo aceso. Você sabia que eu viria?

Sem fazer pausa, Adam murmurou:

-Os ventos me disseram. Queria que você ficasse confortável com ele. - Ele desamarrou os laços das calças de Connor e as deixou cair no chão em torno dos seus tornozelos. Suas mãos deslizaram até embaixo para amassar os músculos firmes da bunda de Connor.

A textura áspera da língua de Adam contra a carne ferida de Connor fê-lo assobiar e se contorcer, mas após os primeiros golpes a sensação tornou-se agradável, sedutora mesmo. Ele segurou os grossos braços de Adam procurando apoio. Estranhamente animado com o carinho daquele ato decididamente canino, Connor deixou cair a cabeça para observá-lo.

Cada golpe gentil da língua de Adam, larga e plana sobre as cicatrizes de formação recente deixaram um rastro brilhante e molhado atrás. O olhar de Connor acompanhou tudo. O toque áspero e sons úmidos fizeram seu pênis ansioso se mexer. Ele encheu e ficou pesado, projetando-se para espetar a virilha de Adam.

No instante em que seu pênis tocou a carne aquecida de Adam, uma corrida de reprimidos desejos alagou Connor. Ele puxou Adam para um beijo. Ele hesitou, surpreso ao encontrar o anel de prata ainda amarrado ao pescoço e preso entre os lábios de Adam.

O coração de Connor inchou e um arrepio percorreu sua espinha quando o grande homem o puxou para mais perto e tirou a banda da boca para beijá-la docemente antes de permitir que balançasse ao pendurar no peito dele. Adam acariciou e acalmou o comprimento do pênis e as nádegas de Connor.

-O que foi isso? – A voz de Connor tremeu e os olhos ficaram úmidos adorando por seu amante tratar tão bem tanto a banda quanto seu corpo.

Sorrindo, Adam murmurou ao seu ouvido.

-Estamos unidos no caminho Dena'ina, mas ainda temos que selar nossa união com um beijo, segundo a tradição do homem branco. Pensei em começar com o símbolo do nosso amor, caso você esteja se sentindo tímido. - O tom soou mais para divertido do que uma declaração virtuosa para Connor.

- Acho que é como a nossa noite de núpcias.

Com um movimento frenético, Connor puxou a boca de Adam e selou seus lábios com um beijo tão quente, exploratório e exigente que deixou ambos ofegantes, sem ar.

Mas, de repente Connor empurrou Adam para trás.

-Espere! Espere um minuto!

Afastou-se e ficou ofegante no meio da sala. Apressadamente pegou suas calças que estavam em torno de seus tornozelos e cobriu sua ereção com esforço, segurando firmemente no lugar. Uma mão estendida na frente do corpo, ele silenciosamente impediu que Adam se aproximasse dele.

-Primeiro, precisamos conversar sobre algumas coisas. - Connor olhou para o fogo e baixou a voz, nervoso pelo tremor de suas palavras. -Pensei muito ao longo dos últimos dois dias. Dark... Você sabe que ele ainda está vivo, certo?

Ele deu um breve olhar para Adam, depois olhou de volta para o fogo, com medo que só o fato de olhar para o homem corresse a vontade de dizer às coisas que achava necessária serem ditas, antes que aprofundassem a relação ainda mais.

Com um breve aceno de Adam, Connor deixou cair a mão levantada entre eles e relaxou um pouco. Ele agarrou o cós da calça firmemente com ambas as mãos, torcendo a pele entre os dedos até que os nós dos dedos ficaram brancos.

-Dark me contou um pouco mais sobre as coisas. Disse-me que minha vida mudou para sempre, quisesse eu ou não. Disseram-me que tudo isso era uma coisa boa, uma benção, um presente.

Ele engoliu em seco e forçou-se a procurar Adam com os olhos.

-Avisou-me, na verdade. Sobre você. - Ele engoliu o caroço que se formava na garganta e ficou ereto, como se crescesse para atender um novo desafio. -E sobre mim.

Observando Adam de perto, Connor deixou o olhar se demorar sobre cada centímetro quadrado daquele corpo nu, daquele homem de cor de canela, admirando cada músculo definido e as musculosas curvas do corpo grande e pesado. Ele não conseguia deixar de admirar Adam e responder-lhe sexualmente, mas desta vez ele olhava para a impressionante constituição de Adam com olho clínico. Ele observou que os grupos musculares haviam se desenvolvido em resposta a cem anos de funcionamento sobre quatro patas, como a proporção de músculo quase não tinha gordura, que as pernas de Adam eram cônicas e quão fortes eram as mãos. A quantidade de energia era um tanto assustadora, mas sensual, também.

Lentamente Connor levantou os olhos para o rosto de Adam e sorveu as feições nítidas, traçando as salientes maçãs do rosto e os lábios carnudos com o olhar. Ele lambeu os lábios nervosamente e respirou fundo para forçar as palavras que relutava para dizer em voz alta, com medo de que lhes desse algum tipo de poder sobre ele.

-Você é lobisomem. E eu vou ser lobisomem também, não é? – A voz de Connor levantou-se e as palavras se derramaram mais e mais rápido. -Você fez de mim lobisomem quando fizemos amor naquela noite. Quando fizemos amor e você não me matou depois. Você fez isso comigo.

Adam não se encolheu, mas seu rosto se suavizou e ele tentou dar um passo, como se para confortar Connor.

-Eu sou o que sou, um *Skinwalker* Dena'ina. - Ele tocou-lhe o peito com uma enorme mão. -Eu nunca iria prejudicá-lo, Connor. Somos filhos da lua, não assassinos estúpidos que matam por prazer ou necessidade sexual. *Skinwalkers* protegem a Terra à noite. Somos responsáveis e protetores. Ajudamos a manter a natureza em equilíbrio. É por isso que esperei cem anos por um companheiro. Esperei por você, Connor, só por você. Você é minha alma. Você é meu equilíbrio.

Um arrepio rasgou através de Connor. Sentiu o rubor do rosto e seu pênis endureceu a meio-mastro novamente. Sua respiração vacilou, trancada no peito.

-Como você sabia que eu viria?

-Muitos me falaram sobre você. A lua escolheu você. O mundo espiritual o trouxe aqui. Os ventos guiaram-me até você e os *Spiritwalkers* juntaram nossas almas. - Adam estendeu a mão e acariciou a face de Connor lentamente, diminuindo a distância entre eles, enquanto falava. -Muitos outros tiveram uma mão na formação do nosso verdadeiro caminho, mas não se engane, Adada, é você que eu amo.

-Eu... Eu... - Não era possível dizer o que estava em seu coração, como as visões de Adam mudando de homem para lobo, para lobisomem, continuaram a passar por sua mente e Connor gaguejou e ofegou, a testa enrugada.

Arrastando a mão pelo rosto de Connor, Adam ficou na frente dele. Ele agachou-se e tirou as botas e as meias de Connor, em seguida, puxou as calças soltas suavemente das garras do homem branco arqueado. Ele ajudou Connor a sair da última peça de roupa e, em seguida, chutou tudo para um lado.

Erguendo-se, Adam passou os braços em volta da cintura fina de Connor. Com os olhos calmos fixos nele, Adam ergueu o companheiro até que os pés dele ficaram acima do chão. Em três graciosos passos rápidos ele chegou até a cama. Sem o soltar, Adam caiu no colchão, fixando o outro. Com as mãos colocadas de cada lado do companheiro preso, Adam apoiou a maior parte do próprio peso sobre os braços.

-Diga-me. - Adam se aninhou no colo de Connor, esbanjando longas voltas rápidas de língua sobre a pele macia e sensível do ombro de Connor até a orelha. Ele puxou a orelha pequena e umedeceu a concha exterior com os

lábios, respirando quente contra ela, repetindo o pedido, até que Connor gemeu e arqueou-se para um abraço insistente.

-Diga-me.

-Eu o amo. Eu amo você. - Connor contraiu os quadris e torceu, esfregando o pênis com força contra a virilha quente de Adam. -Não faz qualquer sentido, mas eu o amo! - Seu eixo deslizou ao lado e ao longo da haste grossa de Adam, o movimento ajudado pelo suor e um toque suave e acetinado da carne esticada e tensa.

O pênis de Adam estava pesado e grosso, o prepúcio denso, com múltiplas dobras de pele abaixo do comprimento para terminar em uma moita de cachos, com cerdas de pelos. A sensação de esfregar seu pênis, suave e circuncidado era elétrica, enviando raios de emoção na base da coluna de Connor. De lá, o zumbido viajou para cima e ramificou-se, chiando sobre cada célula nervosa e fibra de seu corpo.

Sentindo tontura e falta de ar, ele lutou contra a retenção de Adam. Ele não queria sair dali. Ele queria rastejar dentro do grande homem e enterrar-se profundamente dentro da alma de Adam e nunca mais sair de novo. Qualquer coisa menos não seria o suficiente para ele de agora em diante. Ele queria tudo, a vida com tudo o que Adam tinha para oferecer, as bênçãos bizarras do mundo dos espíritos e tudo mais.

-Mais. Eu quero mais de você, Adam. Dê-me tudo, agora. - Connor abaixou a cabeça e mordeu Adam no pescoço, fincando a carne com os dentes e provocando sobre a pequena ferida com espetados golpes da língua molhada.

A mordida puxou um rosnado de Adam e Connor foi recompensado com um frenesi de atividade urgente. Adam agarrou as pernas de Connor e jogou-as sobre os ombros, pressionando seus pênis que vazavam juntos.

Descansando uma boa parte do peso na curva da virilha de Connor e nos próprios antebraços, Adam rangeu os quadris para baixo em forma

circular. Com os dedos firmemente enrolados no cabelo loiro de Connor, seus lábios e língua exploraram seu rosto e o pescoço, beijando e lambendo sem parar em uma faminta exibição de afeto. Ele deu algumas mordidas afiadas ao longo do caminho, cada uma delas puxando um gemido ofegante de seu amante.

Um líquido claro vazou da ponta do pênis grande de Adam e ele usou a substância viscosa para lubrificar seu eixo, esfregando a cabeça sobre a pele de Connor e na virilha. Ele marcou Connor com seu cheiro, o acetinado afago de carne sobre carne estimulando a produção de mais fluido do próprio eixo.

O prepúcio do pênis de Adam deslizou para trás e para frente ao longo do comprimento de Connor, massageando contra o eixo e, ocasionalmente, pegando na ponta da cabeça, provocando o sensível pênis.

Connor sentiu como se seu corpo e mente estivesse em sobrecarga. Seu pescoço foi mordido, as pálpebras beijadas, as orelhas sugadas e a boca fartamente explorada, enquanto as protuberâncias esticadas dos mamilos eram mexidos e beliscados. O cheiro persistente de *iqemiké* pairava no ar, fazendo cócegas no nariz e o calor do fogo ardente deixou sua pele quente e vermelha. A mancha do deslizamento de pênis contra pênis era um tormento delicioso para completar a devastação selvagem de seus sentidos.

Apenas quando Connor sentiu o clímax se construindo, Adam mudou e ergueu o corpo, levando os quadris de Connor com ele. Quando chegaram à cama de novo, Connor estava completamente empalado no eixo de Adam.

-Cristo, Adam! - Connor gritou como a sensação inesperada de penetração total que lhe bateu com força. -Porra!

Adam respondeu como se a exclamação fosse um pedido por parte do amante.

-Sim, Adada. - Ele contraiu os quadris para frente, forçando um som abafado de prazer em Connor que tinha os dentes cerrados.

O pênis de Adam deslizou suavemente para dentro sobre os fluidos, escorregadio contra o revestimento acetinado e úmido do canal ansioso de Connor. O ânus de Connor teve espasmo e se apertou, sentindo-se esticado e mais cheio do que ele se lembrava da última vez que tinha feito isso.

Os músculos do ânus queimaram novamente quando Adam empurrou mais fundo. O prepúcio grosso agrupado na base do eixo robusto para esfregar sedutoramente no anel exposto do músculo sensível guardando a violação de abertura de seu corpo. Os pelos pubianos de Adam sobre a carne macia da bunda de Connor acrescentou um formigamento agudo com leve ardor ao ato.

Connor tomou conhecimento de uma lenta acumulação de pressão dentro da bunda. A espessa expansão na base do pênis de Adam fazia com que cada impulso fosse mais delicioso que o anterior. Sua abertura foi forçada mais e mais até que se recusou a expandir mais e o pênis de Adam ficou trancado dentro de Connor.

Aparentemente sem se intimidar com a mudança na capacidade de retirar, Adam continuou a bater em Connor, acariciando cada vez mais fundo nele.

Connor podia sentir a ponta do eixo enterrada em seu abdômen. A base inchada do pênis de Adam esfregava a próstata de Connor incessantemente em um ritmo rápido de fogo que provocou rajadas brilhantes de prazer para explodir ao longo de seus nervos.

Tirando as pernas da cintura de Adam, Connor forçou a mão entre seus corpos cobertos de suor, pegou o seu pênis e acariciou a cabeça vazando. Ele sentiu o brilho quente se espalhando e liberando rapidamente por todo o corpo pela necessidade de libertação que começava a atingir o pico. Connor movimentou a mão e começou a acariciar o próprio eixo.

Acompanhando o ritmo exigente dos impulsos no canal de Connor, sem dificuldade Adam continuou a assolar o resto do corpo de Connor com

as mãos e os lábios. Ele se aninhou no pescoço de Connor, chupou seu queixo e devorou-lhe a boca madura, ofegante pela própria plenitude dos lábios molhados.

Connor não sabia a qual sensação em seu corpo prestava atenção primeiro. Uma pitada súbita e firme em um mamilo ereto e quente disparou para frente sua consciência, e seu orgasmo disparou de algum lugar profundo na virilha. Ele sentiu em cada nervo em sua carne, até que finalmente explodiu em sua cabeça.

-Merda! Augh, ah, ah! Ah! - Connor corcoveou e gritou, a pele quente em febre e revestida de suor. As palavras em sua cabeça explodiram como raspar letras magnéticas em um jogo de criança, deixando-o com os pensamentos fragmentados e visões distorcidas caindo em torno do cérebro.

Várias estocadas rápidas e profundas sacudiam Connor sobre a cama, em seguida Adam se acalmou e arqueou para trás. Uma quente sensação penetrava queimando na sua bunda.

Através das pálpebras meio fechadas, Connor ofegou e revolveu-se na chama de prazer do próprio orgasmo, enquanto via o rosto de Adam se contorcer em uma careta apertada de dor mesclada com prazer. Connor olhou para o arco do corpo rígido de Adam, os músculos salientes encharcados de suor, a carne perfeita e os belos ossos altos, atordoado pela beleza e graça animalesca do homem.

Ainda perdido em uma nuvem nebulosa de pós-coito, mudo e com uma grande sensação de euforia, Connor usou as mãos para adorar o imponente homem por cima dele, deslizando-as para cima e sobre o peito e pescoço de Adam várias vezes.

Lentamente Adam relaxou e diminuiu o peso do corpo sobre Connor, retirando seu encolhido pênis lentamente até que saiu do canal trêmulo. Os braços e as pernas de Connor caíram sobre a cama em uma pilha esgotada.

Temendo ter feito amor de forma extenuante, Adam avidamente beijou Connor. Rompendo o beijo, após vários minutos, molhados e satisfeitos, ele passou os braços em torno do corpo maleável e saciado de Connor. Sentando-se contra a cabeceira da cama, ele o puxou para o colo, aninhando-o com força contra seu peito.

Fraco e saciado, Connor permitiu que Adam suavemente o abraçasse, à deriva, contentamento e felicidade percorrendo seu corpo a cada batida rápida do coração. Sentiu-se letárgico e drenado, como se todas as suas necessidades físicas estivessem completamente reunidas em um único momento do tempo. Seu corpo quase sem resposta, a mente de Connor estava correndo, revigorada pela emoção e prazer do acoplamento com esse homem cru e poderoso.

Ele inclinou a cabeça e deixou-a cair sobre o largo peito de Adam, apoiando os ombros, deleitando-se com a sensação das mãos quentes de Adam enquanto massageava seus braços e peito.

Aninhado entre as coxas do grande homem, Connor balançou a bunda e se apertou mais confortavelmente contra o pênis ainda ereto do amante. Espantado com o poder de manter a ereção do homem, ele se agradou, sua vida amorosa não diminuiria desde a última noite que passaram juntos. Sua cabeça ainda doía e as viagens e a tensão do dia deixaram-no drenado.

Relaxando totalmente contra o quente e abrangente corpo de Adam, sentiu as pálpebras começarem a se agitar e fechar. Ele vagamente sentiu o couro sendo tirado de seu pescoço. Um ligeiro puxão no cabelo fez seus olhos se abrirem. Ele virou a cabeça para olhar Adam, mas um grunhido baixo e a mão pesada sobre a cabeça parou seu movimento.

-O que você está fazendo? - A sensação estranha puxando continuou, enquanto as mãos de Adam trabalhavam trançando o cabelo de Connor.

Um sussurro quente, rico e profundo, explodiu sedutoramente no ouvido de Connor quando Adam disse:

-Finalizando o último ritual da cerimônia da nossa união. - Uma mordida rápida e brincalhona pousou em seu pescoço. -Afirmo novamente, para todo o mundo ver.

A mordida foi aliviada depois de um bom tempo, provocando lambidas da língua de Adam, então, a marca recebeu dele um beijo suave. Adam arrastou uma linha de refrigerantes beijos leves na garganta e no ombro de Connor.

-Isso faz cócegas! – O toque de Adam provocou arrepios em sua pele. Ele tentou contorcer-se e sair, mas Adam segurou-o rápido e continuaram os beijos suaves até que Connor riu e se esforçou mais. -Vamos lá, você é um peludo Sasquatch!

Imperturbável, Adam deslizou os dois para baixo em cima da cama, aninhando-o em seu peito, por trás. Ele jogou uma perna sobre o corpo de Connor e embalou a cabeça ferida no braço, envolvendo o outro braço em volta da cintura de Connor.

Quando estavam confortavelmente acomodados sob a colcha, Adam cheirou a carne macia atrás da orelha de Connor.

-Nunca mais vou te soltar. - Adam sugou o lóbulo da orelha de Connor e arranhou-o com os dentes. O coração de Connor pulou uma batida pelas palavras francamente preocupadas que Adam lançara em seu ouvido e acrescentou: -Nunca vou libertá-lo do meu coração, Adada. Nunca pergunte a ele por mim.

Os batimentos cardíacos de Connor saltaram em um ritmo regular e desaceleraram para uma taxa normal. O medo momentâneo enfraqueceu. Connor estava emocionado com a intensidade de sentimentos nas palavras que Adam havia deixado em seu coração.

- Eu não vou embora, nunca. Prometo a você. - Connor levou a mão para tirar o cabelo do rosto. Seus dedos pegaram a banda de prata recém-trançada no seu cabelo. Instantaneamente rolou a banda na mão e tentou

sentir as esculturas. O metal era pesado e gostoso ao toque, uma declaração ousada de compromisso para que todos pudessem ver. Connor sabia que era igual à faixa no cabelo de Adam, que captava a luz do fogo com pouco movimento e brilhavam a cada volta e inclinação da cabeça.

Ninguém teria qualquer dúvida a quem ele pertencia. Os outros nativos que Connor tinha visto na cerimônia tinham contas ou plumas e laços no cabelo. Nenhum deles tinha bandas de prata, apenas o líder alfa da matilha e seu companheiro os usavam.

Connor sentiu uma onda de orgulho se propagando em seu peito. Ele estava acasalado com o macho alfa.

Ele pertencia ao líder da matilha. Ele se perguntou brevemente de onde vinha aquele sentimento intenso e imediato de posse antes de descartá-lo de seus pensamentos, privado de sono.

Aconchegando-se debaixo da colcha, embalado pelo calor do corpo quente como um forno de Adam e o pulso calmante do coração do homem batendo tranquilizador contra as costas dele, fechou os olhos e desvaneceu para dormir, finalmente seguro nos braços do homem que amava.



A lua ia alta no céu quando Connor acordou. Alguma coisa estava incomodando-o, puxando-o de um sono profundo e satisfeito. Ele rolou de costas e piscou o sono dos olhos, percebendo mudanças na pequena sala.

A cabana estava inundada pelo brilhante luar, faixas brancas de cor fantasmagórica em fluxo vindas da janela solitária. O fogo ardia e crepitava com toras frescas amontoadas no centro. O leve cheiro de *iqemik* pairava no ar, juntamente com outros aromas que Connor não conseguiu identificar. Se

ele se concentrasse conseguiria ouvir os ventos sussurrando através das árvores que cercavam a cabana, um som baixo e fino, como se a natureza estivesse suspirando.

Sentando-se, Connor procurou por algum sinal de Adam, ligeiramente perturbado por acordar sozinho. O breu do vento mudou e as macias e suaves melodias de flautas tocaram os limites mais distantes de seus ouvidos. Um mal-estar rastejante fez sua pele começar a engatinhar quando o calor suave encheu sua mente. Ele soube imediatamente que Adam estava por perto e que vinha até ele.

A porta da cabana se abriu e Adam encheu o limiar, um prato de comida e um jarro nas mãos. Ele rapidamente descartou a capa que usava e pendurou-a na porta, antes de caminhar nu para perto de Connor. Sentando na beira da cama, Adam colocou a tigela cheia de carnes cozidas e biscoitos entre eles. Ele sorriu para Connor e estendeu a mão para espalhar seu cabelo e espantar o sono.

- Um presente das mulheres da tribo. Elas disseram que você vai precisar de sua força esta noite. - Adam ofereceu um pedaço de carne para Connor e, em seguida, pegou um para si e mastigou.

Connor estendeu a mão e puxou a mão de Adam até a boca, sugando sedutoramente os óleos de cozinha e os sucos da carne dos dedos reluzentes.

-Elas podem estar certas. - Connor deixou um sorriso malicioso puxar os lábios em um sugestivo e desafiador sorriso. -Mas é melhor você comer, também, grandão. Pode ser uma longa caminhada até mesmo para você. - Ele comeu avidamente outro pedaço de carne da tigela e tomou um gole de água do jarro, lambendo sugestivamente os próprios dedos para limpá-los.

-Estou interessado em saber se você pode me desgastar, Adada. - Adam se inclinou para frente e deu um beijo molhado e prolongado em Connor que devolveu o beijo com um entusiasmo tão crescente que Adam interrompeu quando se afastou um pouco. -Lembre-se, Connor, você vai se transformar

pela primeira vez esta noite. - Adam deixou uma mão em concha em torno da volta do pescoço de Connor, penteando com os dedos confortavelmente através dos fios mais longos do cabelo macio e amarelo, habilmente evitando as feridas no couro cabeludo. -Estarei ao seu lado na hora e toda vez que isso acontecer. Pode ser doloroso e chocante, mas não tenha medo. Você estará protegido em meus braços e na minha alma. Nenhum mal acontecerá a você.

- Confio em você, Adam. Caso contrário, eu não estaria aqui. Eu amo você. E sei que você vai cuidar de mim. - Connor retornou o favor e alimentou Adam com um bocado, permitindo que os dedos passassem pelos lábios cheios de Adam enquanto ele sugava o petisco de sua mão.

-E eu amo você. Agora e para sempre, Adada. Esperei muito tempo por você para não valorizar e proteger cada respiração que você toma.

Adam colocou outro pedaço pequeno de comida na boca de Connor. Quando mastigou e engoliu, ele puxou-o para perto e beijou-o profundamente, explorando cada milímetro dos lábios, dentes e palato mole. Connor gemeu e aproximou-se, levantando as mãos para amassar os ombros suavemente acetinados de Adam.

Sem interromper o beijo, Adam puxou Connor para a borda do colchão. Ele escorregou para fora da cama para ajoelhar no chão entre os joelhos de Connor. Suas mãos o acariciaram levemente e acalmaram ainda mais o corpo quente do sono, provocando e despertando todos os nervos hipersensíveis do jovem homem.

Connor se arqueou para a carícia, devorando avidamente a boca de Adam, o duelo das línguas explorando com abandono total. A paixão crescia mais e mais a cada toque das calejadas mãos de Adam.

Connor interrompeu o beijo para respirar e gemer, ansioso por mais do que apenas tocar.

-Deus, Adam! Eu preciso de você, quero você em mim, em mim, enterrado em mim. Agora.

Adam refrescou a pele febril de Connor e choveu uma trilha constante de beijos sobre o rosto e o pescoço.

-Logo, Adada, em breve. A lua está quase no ápice. O momento certo chegará em breve.

Ele continuou a beijar o caminho para baixo do corpo de Connor, prestando atenção às tensas protuberâncias rosadas em seu peito. Adam sugou um depois o outro, puxando com os dentes e mordendo levemente.

Connor assobiou e gemeu, seu pênis enchendo e ingurgitando por completo. Ele arqueou contra Adam, pressionando a cabeça do homem mais firmemente contra seu peito com as duas mãos. Apenas quando Connor achava que seus mamilos estavam suficientemente quentes que derreteriam fora de seu corpo, Adam interrompeu para lambe a trilha fina de cabelos dourados que ia do umbigo até a virilha.

Sem aviso, Adam empurrou as coxas de Connor para os lados, inclinou-se sobre o pênis inchado e engoliu-o até a raiz. Ele não perdeu tempo nas preliminares nem retardou na preparação. Ele chupou forte e subiu e desceu no eixo em um movimento de rápida e profunda sucção, uma mão massageando o saco de Connor.

Colocando a mão enorme no peito de Connor, Adam empurrou-o para baixo na cama, deixando seu pequeno ânus à vista. Usando um dedo Adam esfregou e pressionou na abertura do corpo de Connor, provocando o apertado anel de músculos, mas sem enfiar o dedo.

A estimulação em seu furo, juntamente com a sucção implacavelmente deliciosa e puxando suas bolas levou Connor ao cume, e ele estremeceu com o primeiro clímax da noite.

-Ugh, Deus, que merda! Adddddam!

Agarrando Connor pelos quadris, Adam virou-o e arrastou-o parcialmente para fora da cama. As pernas de Connor foram esticadas,

ajoelhando-se sobre as coxas maciças de Adam. Sua bunda estava no ar, à beira do colchão na frente do rosto de Adam.

Ainda em uma névoa pós-coito de bem-aventurança, Connor esfregou o rosto contra o tecido aquecido da colcha embaixo dele e concentrou-se nas sensações ricocheteando através de seu corpo. O clímax foi forte e rápido, e seu cérebro ainda não tinha pegado as respostas de seu corpo. Ao fundo, o som das flautas ficou mais alto e macio dos tum-tum de tambores juntou-se a elas.

Olhando por cima do ombro para os cantos da sala, Connor observou as sombras afastarem-se das paredes mais uma vez, tomando a forma de guerreiros nativos. Eles estavam envoltos em uma variedade de peles de animais e cocares, caras pintadas com faixas de vermelho, marrom e branco, todos eles indistintos. Eles balançavam e pulavam no ritmo da música, os chocalhos pontuando o ritmo de uma batida irregular. Quanto mais Connor os olhava, menos assustado ele ficava por causa do espetáculo.

Quando saíram das sombras para dançar nas vigas fantasmas brilhantes de luar iluminando o centro da sala, ele não fez nada mais do que piscar para poder melhorar o foco. Eles pareciam dançar ao luar fora do alcance da cama.

Olhando para trás de Adam, que parecia imperturbável pela presença súbita das aparições fantasmagóricas, Connor relaxou contra a colcha de novo, uma sensação de segurança e paz fluía sobre ele a cada golpe suave das mãos de Adam sobre suas costas e quadris.

Fechando os olhos, perdeu-se na sensação de peso de Adam, do toque sedutor. Ele suspirou e esfregou seu pênis revivendo contra a coberta. Empurrou a bunda no ar quando Adam amassou os seus globos firmes, espalhando suas bochechas. O ar mais frio da sala flutuava sobre a carne sensível e Connor estremeceu. O arrepio virou um gemido baixo quando a língua de Adam, quente e úmida, correu até sua fenda.

Adam brincava, penetrando-o com golpes profundos e escorregadios, em seguida, traçou a fenda até a ponta do cóccix de Connor. Ele repetiu a provocação lentamente mais de uma vez até que Connor se contorceu e empurrou contra sua língua, em busca de mais.

Seus joelhos ainda repousavam sobre as coxas grossas de Adam e sua pele suada fazia com que o equilíbrio de Connor ficasse instável. Ele torceu as mãos na colcha de cama e gemeu em suas dobras quando Adam espetou no anel apertado do ânus de Connor com a ponta da língua. Cada golpe, molhado e liso do músculo longo, grosso e inflamado, acabava com sua coragem. Cada impulso insistente violava sua abertura um pouco mais adiante, deixando para trás uma gota de saliva lisa, a língua acariciando o anel apertado e persuadindo-o a relaxar.

Puxando uma respiração profunda e depois soltando o ar lentamente, Connor sentiu o anel soltar e a língua de Adam mergulhar mais fundo em uma resposta imediata. Connor tentou empurrar a bunda e empalar-se na provocante língua, mas as mãos fortes seguraram suas bochechas abertas e prenderam-no com vigor contra a cama. Connor gemeu e entregou-se à tortura doce, ansioso que Adam fizesse com ele.

Uma vez que Connor relaxou, Adam enfiou a língua mais fundo ainda e lambeu as paredes do seu canal, lapidando-o em cursos longos e vigorosos que deixaram Connor instável e gritando contra o colchão.

A luz encheu a sala quando a lua cheia subiu para seu apogeu no céu noturno. Os dançarinos rodopiavam, fluxos de branco, nebulosos raios lançando através de suas figuras sombrias, dando substância e um brilho fantasmagórico para os finos, espectros sombrios.

Movendo-se no ritmo crescente dos tambores, Adam tirou uma mão do traseiro de Connor para golpear sua própria ereção por algum tempo, recolhendo parte do fluido viscoso que seu corpo secretou, usou-o para lubrificar o seu pênis.

Permitindo a troca de homem para lobisomem superá-lo, Adam continuou a lambar o canal de Connor. Ele usou a ágil língua canina para chegar mais no interior de Connor e golpear profundamente.

Connor empinou e se soltou sob o repentino peso crescente de Adam, que dava repetidas e vigorosas voltas sobre sua próstata sobrecarregando seus sentidos. As coxas de Adam cresceram e ficaram mais amplas, e pelos ásperos apareceram sob os joelhos de Connor. Os dedos quentes que se enfiavam em sua carne pareciam superaquecidos, almofadas calejadas igual lixas, e os grunhidos baixos, sedutores, que vinham de Adam, agora se transformaram em um baixo e emocionante rosnado de luxúria primitiva.

Ciente do que estava acontecendo, mas distraído demais para se concentrar no que isso significava para ele, Connor cavalgou a crista construindo seu clímax iminente até o topo da onda. Luzes piscavam por trás de seus olhos e o calor subiu pelo corpo, derretendo as vias nervosas ao longo do caminho. Ele estava pendurado em uma névoa de êxtase delicioso, suspenso no tempo. Mesmo a força áspera da língua de Adam espetando seu revestimento até a raiz em sua descontraída e esvoaçante bunda não puxou Connor de volta do plano surreal de abandono feliz.

Quando ele retornou à terra, Connor se viu sendo montado duro, suas nádegas batendo fortemente contra a virilha peluda de Adam, as cerdas dos pelos esfregando contra a abertura de seu corpo, inflamando-o e trazendo seu pênis de volta à vida.

Os braços de Adam estavam plantados de cada lado da sua cabeça. Eles foram substituídos pelos antebraços fortes de um lobo, as garras afiadas espalhadas sobre a colcha perto da cabeça de Connor.

A longa língua que explorava em seu interior agora estava lambendo-lhe a espinha e aninhando-se em seu pescoço. Dentes mordiscavam seus ombros. Mandíbulas fortes fixadas em torno de seu pescoço, um rosnado brincalhão retumbou em seus ouvidos, o que o deixou mais ou menos abalado.

A pressão dentro de seu ânus disse a Connor que o clímax de Adam estava se construindo. Ele empurrou para trás, espetando-se mais profundo.

Com o pênis totalmente ingurgitado e firmemente no lugar, dentro de Connor, Adam iniciou uma série brutal de rápidos fogosos golpes, batendo Connor contra a borda da cama.

Connor sentiu uma onda de líquido quente contra as paredes de seu canal, mas Adam não desistiu. O ritmo dos golpes aumentou até que Connor sentiu o próprio orgasmo brotando profundo no seu ventre. Cada impulso do duro e chocante ataque parecia bater em um interruptor que empurrava a um prazer maior, aumentando a necessidade e o desejo. Ele começou a empurrar de volta, combinando impulso contra impulso, soltando um gemido para cada gutural rugido soltado por Adam.

Uma onda súbita e inesperada de calor através do seu corpo queimou Connor, trazendo consigo uma onda de energia que deixou um rastro na pele arrepiada. Ele engasgou e impulsionou para trás, o desvanecimento da resistência estranhamente renovado. Um lampejo de luz chamou sua atenção e virou o rosto para ver um raio de luar que se estendia através da cama, iluminando os dois. Ao longo do ombro, o rosto feroz de um enorme lobisomem preto sorriu para ele.

Enquanto Connor observava, hipnotizado, Adam levantou o focinho para apontar para o céu à noite e soltou um uivo que abalou as vigas da cabana. Em resposta, os dançarinos das sombras rodopiaram em um frenesi de ritmo agitado e os ventos nas telhas. Do lado de fora um coro de uivos repetiu o apelo triunfante de Adam, e Connor sentiu algo dentro dele mudar e crescer.

Um estranho alongamento dos músculos chamou a atenção de Connor em seus braços, e ele observou que uma pele macia e branca pura rapidamente cresceu para cobrir a sua carne. Seus ossos reformularam-se e ele sentiu a sua mandíbula estender e alongar. Seu coração disparou e seus sentidos

formigaram. Um inacreditável poder e força percorreram seu corpo. Ele sabia que estava se transformando. Connor Jacy era um lobisomem agora.

Os cheiros da sala ficaram mais intensos e o cheiro de seu acoplamento com Adam queimou de desejo seu pau dolorido. Rosnando, ele se jogou no ritmo da paixão, atingindo e beliscando de forma acentuada o antebraço de Adam, sinalizando sua crescente necessidade.

Adam respondeu ao pedido sem palavras, diminuindo seus impulsos, fazendo golpes mais lentos, colocando mais pressão sobre o anel de nervo cheio de músculo na bunda de Connor, aumentando a sensação de plenitude e prazer.

Apesar do aumento do prazer, Connor resmungou e choramingou, querendo um caminho mais rápido para o orgasmo.

Um corpo pesado desceu nas costas de Connor quando Adam apoiou o peito contra ele, prendendo-o para baixo, segurando-o imóvel, deixando claro que era o macho alfa e que iria definir o ritmo.

Connor rosnou, então choramingou quando os impulsos pararam completamente. O sensual e lento movimento dos quadris de Adam empurrou o pênis grosso dele dentro de Connor, e ele o sentiu pulsando contra o seu canal revestido de sêmen. O fluido muito quente inundou suas entranhas quando Adam arqueou o corpo e ejaculou pela segunda vez, banhando as paredes de seu canal e estimulando sua sensibilizada próstata. À medida que os jatos do último orgasmo escapavam do pênis de Adam, os impulsos rápidos começaram novamente, e a paixão de Connor começou a subir mais uma vez.

Determinado a não fazer nada para diminuir a chegada de seu clímax, que precisava desesperadamente, Connor relaxou no ritmo. Adam tinha deixado pouco espaço para manobrar sua metade inferior, então ele empurrou o traseiro de volta para os impulsos selvagens e cerrou o ânus apertado no avanço, maximizando a pressão em sua abertura.

O som ritmado abalava seu corpo, quase esfregando a bainha eriçada de seu pênis vazando contra a borda do colchão. A sensação era como ter um ambiente aconchegante de uma mão deslizando sobre seu eixo. Connor empurrou para fora com seus músculos abdominais e conseguiu adicionar pressão para a ponta de seu pênis cada vez que ele escapava da grossa, recém-formada proteção da bainha.

De repente, as estocadas rápidas diminuíram, e Adam martelou uma série de incrivelmente profundos cursos longos. Connor sentiu como se ele pudesse provar seu amante quando o eixo de Adam disparou dentro do seu corpo. Connor experimentou a emoção avassaladora da satisfação sexual total, seu próprio clímax estourou do oco do seu ventre e patinou até o próprio eixo, arqueando a espinha coberta de suor, ao mesmo tempo em que Adam.

Connor tinha certeza que viu explosões de luzes brilhantes explodirem fora de seu corpo e dançar nos raios de luar cintilante, regando os dançarinos das sombras com uma camada de pó de prata.

A queda acelerada contra o colchão, preso sob o abraço confinante de Adam, Connor testemunhou as sombras voltarem a se fundir nos cantos da sala. Os sons das flautas e tambores começaram a enfraquecer com os ventos que sussurravam, até que se foram, substituídos por um alegre uivo que foi recolhido e levado por quilômetros.

Adam somou sua voz ao coro, ao poderoso som de tirar o fôlego. Connor, instintivamente, levantou o próprio focinho para o ar e acrescentou uma nova voz à matilha.

Sentindo-se saciado e desossado, flexionou os novos membros e relaxou preguiçosamente, examinando todas as mudanças fisiológicas em seu corpo. Um tremor brincalhão do pescoço acompanhado por um estreitamento acentuado ao seu ouvido o obrigou a se concentrar em seu amante.

Ele sentiu o encolhimento do pênis de Adam e apertou seu ânus para manter a deliciosa sensação de estar cheio enquanto podia.

Adam rosnou no fundo da garganta e se aninhou na bochecha de Connor antes de retirar o eixo completamente.

O luar agora enchia o quarto, os feixes de luz branca no centro da cama. Connor gemeu e rosnou quando Adam levantou-o do chão e colocou-o na cama. Ele observou com espanto sua pelagem espessa e branca da pele.

Adam desembarcou na cama ao lado dele, de repente de volta à forma humana, um suave olhar malicioso no rosto sorridente.

-Seus olhos ainda estão verdes. - Adam tocou o lado do focinho de Connor amorosamente, acariciando o pelo macio e fino. -Eu esperava que eles permanecessem inalterados após a transformação.

Connor tentou falar, mas não conseguiu, suas cordas vocais eram diferentes e só escapou uma série de lamentações. Adam continuou acariciando o rosto de Connor, acalmando o súbito pânico que se apoderou dele.

-Depois desta noite você vai aprender a controlar a mudança, dobrá-la à sua vontade. Você é forte e mais bonito do que predisseram as minhas visões. Nossa cabana foi verdadeiramente abençoada pelos espíritos. - Adam abraçou a forma ainda esbelta de Connor, deixando-o lambe seu rosto e lábios.

-Esta noite vamos correr como um só, e eu vou lhe ensinar os caminhos da nossa espécie. Vou lhe mostrar o que é a verdadeira liberdade, e você vai saber o que o espera fora destas paredes. Nós somos uma só alma e espírito, agora, juntos por toda a eternidade, filhos da lua. Lá fora, no meio da noite está o nosso destino entrelaçado. Deixe-me mostrar-lhe, Adada.

Mudando de volta para a forma de lobisomem, Adam saiu da cama com um ganido, acenando para Connor. Nervoso, mas emocionado e animado pelo poder e admiração da transformação mágica de seu corpo e alma, Connor se juntou ao seu amante.

Adam abriu a porta da cabana e, lado a lado, ele e Connor se aventuraram na noite de luar, sua vida e as aventuras apenas começando.



Sobre a Autora

Laura Baumbach escreveu *fan fiction*, contos, novelas, romances e roteiros.

Seu primeiro livro publicado foi uma coleção de curtas histórias de horror eróticas intituladas *Demon Spawn: Tales from Demon Under Glass*. Publicado em março de 2004 pela Sybaritic Press, foi vencedora dos prêmios de 2004 DIY para o melhor da ficção de fãs, assim como dois prêmios SCREWZ e dois prêmios SIZZLER. Obra de Deus, uma pequena história desta coleção foi nomeada para o HUGGIE AWARD. Ela contribuiu com três histórias de uma antologia segundo publicado em Março de 2005, *Demon Spawn2*.

Numerosos contos eróticos seus foram publicados em diversos livros on-line e-zines. Sua curta história erótica, *A Bit of Rough*, indicado para o

FRUYT AWARD em 2005, evoluiu em um romance erótico gay primeiro romance do mesmo nome, publicado em outubro de 2005 por Sybaritic Press.

Trabalhando em vários gêneros, ela é também a autora de O voo dos pardais, um ação/aventura thriller, e três roteiros, Detalhes de Hunt, Heartless e Segunda Alma. Ela está atualmente trabalhando em outro romance contemporâneo gay com um elemento de suspense, Calor Mexicano, situado no trópico úmido.

Para mais informações confira o seu site em:
<http://www.arkwolf.com/LauraBaumbach>.